

Prêmio Funarte de Dramaturgia

200 anos de artes no Brasil

Centro de Artes Cênicas
Ceacen/Funarte

INFÂNCIA E JUVENTUDE volume 1

PRÊMIO FUNARTE DE
DRAMATURGIA

200 ANOS DE ARTES NO BRASIL

VOLUME 1

Presidente da República

Jair Bolsonaro

Ministro do Turismo

Carlos Alberto Gomes de Brito

Secretário Especial da Cultura

Hélio Ferraz de Oliveira

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES — FUNARTE

Presidente

Tamoio Athayde Marcondes

Diretor Executivo

Marcelo Nery Costa

Diretor do Centro de Programas Integrados

Zé Alex

Gerente de Edições substituto

Carlos Eduardo Drummond

Diretor do Centro de Artes Cênicas

José Mauricio Moreira

Coordenadora de Teatro substituta

Mere Bezerra

Para adquirir nossas publicações, envie e-mail
para a Livraria Mário de Andrade: livraria@funarte.gov.br

Alguns de nossos títulos estão disponíveis para download gratuito:
<https://www.gov.br/funarte/pt-br/assuntos/edicoes-1>

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

PRÊMIO FUNARTE DE DRAMATURGIA

200 ANOS DE ARTES NO BRASIL

VOLUME 1

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Equipe de Edições
Cristiane Marinho
Gilmar Mirandola
Júlio Machado
Maria José de Sant'Anna
Rosilene Alves da Rocha

Equipe Coordenação de Teatro
Fernando Maatz
Maria José da Silva

Preparação de originais
BR75 | Aline Canejo

Projeto gráfico de capa
BR75 | Raquel Soares

Projeto gráfico de miolo
BR75 | Catia Soderi

Diagramação
BR75 | Catia Soderi

Revisão
BR75 | Clarisse Cintra e Rowena Esteves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
FUNARTE/Centro de Documentação e Pesquisa

Prêmio Funarte de Dramaturgia, 2021: 200 anos de artes no Brasil / José Mauricio Moreira, organizador. -- Rio de Janeiro : FUNARTE. Centro de Artes Cênicas, 2022. v. 1.

ISBN 978-65-5845-010-8

Conteúdo: A noite dos fantasmas / Gisele Garcia. -- Mailim e Sr. Stockler nas artes do tempo / Gizzela Mascarenhas. -- Conclavo dos bravos / Sandra M. Job. -- ...Foi na rua do grito / Cléber Tasquin. -- Brasil em cena! / Kaio Gomes Bergamin.

I. Moreira, José Mauricio (Org.). 1. Teatro brasileiro. 2. Peças teatrais. 3. Teatro infantojuvenil.

CDD B869.2

Copyright © Funarte
Todos os direitos reservados.
Fundação Nacional de Artes — Funarte
Av. Presidente Vargas, 3.131 — Cidade Nova — CEP: 20210-911
Rio de Janeiro — RJ | livraria@funarte.gov.br
www.funarte.gov.br

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
■ CONCLAVO DOS BRAVOS	9
<i>Sandra Maria Job</i>	
■ MAILIM E SENHOR STOCKLER NAS ARTES DO TEMPO.....	39
<i>Gizzela Mascarenhas</i>	
■ A NOITE DOS FANTASMAS	97
<i>Gisele Garcia</i>	
■ ...FOI NA RUA DO GRITO	149
<i>Cléber Tasquin</i>	
■ BRASIL EM CENA!.....	189
<i>Kaio Gomes Bergamin</i>	



APRESENTAÇÃO

A Fundação Nacional de Artes (Funarte) lançou, em 20 de setembro de 2021, o Prêmio Funarte de Dramaturgia — 200 Anos de Artes no Brasil. Executada pela Coordenação de Teatro do Centro de Artes Cênicas da Funarte, a ação teve como objetivo o incentivo à literatura dramática, premiando 30 textos dramáticos inéditos nas modalidades Teatro Adulto e Teatro para Infância e Juventude das cinco regiões do país. O edital do prêmio indicou a abordagem da temática dos 200 Anos de Artes no Brasil, no âmbito do Bicentenário da Independência do Brasil (1822-2022). Um importante desdobramento foi a possibilidade de publicação dos textos premiados em formato e-book com disponibilização na página eletrônica da Funarte.

Acompanhando o movimento da Funarte em aliar arte e inovação, a realização do Prêmio procurou estimular o surgimento de novos dramaturgos, valorizar o uso de novas tecnologias e mapear a produção da dramaturgia nacional. Pretendeu-se, ainda, valorizar os dramaturgos e os demais profissionais envolvidos na produção de Artes Cênicas que estavam, à época, com suas atividades interrompidas devido à pandemia da COVID-19.

Este empreendimento também coloca a Funarte em consonância com as atividades comemorativas do Bicentenário da Independência do Brasil (1822-2022), de acordo com a Comissão Interministerial Brasil 200 Anos. O investimento de R\$ 848 mil, dividido em seis prêmios para cada região (R\$ 20 mil a R\$ 35 mil), obteve os resultados esperados: fomentar a escrita dramaturgica, com o tema “200 anos de Artes no Brasil”; fomentar a dramaturgia brasileira, por meio de textos inéditos; incentivar a cadeia produtiva das Artes Cênicas; e promover a visibilidade de dramaturgos nacionais. É papel da Funarte, nos entendimentos e nas ações de sua atual gestão, aliar as novas tecnologias digitais aos métodos criativos, inovadores e democráticos de mediação entre a criação artística e o público em geral.

Por fim, tal ação intenta contribuir para a geração de empregos e renda a profissionais que atuam no segmento artístico do Teatro, fortalecendo a economia da cultura em suas dinâmicas específicas. Ao considerarmos que a difusão dos textos premiados na página eletrônica Edições Online traz em si expressivo potencial de montagem desses textos em 2022 e futuramente, a partir do tema “200 anos de Artes no Brasil”, a Funarte participa, de maneira efetiva, das comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil. ■

Tamoio Athayde Marcondes

Presidente da Funarte



CONCLAVO
DOS
BRAVOS



CONCLAVO DOS BRAVOS

Sandra Maria Job

Personagens

Onça-pintada

Onça-preta

Suçarana

Sabiá

Cachorro-do-mato

Galinha

Burro

Gralha

Coruja

Mico-leão-dourado

Papagaio

Sapo

PRIMEIRO ATO

CENÁRIO

Floresta, parte da manhã.

CENA ÚNICA

(Todos os animais conversam ao mesmo tempo. Ruídos de floresta.)

GRALHA

(Falando alto) Silêncio!!! Silêncio!!! *(Todos os animais sentam-se em semicírculo e se calam. O ruído da floresta cessa. Em tom mais baixo)* Esta reunião foi marcada com urgência. Pedi que fossem avisados da importância dela. *(Levanta um pouco os dois braços, com as palmas das mãos para cima, indagando)* Mas cadê a Paca, a senhora dona Arara...? *(Silêncio)* Enfim, a ausência delas e da dona Cobra, da Anta, do senhor Tatu... e dos demais será registrada em ata, pois, desta reunião, toda a animarada foi pelo Pombo-correio avisada.

**MICO-LEÃO-
-DOURADO**

Sem querer ser dedo-duro, eu bem que vi a senhora dona Cobra numa árvore... *(Rindo)* Toda bem enrolada.

PAPAGAIO

(Alto, voz esganiçada) Dedo-duro. Dedo-duro. Dedo-duro!

GRALHA

(Dirigindo-se ao papagaio) Isso, senhor Papagaio. Registra tudo. Você será responsável pelo conteúdo da ata.

PAPAGAIO

(Com cara de preguiça) Tudo?! Conteúdo. Ata. Ai, ai... Morri! *(Cai, fingindo desmaiar)*

GRALHA

(Olhando para o Papagaio no chão) Hummm, sei! *(Ordenando)* Voilà, Papagaio, voilà! *(Dirige-se a todos)* Vamos à nossa reunião. Ponto um... *(Em tom de confiança)* Habemos comemoração!

BURRO

Hein!? Surtou? *Habemos?* Quem é *habemos?*
 Não estou entendendo nada. Por que convocou
 a animarada para esta reunião, senhora dona
 Galha faladeira? Ou fala portunimalês,
 porque aqui ninguém fala gregunimal,
 ou eu vou me retirar!

GRALHA

Calma, senhor Burro. Eu aconselho o senhor
 a ficar. O assunto é importante. Com certeza
 vai lhe interessar.

**MICO-LEÃO-
-DOURADO**

*(Enquanto fala, vai de um lado para o outro,
 dando tapinhas na cabeça dos animais que estão
 no caminho)* Ih, que enrolação! Agora que
 começou a rimar, aguenta coração. Essa reunião
 vai ser pau, meus *animirmão!*

GRALHA

(Séria) Basta de macaquice, senhor Mico-leão.
 Nem venha com bobices, esquisitices, que hoje
 não estou com saco pras suas maluquices!

**MICO-LEÃO-
-DOURADO**

(Sem graça, senta-se) Aeeê! Foi mal, aeeê! Perdoa
 eu, dona Galha. Perdoa aeeê!

GRALHA

(Ignorando o Mico-leão) Pois bem, como eu estava
 dizendo, antes de ser interrompida, *habemos*
 comemoração. *(Virando-se para o Burro)* E com
 isso eu quero dizer que vamos ter uma grande
 comemoração nesta nossa grande nação.

(Todos se mostram surpresos.)

- TODOS** Ohhhhhh!!!!
- SABIÁ** Mas como assim? Comemorar o quê? O que a senhora, dona Gralha, está inventando agora...?
- GRALHA** Ei... Alto lá! O que está falando aí? Saiba, senhor sábio Sabiá, que eu não estou inventando. Ouvi, de fonte segura, que uma comemoração, em terras brasilienses, em breve acontecerá. Quem viver verá.
- ONÇA-
-PINTADA** Ora, vá logo ao ponto. Conte lá. O que é que se vai comemorar?
- GRALHA** Pois, então, dona bonita Onça-pintada, o que se vai comemorar é a chave da questão. E o fato comemorado é fato para ser sempre bem lembrado.
- BURRO** Arre, égua!!! Que já estou em cólicas e a ponto de dar coice pra todo lado. Parece cobra da bem enrolada. Adianta o soneto, animirmã, e dá logo fim a esse segredo.
- CORUJA** (*Piando*) Pruuu! Pruuuu! Já vi que isso não vai prestar.
- CACHORRO-
-DO-MATO** (*Dirigindo-se à Coruja que está ao seu lado*) Eu só sei que nada sei! E me parece que vamos entrar é num mato sem cachorro.

ONÇA-PRETA *(Impaciente, vai para o centro do semicírculo)*
 Calem-se, calem-se todos, bando de humanos!
 Seus matracas. O assunto é sério. *(Aponta um dedo para todos, menos para a Gralha)* Seus energúmenos!

**CACHORRO-
 -DO-MATO,
 CORUJA E
 BURRO**

(Entreolhando-se, juntos dizem) Ine o quê...?

BURRO

(Fazendo careta, dirige-se à Onça-preta) Credo! Seu filhote de cruz-credo! Humanos, não. Aí já está apelando. Xinga, mas não ofende, não.

ONÇA-PRETA

Desculpa, desculpem.... Mas, poxa, vocês... *(Sapateando)* tiram até santo do eixo. Parecem o 5º ano C, o 7º ano D da senhora dona professora Corujinha. *(Dirigindo-se à Gralha)* Vai, dona Gralha, explica aí que a comemoração da qual a senhora fala é o Bicentenário da Independência do Brasil. *(Dirigindo-se a todos)* Não sabiam??? Que é? Fugiram da escola? *(Empolgada)* Duzentos anos, meus animarmigos. São duzentos anos. Há que se comemorar. *(Cantando)* “Liberdade! Liberdade! Abre as asas sobre nós...” *(É interrompida pela Suçuarana, que se levanta falando)*

SUÇUARANA *(Caminhando lentamente, balançando a cabeça em negativa, até onde está a Onça-preta, no centro do semicírculo)* Ora, ora, ora...! Independência!!! Muito me admira a senhora, dona Onça-preta, justo a senhora que há poucas semanas perdeu o marido, assassinado por um caçador, rugir em alto e bom som que há muito a se comemorar. *(Ruge brava)* E ainda sobre liberdade cantar... Ora, ora, ora...

(A Onça-preta abaixa a cabeça e volta a sentar-se onde estava.)

PAPAGAIO *(Assustado. Bate asas. Uma ata feita de madeira na mão. Voz esganiçada)* Assassinado. Nado. Nado. Bala. Cuidado. Humano malvado!

GRALHA Te acalma, velho Papa. Te acalma. *(Dirigindo-se a todos em tom confidencial, de fofoca)* Que é isso, animarada?! Vocês são tão espertos e ainda não entenderam?! Vou revelar minha intenção e o motivo desta reunião. Fiquem de olhos e ouvidos bem abertos. Pois bem... Segundo ponto: fiquei sabendo que, no dia da comemoração, haverá uma festa de confraternização. Muita gente famosa e também gente pouco formosa foi convidada para esta celebração. E aqueles e aquelas pelos quais há tempos esperávamos, desta e daquela geração, estarão na comemoração. Então, só nos resta decidir, hoje, nesta nossa reunião, quem de nós irá participar dessa grande ocasião.

BURRO

(*Temeroso*) Ir? Não sei se a ideia é boa. Nem fomos convidados para essa festa de humanos. Chegar assim, de surpresa, sem sermos esperados... Não, não é boa ideia.

GALINHA

(*Com ares de valentia, levanta-se*) Deixa de ser molenga, seu Jumento. (*Dirigindo-se à Gralha*) Senhora dona Gralha, sabe me dizer se a ilustre senhora dona Clarice escritora Lispector na comemoração estará?

GRALHA

Mas é isto, minha animarada... *Eles e elas tudin* estarão lá. Os representantes da arte brasileira são os convidados de honra para a comemoração do Bicentenário da Independência do Brasil. É, pois, chegada a hora da nossa direta intromissão. Só não entendo, senhora dona Galinha, que mal lhe diga, o motivo da sua intenção. Nada de cocoricocó, nem cicici, nem história pra boi dormir. Vamos nos ouvir, antes de partirmos, para ver se é justa a intromissão de cada um que quiser ir.

GALINHA

(Triste) É o ovo. Quero o meu ovo de volta. Não é justo que a senhora dona Clarice escritora Lispector não devolva o meu ovo que ela usou como quis, quando escreveu aquele conto que minhas irmãs nunca entenderam foi é nada. *(Dirigindo-se à plateia)* E tenho certeza de que muitos aí nem leram “O ovo e a galinha”. E me pergunto, se leram, quantos terão entendido a metáfora do ovo e da galinha? Também não tô nem aí se não entenderam. *(Balança as asas pra indicar indiferença)* Eu só quero o meu ovo de volta, já que ninguém o entende mesmo. *(Implora)* Devolvam o meu ovo... Mas só a senhora dona Clarice escritora Lispector, ela, sim, poderá me ajudar.

SABIÁ

(Levanta-se, dirigindo-se à Galinha) A dona Galinha está mais do que certa. Pega, sim, seu ovo de volta, boba. *(Dirigindo-se à Galinha)* Também quero o que é meu por direito. E, sim, eu vou à festa do Bicentenário da Independência. E digo mais: vamos transformar essa festa numa Semana de Arte mais que moderna, revitalizada. Para isso, nossa intromissão é necessária. Muitos dos artistas brasileiros que produziram ao longo desses duzentos anos estarão lá, certamente. Ou seja, aproveitaremos para fazer do acontecimento outra Semana, igual ou quiçá melhor que a de 1922. E eu ficarei, finalmente, frente a frente com o ilustre senhor Gonçalves Dias. Não vejo a hora. São Paulo fica longe, animaral. Vamos agilizar. É melhor partimos e é já!

GALINHA

Mas no que vai querer se intrometer um pobre Sabiá qualquer na escrita de pessoa tão ilustre?

SABIÁ

Ora, mas que pergunta capciosa! Gonçalvesinho, minha cara, precisa saber a verdade. E como ele tem toda a minha lealdade... Tudo para ele eu vou contar. Conto mesmo, boba!

GALINHA

Caps... Quê?! *(Ri)* Co-có co-có!!! O que um bom alpiste não faz, hein? Faz Sabiá cantar bonito!!! Mas de que verdade você fala, Bibiá?

SABIÁ

Como é sabido, Gonçalves Dias, o Gonçalvesinho, cantou “Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá”... Ele precisa saber que as coisas mudaram. Duzentos anos depois, poucas palmeiras há. No machado, na serra elétrica e no fogo tem sempre a mão humana dizimando tudo. E ele precisa fazer algo a respeito, senão onde eu irei cantar?

BURRO

(Dirigindo-se à Galinha) Senhora dona Galinha, para seu conhecimento, eu sou um Burro, e não um Jumento. E... *(Dirigindo-se à Galinha)* Já entendi, dona Galinha faladeira, a sua intenção. E, embora eu não tenha nenhuma intromissão a fazer... *(Vira-se para a Galinha)* Exceto não ser confundido com um Jumento... *(Dirige-se à Galinha)* Estou com vocês, e juntos poderemos formar um conjunto, isto é, ter uma meta em comum. Estou dentro!

GRALHA

Que bom, senhor Burro! A intromissão nossa é justa. (*Dirigindo-se a todos*) Mas lhes confesso que me assusta a ideia de encontrar o Machado, o Lima Barreto, o velho e querido Dalcídio Jurandir e até, talvez, quem sabe Nhinhinha com o Guimarães Rosa. Já pensaram? Que emoção...!!! Queria tanto ver a Nhinhinha... Pedir um milagre, um incentivo para a cultura dessa nossa nação e uma ajuda para preservar o pouco de vida que pulsa no coração das matas e florestas desta azul imensidão.

PAPAGAIO

(*Animado, voz esganiçada e alta*) Nhinhinha. Nhinhinha! Pruuuuutacotataco!

GRALHA

(*Olha séria para o Papagaio, dirigindo-se a todos*) Enfim... A gente precisa se organizar, animarada! Vejamos quem mais vai para a comemoração e quem vai “causar” na Semana de Arte Revitalizada.

SAPO

(*Com ar indeciso, dá três pulos e para no centro do semicírculo*) Vou. Não vou. Se vou. Não sei. Sei. Não sei. Ai, Manuelzinho... Vou, não vou... (*Emite três coaxos e volta para o semicírculo*)

PAPAGAIO

(*Voz esganiçada. Fazendo chacota*) Sai debaixo, Sapo, senão eu te esborrachooo... Pruuuuutacotataco!

SAPO

(Fala como se não quisesse que o Papagaio escutasse)
 Papagaio infernal. *Demonho!* *(Com raiva)* Ah, se eu te pego, ai, ai, se eu te pego, *Demonho*, eu te depeno! *(Alto, dirigindo-se à Gralha)* Olha esse Papagaio, dona Gralha. Eu sei que ele está me tirando por conta do ocorrido com um parente meu que foi numa tal festa no céu. Toda a floresta sabe dessa história. Dá um jeito nele ou não respondo por mim!!!

GRALHA

(Irritada) Vocês dois não me irritem, não. Não me irritem, não. Que inferno...! *(Bate as mãos)*
 Ordem. Ordem!

ONÇA-PRETA

(Levantando-se, chama) Senhora dona Gralha, senhora Gralha?! A fala da minha amiga Suçu me fez refletir. Ver o outro lado dessa comemoração. E eu vou, com certeza. Estou louca para encontrar o Peri, que, com certeza, estará lá. E, se o excelentíssimo José de Alencar estiver, melhor ainda. Quero explicações e talvez até peça modificações n'O *Guarani*. Onde já se viu?! Ele fez Peri matar lá uma minha parenta... E há poucos dias mataram o senhor meu marido e esposo, como bem lembrou a dona Suçu. Duzentos anos depois e é isso... Meia dúzia de onças da minha espécie. Meia dúzia de indígenas... *(Dirigindo-se a todos)* Peri precisa saber dessa festa, animarada. *(Dirigindo-se à Gralha)* E eu vou, vou, sim. Ah, se vou! E vou para pedir proteção, que parem com essa matação na vida real. Estou dentro.

CORUJA

(Piando) Pruuu! Pruuuu! Já vi que isso não vai prestar!

SABIÁ

Cale-se, aí, Coruja. A dona Onça-preta está mais que certa. Processa eles, tonta. (*Dirigindo-se à Gralha*) Também quero o que é meu por direito. E penso que a dona Palmeira também devia ser convidada. Afinal, todas estão sendo covardemente derrubadas. E, assim, o poema do Gonçalves cada dia fica mais desatualizado... “Minha terra tem palmeiras”... Bah!!! Isso há duzentos anos, né, não, animarada??!! (*Melancólico*) Ah, que saudades eu tenho das palmeiras da minha terra!

SUÇUARANA

(*Levanta-se e balança a cauda*) Ora, ora, ora...! E não é que esta reunião começou a ficar animada agora? Ora, Ora, Ora!

**CACHORRO-
-DO MATO**

(*Levanta-se*) Já que é assim, também vou aproveitar o momento e vou *intrometizar* junto ao... Lá... Lá... Àquele, àquele, animarada, àquele... Poxa...! Àquele, àquele que eu esqueci o nome... Ai, como é que é...?

**ONÇA-
-PINTADA**

(*Rindo*) Aquele quem? Se nem o nome tu lembrás... Assim tu nos deixas num mato sem cachorro. (*Todos riem, menos a Gralha*)

GRALHA

(*Séria*) Parem! Silêncio!! Ordem... Ordemmm!

**CACHORRO-
-DO-MATO**

(Dirigindo-se à Onça-pintada) Não achei graça na piada, sua gatona emproada. *(Volta-se para a Galha)* Então, *dona Galha*, ele, desse do qual falo, ele até pouco tempo era pouco falado. Talvez, por isso, eu não tenha do nome dele lembrado. Mas lembro que é do Rio de Janeiro, escrevia sobre a vida urbana dessa cidade. Foi jornalista. Poxa, como pude esquecer... Inclusive, nas obras dele a temática do racismo, preconceito está muito presente... *(Dirigindo-se a todos, pedindo ajuda)* Aquele, animarada, aquele... *(Dirige-se à plateia pedindo ajuda)* Como é mesmo o nome???

BURRO

(Levanta-se) Ah, mas claro, você fala do Afonso Henriques de Lima Barreto, o grande, super-Lima Barreto, óbvio!

TODOS

(Em tom de admiração) Ohhhhh!!!

GRALHA

(Surpresa) Mas que raios o senhor Cachorro quer *intrometizar* junto ao excelente Lima Barreto, ora essa...?! Vai me dizer que quer conhecer a Clarinha dos Anjos?

**CACHORRO-
-DO-MATO**

Escutem bem, meu problema é que eu e os primos temos sido comparados ao horrível, ao desprezível Cassi Jones, Keissi Jones... Sei lá como pronuncia esse nome. Os leitores, após conhecerem o Keissi Jones, logo o chamam de Cachorro... Veja se isso é certo, minha senhora, ter nosso nome associado a tão vil espécie inominável de animal racional? Então, é isso, senhora dona Galha e colegas aqui presentes, quero... (*Exaltado*) Eu exijo do senhor, grande e querido Lima Barreto, que ele conserte aquele vil sujeito e aproveite e dê aulas de racismo e direitos humanos àquela repelente mãezinha do Cassi Jones. Gente mais desprezível! Parentes dessa corja??? Jamais! Respeitem o honrado e nobre nome Cachorro.

TODOS

(*Palmas, assentindo com a cabeça*) É isso aí. É isso aí. Muito bem. Muito bem. Apoiado!

PAPAGAIO

Apoiado! Muito bem! Muito Bem! Prutacotataco!

GRALHA

É justa sua *intrometização*, senhor Cachorro-do-Mato. Por um segundo, pensei... Ah, deixa para lá.

**CACHORRO-
-DO-MATO**

Gralhe, dona Galha, por favor... O que a senhora pensou?

GRALHA

Pensei que sua pendenga fosse com o nobre senhor Graciliano Ramos, que, por ironia, nomeou uma sua parenta, mais magra que linha de pescar, de Baleia.

**CACHORRO-
-DO-MATO**

Baleia, bem sei, é uma das tristes metáforas da arte para a triste realidade brasileira. Nada tenho a *intrometizar*. Só tenho a lamentar a fome daquela e de tantas outras Baleias.

**ONÇA-
-PINTADA**

(*Levanta-se*) Animarada, animarada!! (*Tenta chamar a atenção para si*) Vejo que todos aqui têm motivos, *intrometizações* muito justas. O fato é que, de um jeito ou de outro, cada um aqui e outros que não quiseram ou não puderam vir a esta reunião tiveram nomes registrados por algum renomado escritor, pintor ou escultor. Vejam, eu também fui alvo do pincel e das tintas do artista plástico João Sebastião Costa.

TODOS

(*Espantados*) O quê? Como é que é?
Mas quando isso???

SUÇUARANA

(*Levanta-se. Balança a cauda*) Ora, ora, ora...!
Mas que maravilha! (*Emocionada*) Tanta beleza e formosura numa tela quem diria, minha filha! Ora, ora, ora!

BURRO

(*Meio perdido*) Eu nunca vi tais pinturas. E sou qual tal o Jacaré Tomé: só acredito vendo.

**ONÇA-
-PINTADA**

(Ainda de pé) Sim, sim, animimigos. E, sim, sim, senhor Burro, João Sebastião da Costa se lembrou de mim. E outros também, como Petterson Silva. *(Cabisbaixa)* Mas, mas... Não riam.... É que... Sempre me... me perguntei por que a senhora dona pintora Tarsila e a dona senhora pintora Anita Malfatti nunca... Até onde sei, claro. Vejam, sou tão expressiva, impactante e, vejam, *(Aponta o próprio corpo)* toda pintada. *(Faz beicinho)* Por que nunca fui por elas retratada, animalar? Será por causa do meu porte meio fora do peso??!!

SABIÁ

(Levanta-se) A dona Onça-pintada está mais que certa. *(Indignado)* Por quê? Por quê? Hein? Por quê?! O que elas têm contra a dona Onça-pintada, hein, hein? Não, isso me parece estranho... Há que se investigar o caso. *(Dirige-se à Onça-pintada)* Pergunta. Senão eu pergunto para elas. Pergunto mesmo, que nem sou bobo. Ah, se pergunto!

GRALHA

Ouquei... Ouquei! Mas alguém gostaria de *intrometizar* em alguma coisa? *(Olha em volta)*

(Silêncio por alguns instantes.)

GRALHA

Animarada, são duzentos anos de Brasil independente, de arte, política, enfim de vida própria no Brasil. É agora ou só daqui a cem anos. Pensem se... *(Estampido de bala. Cai, ferida, no chão)*

PAPAGAIO

(Todo espavorido, batendo as asas) Bala! Bala! É tiro. Socorro!

BURRO *(Desnortado, dando coice)* Fugam! Fugam! Salve-se quem puder correr.

**CACHORRO-
-DO-MATO** *(Dando voltas no mesmo lugar)* Caçador! Caçador! Humano malvado à vista!

PAPAGAIO *(Todo espavorido, ainda batendo as asas)* Caçador! Humano malvado! Pruuutaco! Fuiii! *(Sai “voando”)* Tatacooo!

(Todos em polvorosa. O macaco arrasta a Gralha. A Onça-pintada, a Preta e a Suçuarana não fogem e avançam, rosnando ferozes, em direção à plateia. Fecha a cortina.)

SEGUNDO ATO

(Mesmo cenário. Entram a Suçuarana, a Onça-preta e a Onça-pintada.)

**ONÇA-
-PINTADA** *(Fala enquanto caminham para o centro do palco)*
Este miserável não volta mais. Menos um covarde!

SUÇUARANA *(Parando no centro do palco)* Ora, ora, ora...
Onde se esconderam todos? E agora? Ora, ora, ora!

ONÇA-PRETA *(Olhando ao redor)* Vejam ali! *(Aponta para um lado)* E ali atrás daqueles arbustos! *(Alto)* Ei, animalera! Podem sair do esconderijo. O miserável covarde, matador de animais, fugiu, levando debaixo do braço o fuzil. Esse não volta mais.

(Os demais, ainda temerosos, do esconderijo, olham tudo em volta e vão saindo devagar)

**MICO-LEÃO-
-DOURADO**

(Aproxima-se, ainda temeroso, da Onça-pintada) Está firmeza a área? Certeza? Não posso correr risco. Estou já quase extinto, como a senhora bem sabe, dona Onça-pintada.

**ONÇA-
-PINTADA**

Tá tranquilo! *(Triste)* E a pobre da senhora dona Galha? Morta? Mais um de nós...

**MICO-LEÃO-
-DOURADO**

(Aproximando-se) Por sorte, o tiro passou de raspão. Ela está viva. Só a asa que ficou um pouquinho avariada. Ela já vem. Não aceitou cancelar a reunião. *(Olha para o lado)* Alá, ela! Já vem vindo ela.

(Entra a Galha.)

GRALHA

(Colocando ordem) Vamos, animarela! Vamos continuar. *(Todos vão se aproximando, retornando aos seus lugares e sentando-se)* Depois do ocorrido, vocês viram: nós corremos perigo. Agora mais do que nunca... Precisamos, nesse Bicentenário da Independência, nos pronunciar. Onde estávamos mesmo?

- SUÇUARANA** Eu... (*Levantando o braço*)
- CORUJA** (*Piando*) Pruuuu, pruuuu. Ihhh, lá vem a mesma história de sempre! Isso não vai prestar.
- TODOS** (*Olhando para a Suçuarana. Os que estiverem do lado dela se jogam sobre ela*) Não. Definitivamente, não, Suçu!
- BURRO** Já até sabemos. Até eu, inclusive, já sei. Vai querer fofocar para o Machado de Assis, o Castro Alves e o Gonçalves que os críticos esconderam a ascendência negra deles, né isso? Que críticos e pintores os pintaram bem branquinhos... Outros os chamaram de pardos, mulatos, mas negros ou pretos, não. E dla, dla, dla, dla, dla... (*Ri*) Deixa de ser fofqueira, Suçu.
- GRALHA** (*Dirigindo-se à Suçuarana*) Ah, ruge sério, Suçu! Será que dá? Bora pensar. Falar sobre raça, racismo, no Bicentenário da Independência do Brasil...???
- SABIÁ** (*Enfático*) Mas é claro que dá. É um momento único e histórico de um país. Há duzentos anos o grito de “Liberdade ou morte” foi proferido. E ao longo desses longos anos muitos outros gritos se fizeram necessários para que a soberania do país e da liberdade dos seus filhos...
- GRALHA** (*Interrompendo, impaciente*) Sim, senhor dom Sabiá. Concorde, mas a questão, meu filho...

ONÇA-PRETA *(Interrompendo)* Não tem mas, nem meio mas, senhora dona Gralha. Com todo o respeito, a pauta é necessária. E pense: quem ao longo desses duzentos anos tem dado voz às agruras da vida dos que nunca antes tiveram a voz ouvida? Pense, se não foi, se não é a arte, os artistas que imortalizam o bem e o mal, o belo e o feio, e assim o fez a arte brasileira nesses duzentos anos. Sim...
(Dirige-se à Suçuarana) Como bem diz o senhor dom Sabiá, sim, conte tudo, dona Suçu. Conte tudinho mesmo, boba, sobre tudo quanto é racismo, preconceito. A arte brasileira saberá nos representar.

GRALHA *(Dirigindo-se a todos)* A senhora está certa, dona Onça-preta. Sim, vocês estão certos. Então, ficamos assim, animarada: partiu Brasília e São Paulo. É nossa hora, até que enfim. No caminho, cada um arrebanha os parentes, os amigos e os vizinhos. O ponto de encontro é o Bicentenário da Independência do Brasil, em Brasília. De lá, rumamos para a Semana de Arte Revitalizada em Sampa. Estão prontos?

TODOS *(Levantam-se)* Sim, senhora dona Gralha! Estamos prontos e prontas.

PAPAGAIO Pronto. Pronto. Prutacotataco! A mulher do macaco. Ela fuma, ela pita, ela faz o tabaco. Pruuuuutacotataco.

GRALHA Cale-se, Papagaio dos infernos!

PAPAGAIO *(Com ares de medo) Cale-se. Cale-se. (Baixinho) Prutacotataco!*

GRALHA *(Dirigindo-se a todos) Então vamos! Sigamos avante! (Com braço erguido, faz sinal para que todos a sigam)*

TODOS *(Em fila indiana; por último, a Coruja. Cantam de frente para a plateia)*

Já raiou a liberdade
 Já raiou a liberdade
 No horizonte do Brasil
 Ou ficar a pátria livre
 Ou morrer pelo Brasil
 Ou ficar a pátria livre
 Ou morrer pelo Brasil

(Ainda em fila indiana, ficam de lado e iniciam a saída do palco.)

TODOS *(Saem, enquanto cantam e a cortina vai fechando lentamente)*

Liberdade! Liberdade!
 Abre as asas sobre nós!
 Das lutas na tempestade
 Dá que ouçamos tua voz!
 Liberdade! Liberdade!

CORUJA *(Espreitando pela fresta da cortina. Expressão consternada. Piando) Pruuu! Pruuuu! Isso não vai prestar, oh, céus! Que o nobre senhor escritor Aluísio Azevedo me ajude! Pruuuuu!*

SUÇUARANA *(Coloca a cabeça acima da cabeça da Coruja e olha para a plateia)* Ora, ora, ora... Com quem está falando aí, senhora Coruja? Vem timbora pra luta, ora, ora, ora! *(Sai de cena. Coruja fica)*

SUÇUARANA *(Sem se mostrar, puxa Coruja pelas costas)* E é agora, senhora Coruja. Ora, ora, ora!!! *(Fecha totalmente as cortinas)*

TERCEIRO ATO

CENÁRIO

Floresta. Entardecer.

CENA ÚNICA

*(Sabiá e Gralha estão conversando.
Entra a Onça-pintada mancando.)*

GRALHA *(Chamando)* Ei, dona senhora Onça-pintada!? Ei... *(Onça-pintada aproxima-se)* Mas não é que é a senhora *mesmooo!*? Há quanto tempo eu não a via! Por onde andou? Vejo que a senhora emagreceu. Mas me conte, me conte tudo que nos últimos meses viveu... Enfim, tudo que se passou.

**ONÇA-
-PINTADA**

(Em tom de lamento) Ah, senhora dona Gralha... Faz tempo, sim, desde aquela nossa reunião. Onde vi muita união. Mas me conte a senhora: houve a tal confraternização? Não sei se a animarada ficou sabendo, mas, no caminho, a floresta foi bruscamente, por um tal de asfalto — dizem que é esse o nome —, cortada. E, ao tentar atravessar o tal asfalto, um animal veloz, enorme, gigante, de outro planeta, *bammmm*, me pegou em cheio... Voei, sem ter asas, e num salto fui parar longe, nesse tal de asfalto. Depois acordei numa jaula toda branca, muito estranha. Mas lá me trataram muito bem. Depois de um tempo, me enjaularam num caixote muito estreito. Quando abriram, acho que por descuido, uma portinha e vi que diante de mim a minha floresta estava, esperta, eu, mais que depressa, fugi. Nunca mais os vi. De lembrança deste triste acontecimento, só a perna que... *(Dá dois passos mostrando que manca)* claudica um tantinho. Mas, vai, me conta aí... E a tal Semana de Arte Revitalizada? Senti tanto não estar lá... E com a senhora dona Anita e Tarsila não falar.

SABIÁ

(Incentivando) Conta, conta, conta tudo, dona Gralha faladeira. Se não contas tu, conto eu. Conta, conta mesmo, boba.

GRALHA

Calma, aí, senhor Sabiá. Vou contar... (*Dirigindo-se à Onça-pintada*) Pois, então, senhora dona pintada Onça-pintada. Nem tudo foram alpistes ao longo da viagem. Vou começar aí, pela viagem. Como sabe, fui atingida por um tiro e tive a asa avariada. Então não pude ir voando, sentindo a aragem. Fui de carona no lombo do senhor Burro. Até aí tudo bem, pois cheguei em São Paulo viva, embora quebrada. Só conseguia andar assim... (*Dá uns passos com as pernas abertas, corpo travado/duro*) Feito árvore do solo arrancada. Triste, porém, foi a viagem da senhora dona Onça-preta, que, no caminho, por um cruel e covarde caçador foi alvejada. E dizem que a linda pele teve toda do corpo retirada. Vendida por vinte reais... Vinte reais é o preço da vida animal neste Brasil... E, às vezes, o valor é o prazer sádico de matar e ver morrer. Agora, da espécie dela, só restam mais uma dezena... Que pena! E me pergunto: e daqui a cem anos?

SABIÁ

Uma linda espécime a dona Onça-preta. Eu também me pergunto, senhora dona Gralha, pergunto mesmo, boba. Se em duzentos anos conseguiram reduzir muitos de nós a meia dúzia, no tricentenário seremos apenas uma tela pintada a óleo? Um pássaro caído num papel escrito em letras pretas? Bem capaz. Eu também me pergunto, dona senhora Gralha, não sou tolo. Todos os dias me pergunto, sim.

**ONÇA-
-PINTADA**

(Senta-se meio deitada) Por isso queria ser também por dona Tarsila e Anita immortalizada. Não sei quanto tempo a minha espécie resta. E não pude falar-lhes...

GRALHA

(Consolando-a) Pela arte, ao longo desses dois séculos de Brasil independente, a sua espécie foi muito bem cantada. Quanto a isso, não se apoquente. E, por isso, à arte brasileira dou mil vivas. Aos Limas Barretos, Clarices, ao *Ou isto ou aquilo*. Ah, dona Onça-pintada, se eles e elas tivessem visto... Toda uma constelação se fez presente na Semana de Arte Revitalizada, naquela confraternização.

**ONÇA-
-PINTADA**

(Ergue-se um pouco, mostrando interesse) E as estrelas ouviram as nossas intromissões?

GRALHA

Todos se encantaram com as nossas observações. Falaram que nunca tinham pensado sobre o nosso ponto de vista. Falaram ainda que as nossas considerações são importantes para a arte da nova geração.

SABIÁ

(Reforçando) Isso, isso mesmo. Falaram, falaram mesmo, e bonito! Inclusive, até, o Gonçalves, que chorou feito bebê quando da situação da Palmeira e dos meus irmãos lhe contei. Contei e contei *mesmo*, boba.

GRALHA

E até a senhora dona escritora Clarice sentou-se com a Galinha e lhe pediu humildemente para que deixasse o ovo ficar no conto dela.

Disse que era muito importante, de suma importância a metáfora escondida naquele ovo. Falou tão bonito, esse povo fala bonito que nem uma coisa, que nem sei de tão bonito... Tão bonito falou, explicou, pediu que, no fim, a Galinha foi num cantinho, botou outro ovo e deu para a dona Clarice, a escritora.

SABIÁ

Outro que falou, falou mesmo, que nem é bobo, nem nada, foi o Barreto. Anima, do céu... O cara deu uma aula para o Cachorro-do-mato. Disse-lhe que nunca se comparasse ao Cassi Jones, pois o Cachorro-do-mato era mil vezes melhor. E que, quando criou, criou não, tirou da realidade os Cassis Jones e os colocou na vida da Clarinha, ele fez isso para denunciar o que esses calhordas andavam e andam fazendo com as moças negras. Era um aviso para a sociedade. E disse ainda que se preocupa demais com o racismo e a situação da mulher na sociedade. Que elas, assim como nós, têm sido covardemente assassinadas. (*Respira fundo, admirado*) Falou bonito por demais... Que nem sei te contar. Nem sei mesmo, boba!

GRALHA

Imagina, da Independência ao hoje, é *muito* tempo. Muitos anos, muita história. E, claro, muitos artistas, de escritores a pintores, a arquitetos, a fotógrafos... E todos estavam lá. E não é que em Brasília fomos recebidos por Oscar Niemeyer? Foi, foi, sim. E todos e todas as estrelas educadamente nos ouviram, e todos, sem exceção quase, acharam justas nossas intromissões... E o nobre senhor Machado de Assis? Nem te conto... Ele ficou *cho-ca-do* ao saber do seu embranquecimento nos livros. Achou um acinte e uma ofensa à sua memória. E disse que, por essas e outras, devemos ficar sempre muito atentos e que contava conosco, imagina isso?, para essa vigilância — do meio ambiente, da discriminação de quaisquer tipos. E já marcou conosco, disse que nos espera no Tricentenário da Independência.

**ONÇA-
-PINTADA**

(*Surpresa, chocada, levanta-se*) Hein???
Tricentenário? Ai, minha outra perninha...
(*Alto*) Socorro!!!

GRALHA

(*Saindo de cena, com Onça-pintada e Sabiá, e rindo*)
Coragem, dona Onça-pintada... Porque nós iremos,
de um jeito ou de outro. Quem viver verá!

(*Saem de cena, enquanto Coruja, de um ponto oposto, surge.*)

CORUJA

(*Sorradeira, desconfiada, dirigindo-se à plateia*)
Pruuuu... Pruuuu... É o que eu digo: isso não
vai prestar!

SUÇUARANA *(Só a voz, como se viesse do além)* Ora, ora, ora...
Dona Coruja! Já é o fim dessa história. Vai-te logo embora. Ora, Ora, Ora.

CORUJA *(Trêmula, com medo)* Pru-uu-uu-uuu... Fan-fan-fan-tas-ma-ma?! É o fantas-tas-ma da senhora dona Onça-preta. *(Coloca um braço sobre os olhos. Outro braço, mão aponta para a plateia)* Vá para a luz. Vá para a luz! Lá, com eles! Vá!

SUÇUARANA *(Forte)* Vai-te embora, agora! *(Sopra com a boca)*
Vuuuuuu-u-u-u-u!

CORUJA *(Coruja sai “voando” rápido, enquanto fala, com voz trêmula)* Pruuuuu... Pruuuuu... Aiii, que medo!

SUÇUARANA *(Saindo de trás de alguma árvore ou cortina, caminha em direção à plateia)* Ora... Ora... Ora! *(Dá um salto como se fosse atacar a plateia e ruge. Fecha a cortina)*

FIM ■



MAILIM E
SENHOR
STOCKLER
NAS
ARTES
DO TEMPO

MAILIM E SENHOR STOCKLER NAS ARTES DO TEMPO

Gizzela Mascarenhas

*Com amor para meus avós Zilia Mascarenhas e Antônio Mascarenhas (in memoriam);
minha querida mãe, Zilian Mascarenhas; doutor Alexandre Stockler, maravilhoso médico
do mundo espiritual, uma singela homenagem; e a todas as crianças do mundo.*

Personagens

(Por ordem de entrada, à exceção de Mailim, senhor Stockler e Dom Pedro)

Mailim,
10 anos, inteligente,
esperta, tem muitas ideias

Senhor Stockler,
o gato de Mailim, cientista,
dorminhoco,
às vezes mal-humorado

Dom Pedro,
24 anos, príncipe
regente do Brasil

Marinheiro

Zairoh,
professor de Mailim

Maria Leopoldina,
esposa de Dom Pedro

Mensageiro

Jose Bonifácio,
ministro de Dom Pedro

Mulinha,
mula de Dom Pedro

Soldado,
soldado de Dom Pedro

Maria Quitéria,
soldado, depois promovida a
cadete, primeira mulher a entrar
para o Exército, lutou pela
Independência na Bahia

Machado de Assis,
escritor, jornalista,
poeta e teatrólogo

Pedro Américo,
pintor do quadro
Independência ou morte

Carmen Miranda,
cantora e atriz

Câmera
do filme de
Carmen Miranda

Diretor
do filme de
Carmen Miranda

Maquiador
do filme de
Carmen Miranda

Produtor
do filme de
Carmen Miranda

Nilda Spencer,
atriz e professora
de dicção

Ana Botafogo,
primeira-bailarina
do Theatro Municipal do Rio de
Janeiro, professora e atriz

OBS.: Os atores podem interpretar vários personagens, com exceção dos que farão Mailim, senhor Stockler e Dom Pedro. Sugerem-se 11 atores no elenco.

NOTA

Peça infantojuvenil para todas as idades que traz à luz um pouquinho de história e experimentação das artes para as crianças, por meio de cenas lúdicas, para que, além de assistir, possam participar e melhor perceber as características e diferenças e estimular algo que é inerente aos pequenos. Além disso, é possível conhecer alguns dos principais artistas do Brasil no período de duzentos anos a partir da Independência, que são importantes para a memória de toda a população e do país. Ao assistir à peça, as crianças estimulam a comunhão entre teatro e público, fundamental para a construção de cada apresentação, e percebem, brincando, a importância e a evolução das artes no Brasil e seus heróis da liberdade.

Algumas falas dos personagens Dom Pedro, Pedro Américo, Ana Botafogo e Maria Leopoldina foram falas reais das quais se tem registro.

As letras das canções originais deste texto possuem a melodia. Basta solicitar.

CENÁRIO

Sugerem-se cubos que permitam criar diversos ambientes e objetos e delimitar espaços. Alguns objetos, como caderno, cavalete, livro e cartas, podem ser reais. A luz é fundamental na construção deste espetáculo, dialogando com as cenas, dando vida e sendo parte do cenário.

Um telão e um projetor simples são utilizados para mostrar as imagens que aparecem quando o senhor Stockler aciona o transportador interestelar. Pode ser também uma tela transparente.

FIGURINO

- **MAILIM:** figurino futurista, prateado, saia com uma calça *legging* ou meia por baixo, *collant* ou blusa com gola estruturada. Botinhas. O cabelo pode ser natural ou uma peruca colorida que pareça natural. Não é uma fantasia. É uma roupa futurista.

- **SENHOR STOCKLER:** uma base de “gato”. Usa uma capa como se fosse um guarda-pó. Não precisa ser branco.

- **DOM PEDRO:** calça e camisa de tecido de algodão, além de botas. Uma corrente com um medalhão.

- **CARMEN MIRANDA:** roupa de baiana como no filme *Banana da Terra*: saia e top verde e amarelo, turbante e balangandãs.

- **MARIA QUITÉRIA:** roupa de soldado com uma saia por cima.

SOTAQUE:

Será interessante se Dom Pedro falar com um pouco do sotaque português que aprendeu com a convivência com os pais.

PRÓLOGO

A TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA REAL DE 1808 A 1822

(O Marinheiro entra cantando e se posiciona no proscênio. As cortinas estão fechadas.)

Boa tarde, passageiros
Sejam todos bem-vindos
Aqui no teatro vão embarcar
Nesta história que vamos contar
É uma história através da história

Tem muita memória
Prestem atenção
E peguem suas boias
Está calmo esse mar
Ventos sopram a favor
Içar velas, levantar âncoras
Cuidado quem não sabe nadar
Que já vai começar
Navio ao mar!!!

Agora estamos em Portugal
Tinha um rei com a família real
Napoleão ameaça invadir
E a família do país tem que sair
Não queriam ir não
Mas tiveram que fugir

Todos entraram no navio
E foram pro Brasil!!!

Com a chegada da família real o país evoluiu
Mudou a história da arte aqui no nosso Brasil
No império português, o Rio foi a capital
Tanto na área política como na cultural

O rei Dom João VI criou a primeira escola de arte
E os artistas franceses vieram logo pra cá
Bonjour, merci, mon amour
se ouvia em toda parte
O dia a dia da colônia começaram a pintar
E os índios que aqui viviam eles foram retratar
Não podem deixar de lado as paisagens naturais
Junta o rei, a rainha e o menino pro quadro ficar demais
Tinha aquele francês que se chamava Debret
Ele era muito importante e era mesmo, você vai ver

Foi pintor, professor
A primeira exposição
De arte no Brasil
Foi ele que organizou

Mas o rei Dom João
Pra Portugal teve que voltar
Levou sua esposa pra lá
E Dom Pedro ainda criança
No Brasil teve que ficar

(Fala) Dom Pedro era só um menino, mas já conhecido como príncipe regente. Seu pai deu-lhe um brasão e ele não tirava do peito. Usava na altura do coração!

(Canta)

Está calmo esse mar
Ventos sopram a favor
Içar velas, levantar âncoras
Cuidado quem não sabe nadar
Que a peça já vai começar!

ATO ÚNICO

CENA 1

MAILIM ACORDA SENHOR STOCKLER PARA AJUDAR NA PESQUISA

(Ano de 3035. Sala de aula da Escola dos Mundos. Cubos móveis formam uma mesa e uma cadeira para o professor no proscênio. No canto do palco, cubos empilhados formam um armário. Em cima do armário de cubos, o senhor Stockler dorme, de costas [de modo que a plateia não identifique o personagem]. Abrem-se as cortinas. O professor Zairoh está sentado na cadeira e vai começar a aula. Ele se refere à plateia como seus alunos. Mailim assiste à aula sentada na plateia sem ser notada pelo público.)

ZAIROH

Boa tarde, meus alunos! A aula de hoje é especial! Tenho uma notícia que acabou de sair na internet galáctica! Hoje, ano de 3035, os portais interestelares do tempo foram reabertos! Vocês sabem o que isso significa? *(Espera resposta das crianças)* Alguém arrisca? Que nós vamos poder viajar livremente no tempo, pra qualquer época e qualquer lugar do universo! E isso vai aposentar definitivamente as naves espaciais e as antigas máquinas do tempo! E, pra comemorar esse dia histórico, a tarefa-desafio de casa de vocês é escolher um país de um planeta, de qualquer galáxia, e contar como ele e seu povo se tornaram livres! E não se esqueçam de pesquisar também sobre a cultura desse povo, porque quando um processo de liberdade se inicia andam juntas a liberdade de pensamento e a das artes!

(Toca o sinal.)

ZAIROH

Estão liberados! Boa sorte e até amanhã! *(Sai)*

(Mailim se levanta da plateia, dirigindo-se ao palco.)

MAILIM

Senhor Stockler, senhor Stockler! Os portais!....

(Ele não acorda. Ela sobe no palco.)

MAILIM

Senhor, Stockler desça daí...

**SENHOR
STOCKLER**

(Bocejando) Uahhhh!

MAILIM

Dormindo de novo? Acorda! Os portais! Os portais...!

**SENHOR
STOCKLER**

(Disfarçando) Miaaaau! Afff! Quem disse que eu estava dormindo? Eu estou... concentrado, Mailim. Concentrado! Trabalhando no transportador interestelar! Depois eu falo com você. *(Volta a dormir)*

MAILIM

O senhor não entendeu! Os portais foram reabertos!

**SENHOR
STOCKLER**

Quê?

MAILIM

Isso mesmo! E já podemos viajar no tempo!

**SENHOR
STOCKLER**

Afff! Que maravilha! Em breve, o transportador vai estar pronto!

MAILIM

Em breve, não... Hoje! Porque eu tive uma ideia!

**SENHOR
STOCKLER**

Hummm... Eu sinto um arrepio nos meus bigodes quando ela diz que teve uma ideia...

MAILIM

Vamos fazer minha pesquisa da escola pessoalmente! No planeta Terra! Numa galáxia muito distante daqui! E o país que eu escolhi é o Brasil! Eu vi na Sala dos Mundos lá na escola. É tão bonito! É pra lá que a gente vai!

**SENHOR
STOCKLER**

(Tirando o transportador do bolso) Impossível.
O transportador não está pronto!

MAILIM

Mas o senhor é o melhor gato cientista que eu conheço, o mais inteligente, o mais sábio, o mais esperto!!! Vai tirar isso de letra!

**SENHOR
STOCKLER**

(Enche-se de orgulho e canta)

Eu sou o senhor Stockler
Um felino bem arisco
Mas só com quem não conheço
Pros amigos peço um petisco

Sou um cientista
Tenho invenções de artista
Quando eu fico quieto
Surge um projeto completo
As minhas invenções dão sempre certo
Quase sempre
Às vezes não dão certo

Eu durmo em cima do armário
Eu fico embaixo da mesa
Se me procuram pela casa
Me escondo que é uma beleza

Mailim sabe do meu talento
Olhe onde fui me meter
Tem as ideias para usar o invento
E eu tenho que resolver

Tá certo! Iremos! Faltam só algumas pecinhas
(*Manuseando o transportador*)

MAILIM

(*Canta*)

Nas artes do tempo
Procuro um sentido
Futuro ou passado e sempre com um amigo
Eu volto e aprendo a valorizar
Minha liberdade, como é bom estudar

O tempo quem sabe quando devo avançar
Ou me diz então se é melhor parar
O tempo é o senhor dos nossos momentos
Ficamos refém até em pensamento
Se demora a passar já dá uma aflição
A menos que ao lado tenha um amigão

Quando ele vai acelera bastante
Sem saber muito bem eu cresço de repente
E eu nem sei como vai ser mais pra frente
A arte do tempo não segura, não
Pode escorrer na palma da sua mão
Fique esperto e aproveite, não deixe passar
Ele está a seu favor
Pra criança passa bem devagar

Você sonha crescer, mas está a brincar
E aí quando vê pode se apaixonar!
Mas o que eu quero agora.... é estudar!!!

Anda logo! Que a pesquisa é pra amanhã!

**SENHOR
STOCKLER**

Quase pronto... Testando, testando... Achei! Brasil!

(Aparece o Brasil no telão.)

MAILIM

Procure o dia que o país ficou livre!

(Enquanto ele fala, aparecem no telão imagens de floresta, alguns animais, fotos antigas do Rio de Janeiro e de Salvador.)

**SENHOR
STOCKLER**

Hummm... Aqui diz: Dia da Independência do Brasil! Deve ser isso! Sete de setembro de 1822! Que interessante, Mailim! O Brasil deixou de ser colônia de Portugal!

MAILIM

Mas o que era Portugal?

**SENHOR
STOCKLER**

Era um outro país que mandava no Brasil, era dono do Brasil! *(Mostra o quadro Independência ou morte no telão)* Foi assim o Dia da Independência! Veja que quadro lindo!

MAILIM

Uauuu! Quem é esse?

**SENHOR
STOCKLER**

É Dom Pedro, o príncipe regente que libertou o Brasil! Que poder! Affff!

MAILIM

Que elegante!

**SENHOR
STOCKLER**

Mas a liberdade pra um país não é só se separar do outro! É a liberdade das pessoas na maneira de falar, de se vestir, de fazer arte!

MAILIM

Vamos, senhor Stockler! Brasil. Aqui vamos nós!!!
(Ela aperta o botão do transportador)

**SENHOR
STOCKLER**

Espera... Falta uma pecinhaaaaaa!

(Efeitos de luz e sonoros de viagem no tempo. Mailim e senhor Stockler somem.)

CENA 2

A NOTÍCIA

(Quando abre a luz, só dona Maria Leopoldina está em cena costurando. Entra o Mensageiro afobado com algumas cartas na mão. Ele tropeça, e as cartas caem.)

MENSAGEIRO Dona Leopoldina! Alteza, Alteza!!!

**DONA
LEOPOLDINA**

(Assusta-se e levanta-se) O que foi, Mensageiro?
Está pálido!

MENSAGEIRO

(Catando as cartas) Chegaram cartas pra Dom Pedro. Parece muito importante. São de Portugal, têm o selo real. Deve ser do rei Dom João VI!

DONA

LEOPOLDINA Mas o rei nunca escreveu... Será que aconteceu alguma coisa? Abra, Mensageiro! Por favor, abra logo!

(Mensageiro abrindo.)

DONA

LEOPOLDINA Nãoooo, não abra!

(Mensageiro assusta-se e para.)

DONA

LEOPOLDINA Espere eu me sentar! *(Senta-se)* Continue. Vamos! Abra!

(Mensageiro abrindo. Ela se levanta. Ele para.)

DONA

LEOPOLDINA Mas que demora. Por que não abre logo?

MENSAGEIRO A senhora se levantou eu fiquei confuso!

(Abre a carta.)

DONA

LEOPOLDINA Vamos, homem. Leia!

MENSAGEIRO *(Não sabe ler)* A senhora vai ficar nessa posição mesmo?

DONA

LEOPOLDINA *(Pegando a carta)* Dê-me aqui! *(Lendo a carta)* “O Brasil está com muitos privilégios!?” Bonifácio!!! Meu amigo! Venha cá! *(Deixa cair a carta; o Mensageiro pega)*

(Dona Leopoldina, nervosa, anda pra lá e pra cá chamando Bonifácio. Bonifácio entra.)

DONA

LEOPOLDINA

Acusam você, meu amigo, de traição!

(Aponta a carta)

BONIFÁCIO

(Para Mensageiro) Você o quê?

DONA

LEOPOLDINA

Não! Ele! Dom João!

BONIFÁCIO

(Para Mensageiro) Dom João é traidor?

DONA

LEOPOLDINA

Não! Escute: Dom João VI acusa você de traição!

BONIFÁCIO

(Ao Mensageiro) E o que mais diz a carta?

MENSAGEIRO

(Espera) A senhora vai se sentar?

DONA

LEOPOLDINA

Não! De pé, é melhor para ouvir os improperios que virão!

BONIFÁCIO

(Pegando a carta) “Que Dom Pedro volte para Portugal!”

DONA

LEOPOLDINA

Ahhh, isso, não!!! Não voltaremos para Portugal! Escreva aí, por favor, Bonifácio, meu amigo....

(Bonifácio pega um bloquinho do bolso e espera o texto. Mensageiro olha curioso.)

DONA

LEOPOLDINA *(Para o Mensageiro)* O que está esperando?

MENSAGEIRO Não sei... A senhora se sentou, mas ele está de pé. É pra fazer o quê?

DONA

LEOPOLDINA Pode ir! Só volte quando eu chamar. *(Para Bonifácio)* Escreva: “É chegada a hora. Dom Pedro precisa fazer o que tem que ser feito! Leia esta carta e tome a decisão! A partir de hoje, o Brasil será... livre!” Mensageiro! *(Mensageiro entra)* Leve esta carta para Dom Pedro assinar e traga-a de volta.

MENSAGEIRO Mas, Dona Leopoldina, ele está viajando.

DONA

LEOPOLDINA Vá atrás dele. Ache-o e entregue. É muito importante. Não se perca no caminho e, por Deus, não perca a carta! Vá! Corre! O mais rápido que puder!

(Mensageiro vai saindo e volta.)

MENSAGEIRO Dona Leopoldina...

DONA

LEOPOLDINA O que foi?

MENSAGEIRO Quando eu voltar com a carta, a senhora vai querer que eu leia?

DONA

LEOPOLDINA Se fui eu que escrevi, homem, não.

(Mensageiro vai saindo e volta.)

MENSAGEIRO Dona Leopoldina...

DONA

LEOPOLDINA O que foi agora?

MENSAGEIRO Qual será a posição de entrega da carta? Em pé ou sentada?

DONA

LEOPOLDINA Posição do olho da rua se não for logo!

(Dona Leopoldina sai correndo atrás do Mensageiro, e Bonifácio vai atrás.)



CENA 3

1822, O ENCONTRO COM DOM PEDRO

(Efeitos de luz e sonoros de viagem no tempo. Mailim e senhor Stockler chegam ao Brasil, 1822. Dom Pedro, Mulinha e Soldado estão dormindo próximo ao rio Ipiranga.)

MAILIM

Deu certo!!! Conseguimos, senhor Stockler!
Viajamos no tempo!!! Ah, como eu amo o senhor!
(Dando-lhe um apertucho)

- SENHOR STOCKLER** Aparentemente, sim... (*Mailim não escuta. Está entretida olhando em volta*) Mas tenho receio de que a gente não consiga voltar...
- MAILIM** O quê?
- SENHOR STOCKLER** Como não conheço este lugar, é melhor a gente encontrar alguém e perguntar.
- MAILIM** Ali tem um pessoal... Vamos acordá-los!
- SENHOR STOCKLER** Ela adora acordar os outros. Afff...

(*Aproximam-se de Dom Pedro, Mulinha e Soldado.*)
- MAILIM** (*Tentando acordar Dom Pedro*) Oiiiiii!
- (*Não o acordam.*)
- MAILIM** Oiiiiii!!!
- (*Não o acordam.*)
- MAILIM** Crianças, vocês me ajudam a acordar este rapaz? Vou contar até 3 e falamos bem alto: "Oiiii!" Vamos lá: 1, 2, 3! Oiiiiii!!!
- DOM PEDRO** (*Acorda assustado*) Aiiiiii!!
- MULINHA** (*Levanta-se e sai correndo*) Aiiiiii!
- SOLDADO** (*Levanta-se e corre*) Aiiiiii! O que foi? O que foi?

- DOM PEDRO** Vá ver, ó pá! Você precisa me defender!
- SOLDADO** Claro! Claro, Alteza! O que querem?
- MAILIM** Só queremos saber onde estamos e...
(*Para Dom Pedro*) Quem é você?
- SOLDADO** Vocês estão próximos ao rio Ipiranga, e ele é
Vossa Alteza (*à medida que fala, vai ficando sem ar*)
Dom Pedro de Alcântara Francisco Antônio João
Carlos Xavier de Paula Miguel Gabriel Rafael
Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim
de Bragança e Bourbon. (*Respira fundo*)
- SENHOR
STOCKLER** Miau! Afff! (*Para Dom Pedro, fazendo reverência*) Muito
prazer! (*Olha para Mailim, fazendo sinal de “é ele!”*)

(*Mailim está com um jeito desconfiado.*)
- SOLDADO** Casado com Sua Alteza Carolina Josefa Leopoldina
Fernanda Francisca de Habsburgo-Lorena. Que
não está aqui.
- SENHOR
STOCKLER** Então pra que ele falou? Afff!
- SOLDADO** Eu sou o Soldado Real, e esta é Mulinha.
- DOM PEDRO** Qual o seu nome, menina?
- MAILIM** Mailim.
- DOM PEDRO** É alguma abreviação? De Maria Angélica Inês
Lauriana Ingrid Manoela?

MAILIM *(Cortando)* Não, é Mailim de Mailim mesmo.

SENHOR STOCKLER Sou o senhor Stockler. Stockler de supertalentoso, ótimo, carismático...

MAILIM *(Cortando senhor Stockler)* Mas eu não acredito que você é Dom Pedro. Você está muito abatido pra um príncipe...

DOM PEDRO Sabe há quantos dias estou viajando, menina?

MAILIM Onde estão os outros?

DOM PEDRO Temos mais uns doze soldados que estão acampados aqui perto.

MAILIM E o uniforme real?

DOM PEDRO Não gostou dessa roupa, ora pois?

MAILIM Um pouco simples demais... E o cavalo?

DOM PEDRO Tem Mulinha. É uma mula. Cavalos não andam bem por aqui. Muitas rochas, elevações.

MAILIM Espada, você tem?

DOM PEDRO Você é muito perguntadeira. Como você chegou aqui? Montada no gato que não foi.

SENHOR STOCKLER Viemos do futuro, Alteza, de outro planeta. É uma longa história...

DOM PEDRO Outro planeta! Hahahaha! (*Olhando para Mulinha e Soldado, que riem*)

MAILIM Posso provar!

DOM PEDRO Então prove, pois, pois!

SENHOR STOCKLER Não...! Você não pode mostrar o futuro a ele! Não podemos mudar a história!!!

MAILIM Tem razão! (*Ao príncipe*) Todo mundo sabe que os príncipes são lindos e elegantes. Se você é o príncipe, me diga alguma coisa sobre sua família.

DOM PEDRO Meu pai, Dom João VI, fez mudanças muito importantes pra este país no campo cultural e econômico e abriu os portos do Brasil em 1808! Sabe o que significa, menina? Que o Brasil podia comprar e vender seus produtos para o país que quisesse! E não somente para Portugal, como era antes!!

SENHOR STOCKLER (*Olhando no transportador*) Confirmado.

MAILIM Então, se eu fosse de outro país e fizesse um desenho, poderia vender pra o senhor, que mora no Brasil?

DOM PEDRO Isso, Mailim!! E eu compraria com gosto, ó pá!

MAILIM Que bom! É seu!

(*Ela dá-lhe um desenho que retirou do bolso. Ele pega.*)

DOM PEDRO É lindo!

(Mailim estende a mão. Ele lhe dá uma moedinha.)

MAILIM Obrigada! Eu vou mostrar na minha pesquisa da escola! *(Olhando a moeda)* Réis, gostei do nome. Nunca tinha visto antes uma moedinha real.

MULINHA Olá, senhorita Mailim de outro país. Sou Mulinha do Rio de Janeiro, capital do Brasil, e quero vender meu saquinho de grama!

MAILIM Claro!!! Dou 200 estrelinhas da sabedoria por ele!
(Dá algo que brilha e a mula adora.)

MULINHA Uauuu! Agora ninguém mais vai me chamar de mula! Serei muito inteligente!

DOM PEDRO Meu pai construiu universidades, teatros, bibliotecas!!! Artistas e intelectuais de vários países vieram para o Brasil!!! Conhecimento, menina, conhecimento!!!

(Canta)

Troca de saberes
Troca de culturas
Conhecimento e altas aventuras!
Troca de saberes
Troca de culturas
Conhecimento e altas aventuras!

Artistas vieram para o Brasil
De vários países e muitos pro Rio
Rio de Janeiro, capital do país

Teatros, bibliotecas, universidades
Tudo que eu sempre quis!!!!

O Brasil virou um reino
E começou a prosperar
Não era mais uma colônia
E o povo a admirar
Fazia parte de Portugal
Brasil era reino e nada casual!!!

(Coro)

Troca de saberes
Troca de culturas
Conhecimento e altas aventuras!

(Coro)

Troca de saberes
Troca de culturas
Conhecimento e altas aventuras!

Mas a questão ficou tristonha
Portugal ia mal... Uma vergonha
Estava em crise internacional...
Com a invasão do forte e o
perigoso... Napoleão!!!
E pra piorar a situação
Estava no Rio o rei... Dom João!!!!

MAILIM

E aí o que houve?

**SENHOR
STOCKLER**

O que houve?

- SOLDADO** Os portugueses queriam que o rei Dom João VI retornasse pra Portugal.
- DOM PEDRO** Papai foi ameaçado de ser tirado do trono, ora pois! Papai voltou.
- MULINHA** Mas deixou o príncipe Pedrinho aqui no Brasil.
- SOLDADO** Queriam que Pedrinho também voltasse pra Portugal pra serem de novo donos do Brasil.
- MAILIM E SENHOR STOCKLER** Ahhhhhh!
- TODOS** Fica, fica, fica!
- DOM PEDRO** O povo pediu! Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto! Digam ao povo que fico! Contrariei papai! E fiquei! (*Coloca o medalhão com o brasão no peito.*)
- TODOS** (*Aplaudem*) Eeeeê!
- MAILIM** (*Para Stockler*) O brasão... No coração!!! Ele é mesmo! Dom Pedro!



CENA 4

A CHEGADA DO MENSAGEIRO COM A CARTA OU QUASE INDEPENDÊNCIA

(*Mensageiro chamando fora de cena.*)

MENSAGEIRO Dom Pedro!!! Dom Pedro!!! Uma tragédia!!!

DOM PEDRO *(Para Mailim e senhor Stockler)* Se escondam. Pode ser perigoso. Não saiam até que eu autorize. Rápido!

*(Mailim e senhor Stockler escondem-se.
O Mensageiro entra.)*

MENSAGEIRO *(Afobado)* Dom Pedro, Dom Pedro, trago uma carta de vossa esposa e do ministro José Bonifácio e cartas, caaaartas dos portugueses para o senhor!!!

DOM PEDRO Abra, então!

(Mensageiro vai abrir. Dom Pedro interrompe.)

DOM PEDRO Não! Espere que eu me sente.

MENSAGEIRO De novo? *(À parte, para plateia)* Essa realeza tem umas manias estranhas...

DOM PEDRO Anda!

(Mensageiro anda.)

DOM PEDRO Volte! Aonde vai? Leia a carta! Ah, me entregue. Leio eu.

(Mensageiro entrega.)

MENSAGEIRO *(À parte)* Pelo menos não puxou da minha mão. Já tô traumatizado.

(Dom Pedro lê as cartas rapidamente em voz baixa.)

DOM PEDRO O quê??? *(Pisa nas cartas e sai andando em direção ao rio Ipiranga)*

**MULINHA
E SOLDADO**

O que dizem as cartas, Alteza?

(Mailim e senhor Stockler, que espiavam abaixados atrás dos cubos, levantam-se para ver melhor.)

MAILIM

É agora, senhor Stockler. Ele vai ler a carta e proclamar a Independência! Que emoção! Mas ele está muito desarrumado! Vou lá dar um jeitinho nele.

**SENHOR
STOCKLER**

Você não pode mudar a história, Mailim. Shhhh! Fica quieta.

DOM PEDRO

(Cantando)

As cortes portuguesas nos perseguem
Elas querem nos escravizar
Povo brasileiro, jamais se entregue
Por todos vocês eu vou lutar!

Portugal, eu quebro as nossas relações
E nos divido em nação independente
Nós, filhos dessa terra,
temos mais aspirações
Assino a declaração pendente

De hoje em diante, nenhum
laço nada mais
O verde e o amarelo virarão eternamente
Nossas cores belas e também oficiais
Serão para sempre da nossa gente

E viva a liberdade desse povo mui gentil
E viva a liberdade, meu Brasil!!

MAILIM *(Empolga-se, levanta-se vibrando e vai em direção a Dom Pedro) É agora!!!*

SENHOR STOCKLER *(Tenta detê-la e tropeça; e o transportador quase cai de sua mão. No ímpeto de segurar, ele aperta um botão) Mailim, volta!!! O transportadorrrrrr!!*

(Efeito de luz e som de passagem de tempo.)

CENA 5

NA GUERRA COM MARIA QUITÉRIA

(Quando a luz vai abrindo, Mailim, senhor Stockler e Dom Pedro caem no meio da guerra pela libertação do Brasil, na ilha de Maré, na Bahia, ainda em 1822. Maria Quitéria está lutando contra os inimigos que não aparecem. Eles estão fora de cena. Ouvem-se tiros de canhão e barulho de carabinas e há um pouco de fumaça no ar.)

MAILIM Senhor Stockler!!! Onde estamos?

SENHOR STOCKLER Cuidado, Mailim!

MAILIM Socorro!

DOM PEDRO Socorro!

MAILIM E SENHOR STOCKLER Dom Pedro!!!

**SENHOR
STOCKLER**

(Acenando) Estamos aqui! Vem!

**MARIA
QUITÉRIA**

O que fazem aqui? Estamos em guerra!

**SENHOR
STOCKLER**

Guerra? Nos ajude!

(Dom Pedro chega perto deles.)

DOM PEDRO

O que está acontecendo?

**MARIA
QUITÉRIA**

(Empurrando-os para o lado) Se abaixem!!!
Venham comigo! Rápido! Pulem!!! Por aqui!

MAILIM

Estou com medo, senhor Stockler!

**MARIA
QUITÉRIA**

Mais rápido!

*(Eles seguem Maria Quitéria e chegam a um local seguro.
Os barulhos ficam mais longe até cessarem.)*

**MARIA
QUITÉRIA**

Estão em segurança. Uma menina! O que faz aqui?
Não importa. Fiquem aí que eu já volto. *(Sai)*

DOM PEDRO

Ufa! O que está havendo? Estou morto!?

**SENHOR
STOCKLER**

Não! Você ainda tem muito o que fazer! Eu apertei sem querer um botão no transportador interestelar quando Vossa Alteza estava na beira do rio e viajamos no tempo até aqui. Estamos em 1822 ainda, mas no meio da guerra que aconteceu depois da Independência. Você já libertou o país e vai ser coroado imperador! E vai mandar em tudo! Que poder! Affff! Pronto! Falei!

MAILIM

Vai ser lembrado para sempre como um herói para o povo brasileiro!

DOM PEDRO

Supondo que eu acredite nessa história de transportador, levem-me de volta já, ó pá!

**SENHOR
STOCKLER**

Não posso! Ficou faltando uma peça quando viemos, e não consigo voltar no tempo. Só posso ir pra frente.

MAILIM

O quê? Então estamos perdidos! Dom Pedro vai ficar preso aqui pra sempre! Se a Independência não acontecer, essa guerra não vai existir e Maria Quitéria também não. Não vai casar nem ter filhos!!!

**SENHOR
STOCKLER**

Afff! Que dramática! Miauuu! Calma, vou dar um jeito de chegarmos ao nosso planeta e lá consigo consertar o transportador e levar ele de volta!

(Volta Maria Quitéria.)

**MARIA
QUITÉRIA**

(Dando-lhe um casaco camuflado) Pronto, menina. Vista isso. Vai ser melhor para sair daqui. Sua roupa é muito brilhante.

DOM PEDRO

Obrigada por ter salvado minha vida! Mas você está lutando no Exército? Uma mulher? Não tem mulheres no Exército, ora pois!

**MARIA
QUITÉRIA**

(Canta)

Fui a primeira mulher do
Exército Brasileiro
Nasci em São José na Freguesia
Hoje Feira de Santana na Bahia
Desde cedo meu jeito
independente incomodava
Experiente na caça, na pesca
e no manejo de arma
Só não era muito boa com
a danada da tabuada

Queria ser voluntária nas
lutas pela Independência
Proibida de me alistar por meu pai
Me vesti com a farda do cunhado
E me disfarcei de rapaz

Fingi ser homem e soldado virei
E no Exército entrei
Contra os portugueses lutei
Como soldado Medeiros fiquei conhecida
Mas papai insatisfeito com minha saída

Foi ao quartel me procurar
Que eu era uma moça ao major foi contar

E tive a identidade revelada
Mas o major não permitiu
que eu fosse embora
Das tropas assim do nada
E minha disciplina em batalha admirava

Então me tornei parte da história
No Exército a primeira
mulher que trajetória
Eu sou Maria Quitéria e lutei pela vitória!!!

DOM PEDRO Você salvou nossas vidas hoje! Maria Quitéria, você vai ser promovida a cadete e reconhecida como heroína da Independência! Vou escrever uma carta a seu pai falando de sua importância para o Brasil e pedindo que te perdoe por fugir de casa, pois, pois.

MAILIM Se ele está falando, pode esperar!

**MARIA
QUITÉRIA** Obrigada! Quem é você?

DOM PEDRO Pode me chamar de Pedro.

**MARIA
QUITÉRIA** Eu tenho que voltar para a frente de batalha.

**SENHOR
STOCKLER** E nós temos uma viagem longa pra fazer!

**MARIA
QUITÉRIA** Até mais! *(Maria Quitéria sai)*

**SENHOR
STOCKLER**

Fiquem juntos! Segurem-se!!! Vamos!!!

(Efeito de luz e som de viagem no tempo.)

CENA 5

MACHADO DE ASSIS E SEUS POEMAS

**SENHOR
STOCKLER**

Morro do Livramento, Rio de Janeiro, 1852.

MAILIM

A gente não ia pra casa?

**SENHOR
STOCKLER**

É que com a pecinha que está faltando não consigo programar o transportador para ir direto! E, com a bateria meio fraca, também não consigo saber para onde estamos indo... Só sei que estamos indo pra frente... Miau! Affff!

MAILIM

Ah, que legal...

DOM PEDRO

(Chateado) E se não der tempo de libertar o Brasil?

**SENHOR
STOCKLER**

As linhas do tempo são diferentes, Alteza. O tempo que estamos passando aqui não é o mesmo tempo que está se passando lá onde você estava e colocando a pecinha que falta vai dar tudo certo!

**MACHADO
DE ASSIS**

(Entra declamando um poema)

Abençoados os que possuem amigos,
Os que os têm sem pedir.
Porque amigo não se pede, não
se compra, nem se vende.
Amigo a gente sente!

Benditos sejam todos os amigos
de raízes, verdadeiros.
Porque amigos são herdeiros
da real sagacidade.
Ter amigos é a melhor cumplicidade!

MAILIM

Poeta, eu tenho um amigo da realeza e um
amigo gato!

**SENHOR
STOCKLER**

(Accionando o transportador; entra a imagem de Machado no telão) Machado de Assis: poeta, escritor, jornalista e teatrólogo. Nasceu e foi criado neste morro e, com quase 15 anos, vai publicar seu primeiro poema. Depois, vai trabalhar em jornais e escrever livros, muitos livros!!!

MAILIM

Eu queria saber fazer um poema!

**MACHADO
DE ASSIS**

(Aproximando-se) É muito fácil é só fazer rimas.
Você tem que observar o finalzinho das palavras!
Por exemplo: coração termina em “ão”. Diga uma
palavra que termina em “ão”!

MAILIM

Mão!

**MACHADO
DE ASSIS**

Que mais?

MAILIM

(Olha para as crianças pedindo ajuda) Cão!
(Diz algumas palavras faladas pelas crianças)
Não! Violão!

**MACHADO
DE ASSIS**

Escola. Diga uma palavra que termina em “ola”!

MAILIM

(Ouve as crianças novamente) Bola! Sacola! Esmola!
Cartola!

**MACHADO
DE ASSIS**

Muito bem! Agora que você já sabe rimar as palavras, vai fazer cada frase pra contar uma história. Só que o final de cada frase você vai rimar com outra frase, na ordem que quiser! E cada frase vamos chamar de verso e os grupinhos de versos a gente chama de estrofe!

DOM PEDRO

Como você é inteligente, menino!

**MACHADO
DE ASSIS**

Eu leio muito!

**SENHOR
STOCKLER**

E quem lê mais escreve melhor!

**MACHADO
DE ASSIS**

Mas é fácil! *(Vai para a plateia)* Vamos ajudá-la a fazer um poema?

MAILIM

Posso falar de um gato?

**MACHADO
DE ASSIS**

(Fala para as crianças da plateia) Repitam comigo:
“pode”.

MAILIM

Posso falar de sapato?

(A partir de agora, sempre que for pra responder a palavra “pode”, Machado de Assis fará sinal para as crianças falarem.)

**MACHADO
DE ASSIS**

“Pode!” Pode até falar de amor!

MAILIM

Posso falar da mamãe?

PLATEIA

Pode.

MAILIM

Posso falar da família?

PLATEIA

Pode.

MAILIM

Posso falar da minha rua, da bicicleta, da boneca,
e falar até da Lua?

PLATEIA

Pode.

MAILIM

(Declamando)

Posso brincar de voar
Nas asas da imaginação
E com o pensamento vou andar
a pé ou de caminhãoooo!!!
Que legal é escrever
Posso falar do que quiser
Dos meus amigos, do judô,

de jogar bola e até de balé!!!
E depois vou entregar o meu
livro pra alguém ler
Pode ser para vovó
Pro meu vizinho será que é melhor?
E nas minhas histórias eles vão viajar...
E sonhar!!!

(Todos batem palmas.)

**MACHADO
DE ASSIS**

Você fez um poema!

DOM PEDRO

Um lindo poema, menina!

**SENHOR
STOCKLER**

Você vai ser um grande poeta, Machado!
E um escritor muito importante para o Brasil.

**MACHADO
DE ASSIS**

Obrigado! Que bom que vocês gostaram.
Tenho que ir agora, mamãe tá me esperando
pro almoço. Tchau!

MAILIM

Eu tive uma ideia!!!!

**SENHOR
STOCKLER**

A sua última ideia nos trouxe pra uma viagem no
tempo que não está dando muito certo. Você está
proibida de ter ideias por mil anos!!!

MAILIM

Deixa eu falar só essa e não dou mais ideias. Juro!

DOM PEDRO

Deixa ela falar só essa...

(Senhor Stockler faz que “sim”, meio contrariado.)

MAILIM Já que estamos mesmo perdidos no tempo das artes, eu queria dar uma passadinha pra falar com o pintor do quadro da Independência e pedir pra ele refazer, porque tá todo errado!!!

DOM PEDRO Aí eu dou razão para menina, ó pá!

SENHOR STOCKLER Mas não podemos mudar a história...

MAILIM Mas foi ele que mudou! Não foi como ele pintou! Dom Pedro está aqui de prova! Todo desarrumado, sujo, fedido... Desculpa, Alteza.

SENHOR STOCKLER Se nosso príncipe quer, nós vamos, mas é sua última ideia, hein!? *(Olhando o transportador)*
Você está com sorte. Tá aparecendo 1888.
Aqui vamos nós!!!!

*(Efeitos de luz e som de viagem no tempo.
Os efeitos podem ir mudando, variando cores e sons.
Saem de cena.)*

CENA 7

MAILIM VAI TIRAR SATISFAÇÃO COM PEDRO AMÉRICO

(Pedro Américo está com um cavalete como se estivesse pintando um quadro. Entram Mailim, senhor Stockler e Dom Pedro.)

**SENHOR
STOCKLER**

(Olhando a indicação no transportador)
Mais três passos e... Devemos estar perto!
Deve ser aquele ali! *(Mostra o pintor)*

MAILIM

Pedro Américo? *(Ele faz que “sim” com a cabeça)*
Queria falar sobre o seu quadro *Independência
ou morte*.

**PEDRO
AMÉRICO**

Olá, garotinha, em que posso ajudar?

MAILIM

Estou fazendo uma pesquisa. Pode me responder
algumas perguntas?

**PEDRO
AMÉRICO**

Se eu souber, responderei com prazer.

*(Senhor Stockler e Dom Pedro ficam um pouco afastados,
assistindo à conversa.)*

MAILIM

Por que você pintou um quadro tão diferente do
que aconteceu de verdade?

**PEDRO
AMÉRICO**

(Rindo) Eu não era nascido, garotinha. A família
real me encomendou um quadro para colocar no
Museu do Ipiranga que estão construindo. Aí eu
fiz uma pesquisa sobre o que aconteceu, mas achei
tudo muito pobrinho e resolvi tornar a cena mais
inspiradora!!! Estudei todos os detalhes, as roupas,
as armas, os tipos físicos das pessoas. Sou muito
detalhista. Fui várias vezes ao bairro do Ipiranga
para conhecer a luz, o solo, tudo!

MAILIM

Está piorando. Você sabia de toda a verdade e pintou tudo errado de propósito!?

**PEDRO
AMÉRICO**

(À medida que conta como pintou o quadro, empolga-se cada vez mais) Olha aqui, mocinha. O meu quadro ficou lindo, óleo sobre tela. A família real adorou, a população se encantou e o momento ficará para sempre marcado na memória de todos como um dia heroico! Será lembrado com a pompa que o momento merece. Afinal, trata da liberdade de um país! De um povo! Há motivos para comemorar ou não? Tinha que ser grandioso e belo!!! Eu imaginei!! Quis usar gestos imponentes. Vou explicar, preste atenção, que você vai me dar razão.

(Senhor Stockler vai mostrando as imagens do quadro a Dom Pedro e à plateia enquanto o pintor fala. O pintor e Mailim não veem.)

**PEDRO
AMÉRICO**

À direita do quadro, estão os cavaleiros da comitiva com seus uniformes galantes e, do outro lado, um longo carro de boi com um homem do campo. Os personagens do quadro com gestos amplos criam uma atmosfera que exalta o patriotismo! Dom Pedro, destacado quase no centro do quadro, com um traje pomposo, como um herói nacional! Perceba a imponência do gesto dele, que levanta sua espada enquanto os homens tiram o chapéu demonstrando respeito! Pensei dias nessa cena para conseguir provocar em quem vê o quadro a impressão de estar participando da situação! Você não sente isso? E o clima de aventura? A cena tem movimento!!!

Fiz dois semicírculos, um que orienta o olhar para a direita e para cima, seguindo a linha da cavalaria, e outro que segue um caminho para baixo e para a esquerda, na estrada de terra. O povo brasileiro está lá assustado, representado pelo homem do campo! Pinte o quadro para transmitir um momento glorioso para a nação brasileira e consegui! A tela vai entrar para a história como se a situação tivesse ocorrido dessa forma!!!

MAILIM

Então você admite que não há uma relação entre a pintura e a Independência?

**PEDRO
AMÉRICO**

Aconteceu nesse local, Dom Pedro estava lá, e, mesmo que eu quisesse, não poderia pintar fielmente esse momento porque faltam relatos! E você chegou aqui me questionando e nem se apresentou. Aliás, está com uma roupa bem estranha para nossa época. Posso retratar você?

MAILIM

A mim? Você quer me pintar?

**PEDRO
AMÉRICO**

Adoro fazer retratos.

MAILIM

Então pode me pintar como uma heroína da Independência? Poderei mostrar aos meus pais, aos meus netos!

**PEDRO
AMÉRICO**

Hahaha! Está vendo? É assim que funciona!

MAILIM

Está certo, me convenceu...

(Senhor Stockler desliga o transportador e aproxima-se com Dom Pedro.)

**SENHOR
STOCKLER**

Vamos, Mailim. Ainda temos uma missão a cumprir.

**PEDRO
AMÉRICO**

Como vocês não reclamaram comigo, espero que tenham gostado do quadro. Hahaha!

**SENHOR
STOCKLER**

Eu acho muito bonito! Com certeza vai entrar pra história!

DOM PEDRO

Parabéns, rapaz. O momento ficou no coração dos brasileiros!!!

**PEDRO
AMÉRICO**

Eu conheço você de algum lugar...

DOM PEDRO

(Emocionado) Se Dom Pedro estivesse aqui vendo esse quadro, ele iria gostar muito! Muito, pois pois! Eu tenho certeza. Parabéns!
(Vai saindo com os outros)

**PEDRO
AMÉRICO**

Espere aí... Nos conhecemos?

DOM PEDRO

Não. Sou apenas um admirador do seu trabalho!

(Voz em off.)

**SENHOR
STOCKLER**

A bateria tá fraca! Miauuu! Affff!! Vamos ver o que nos espera!

(Luz e som do transportador.)

CENA 8

O QUE É QUE A BAIANA TEM?

(Ao abrir a luz, estão em cena o Câmera e o Diretor. Eles fazem coro na música de Carmen Miranda. Senhor Stockler está na plateia. Mailim e Dom Pedro estão fora de cena. Entra Carmen Miranda vestida com uma linda roupa verde e amarela e seus balangandãs.)

**CARMEN
MIRANDA**

(Canta)

O que é que a baiana tem?

O que é que a baiana tem?

Tem torso de seda, tem (tem)

Tem brincos de ouro, tem (tem)

Tem graça como ninguémmmm

**SENHOR
STOCKLER**

(Aplauda da plateia) Linda!!!

DIRETOR

(Com uma claquete nas mãos) Ô, meu querido, não tem isso na cena agora não. Você tá atrapalhando.

**CARMEN
MIRANDA**

Ah, obrigada! Que figura diferente! Que figurino interessante!

DIRETOR

Carmen gostou! Tragam o ator!

(Produtor rapidamente aparece na plateia e leva o senhor Stockler ao palco. Ele tenta dizer que não é ator, mas chega um maquiador e não deixa ele falar.)

**SENHOR
STOCKLER**

Eu não posso fazer esse filme. Eu não sou ator.
Ator tem que estudar muito.

(Produtor traz uma pilha de toalhas e entrega a ele. Maquiador coloca um ventilador pra ele. Foco de luz em cima dele.)

DIRETOR

Não tem problema. Você tem talento nato. Veja: Carmen gostou de você. Ela vendia chapéus numa confecção. Aprendeu sobre moda, mas não desistiu do sonho. Cantava em festinhas de aniversário para animar os amigos...

**SENHOR
STOCKLER**

Eu não posso aparecer. Vocês não estão entendendo!

DIRETOR

Ele não pode aparecer por esse valor. Aumenta o cachê dele!

**CARMEN
MIRANDA**

Depois fui cantar em clubes, cantei na rádio, consegui gravar um disco, as pessoas gostaram, eu nunca desisti do meu sonho de ser cantora e atriz.

DIRETOR E hoje está aqui. Quando eu vi Carmen cantando, eu disse: é a estrela do meu filme! Por isso, se ela quis e conseguiu, você também pode! Entendeu? Nunca desista dos seus sonhos!!! Vá atrás e movimente a energia que você vai conseguir!!!

SENHOR STOCKLER Essa parte da energia, eu entendo bem! Sou cientista!

DIRETOR Que bom! Ele entendeu! Ele entendeu! É artista!!!
(Tumulto no set. Todos comentam “ele entendeu” e “que bom”).

SENHOR STOCKLER *(Com o tumulto, não ouvem)* Eu falei cientista.

DIRETOR E então vamos lá, atenção, silêncio, ação!

SENHOR STOCKLER É... Diretor...

DIRETOR O que foi agora? Achei que você já tivesse entendido.

SENHOR STOCKLER Entender, eu entendi, mas Carmen queria ser atriz e cantora.

CARMEN MIRANDA Isso!

SENHOR STOCKLER Mas eu não quero ser ator nem cantor.

DIRETOR Não quer?

(Todos comentam “bem, ele não quer”, “ele não quer” e “não quer”.)

DIRETOR

(Sério como um juiz) Isso é decisivo. Pra ser um bom artista, a pessoa precisa querer e muito! Está escrito no contrato que o ator precisa querer participar do filme. Se ele não quer, não podemos obrigá-lo!!! São muitos desafios, rapaz. Você não vai conseguir sustentar uma carreira se tiver dúvidas, incertezas. Devolvam o rapaz! Já estamos atrasados! *(Produtor leva senhor Stockler de volta)* Temos que rodar. Carmen, venha, por favor, minha diva. O rapaz está a atrapalhar! Quem foi que chamou ele aqui? Eu vou demitir o responsável! Está atrapalhando meu set!

CÂMERA

Diretor, foi o senhor!

DIRETOR

Ah, é mesmo. Intervalo!

(Saem todos, menos Carmen.)

**SENHOR
STOCKLER**

(Sobe novamente no palco) Carmen, eu estou procurando meus amigos. Você viu uma menina com um vestidinho assim brilhante como o seu e um rapaz meio malvestido?

**CARMEN
MIRANDA**

Sinto muito. Não vi.

(Nesse momento, entram pela plateia Mailim e Dom Pedro perguntando às crianças se viram o gato. As crianças vão apontar para o palco e mostrar o senhor Stockler.)

**SENHOR
STOCKLER**

(Descendo do palco) Que bom que achei vocês!
Estava preocupado!

DOM PEDRO

Senhor Stockler, que susto levamos, ó pá!

**SENHOR
STOCKLER**

O transportador está com pouca bateria. Por isso, caímos separados. Olhem, é Carmen Miranda!!!
(Aparece Carmen verdadeira no telão) Em 1939, Carmen Miranda brilhou na comédia-musical *Banana da Terra*, quando apareceu caracterizada de baiana, personagem que ela incorporou até o fim de sua vida. No musical, cantou *O que é que a baiana tem?*, de Dorival Caymmi! *(Desliga o telão)*

MAILIM

Precisamos ir, senhor Stockler. Tenho que chegar a tempo da minha aula!

(Enquanto saem, o senhor Stockler mostra Carmen Miranda aos amigos. Ela começa a cantar. Mailim puxa os dois e saem pela plateia.)

**CARMEN
MIRANDA**

(Canta um pot-pourri)

Taí, eu fiz tudo pra você gostar de mim
Oh! meu bem, não faz assim comigo, não
Você tem, você tem que
me dar seu coração

O tico-tico tá
Tá outra vez aqui
O tico-tico tá comendo meu fubá
O tico-tico tem, tem que se alimentar
Que vá comer umas minhocas no pomar

Brasil, meu Brasil brasileiro
Meu mulato inzoneiro
Vou cantar-te nos meus versos

O Brasil, samba que dá
Bamboleio que faz gingar
O Brasil do meu amor
Terra de Nosso Senhor
Brasil pra mim...

(Luz vai caindo, enquanto Nilda Spencer entra pela plateia.)



CENA 9

NILDA SPENCER, UMA VIDA NO PALCO

(Nilda Spencer entra e já vai conversando com as crianças na plateia.)

NILDA SPENCER

Que bom, meus alunos, que vocês já estão aqui no teatro me esperando neste primeiro dia de aula. Eu sou Nilda Spencer, atriz e professora desta universidade. Vocês sabiam que esta foi a primeira Escola de Teatro do Brasil? Me formei na primeira turma. Parece que foi ontem... Bom, vamos aquecer a voz com os movimentos artísticos! Repitam comigo! *(Vai falando cada movimento e esperando as crianças repetirem)* Neoclassicismo, Romantismo, Expressionismo, Realismo, Naturalismo! Que maravilha! Agora eu quero seis voluntários!

(Nilda fará com as crianças o seguinte exercício: cada uma vai receber um número de 1 a 6. Depois, cada uma vai decorar um verso da música “Tico-tico no fubá”. Ela vai cantar a estrofe e ensinar a melodia para as crianças que cantarão na ordem de 1 a 6, cada qual seu versinho formando a estrofe. Nilda vai ajudando e sinalizando os números com a mão. Depois que termina o exercício, ela pergunta se todos aprenderam a música e coloca toda a plateia para cantar a estrofe.)

- 1 O tico-tico tá
- 2 Tá outra vez aqui
- 3 O tico-tico tá comendo meu fubá
- 4 O tico-tico tem
- 5 Tem que se alimentar
- 6 Que vá comer umas minhocas no pomar

(Mailim, senhor Stockler e Dom Pedro entram na aula pelo palco.)

**NILDA
SPENCER**

Vocês devem ser os novos atores da Companhia!
Vieram pro teste?

**SENHOR
STOCKLER**

(Liga o transportador e aparece a imagem da Escola de Teatro da UFBA e depois a de Nilda no telão)

Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia.
Bahia! Estamos na Bahia!!! Ah! Essa foi a primeira
Escola de Teatro do Brasil! E Nilda Spencer foi uma
dama do teatro baiano, grande atriz e professora
de dicção. *(Desliga o telão)*

MAILIM *(Respondendo à Nilda Spencer)* Sim!

**SENHOR
STOCKLER** Não!

DOM PEDRO Mais ou menos.

MAILIM Eu adoraria ser uma atriz! É meu sonho!

**NILDA
SPENCER** Então seja bem-vinda! Você vai realizar esse sonho assim como eu realizei o meu! *(Fala interpretando e compondo uma partitura corporal)* Interpretar é brincar! É jogar! É emprestar sua voz, seu corpo, e doar sua alma por alguns instantes pra que um outro alguém, escrito por um autor, possa viver. Você pode ser muitas, dentro de uma só, mil faces. Pesquise, estude, use a imaginação! Por algumas coisas, já passou. Use sua experiência. Por outras, só vai imaginar... É de sua competência!

DOM PEDRO Fascinante, ó pá!

**SENHOR
STOCKLER** Afff! Pronto! Agora ninguém mais volta! Dona Nilda, desculpa, mas hoje não podemos fazer o teste porque... Não tivemos tempo de decorar o texto! A gente volta amanhã!

**NILDA
SPENCER** O tempo, a gente muda a nosso favor, mas um ator sempre precisa estudar seu texto.

MAILIM Que sábia!

**SENHOR
STOCKLER**

Ótima aula!!! Mas vamos rápido que a bateria está acabandoooooo!! Tchau, dona Nilda!!!

(Saem.)

(Efeitos sonoros e de luz de viagem no tempo com bateria acabando. Nilda sai.)

CENA 10

**ANA
BOTAFOGO**

(Quando a luz volta, já vemos Ana Botafogo dançando um trecho de "O guarani", de Carlos Gomes. Ela veste uma roupa de bailarina, de ensaio. Quando termina, agradece e o público provavelmente vai aplaudir. Entra senhor Stockler.)

**SENHOR
STOCKLER**

*(Aparece no canto do palco, liga o telão com imagens de Ana Botafogo) 1981: Ana Botafogo tem 24 anos e é a primeira-bailarina do Theatro Municipal. Dançou no Brasil e no exterior. Ah, a música é "O guarani", de Carlos Gomes, um compositor brasileiro! Foi um dos maiores compositores do mundo! *(Desliga o transportador e permanece no palco)**

(Ana Botafogo, que estava em posição de agradecimento, levanta-se.)

ANA
BOTAFOGO

(Falando para o público) O artista sente falta do público, precisa do público para se aperfeiçoar, se superar na interpretação. A dança não é só exercício físico. A dança é a reunião da parte física com a interpretação. Quem aqui gosta de dançar? Quem quer vir dançar comigo? Venham! Subam aqui! *(Ao senhor Stockler)* Você trabalha aqui no Theatro? Me ajuda, por favor!

(Nesse momento, Ana e senhor Stockler ajudam as crianças a subir no palco. Mailim aparece na plateia com Dom Pedro. Senhor Stockler acena para eles subirem.)

ANA
BOTAFOGO

(Canta e ensina os passos de balé que a música cita para as crianças)

Uma bailarina tem muita disciplina
Um par de sapatilhas e dedicação
Quando estou só posso me soltar
Deixar o corpo livre para criar
Improvisar! Dançar, dançar!

Faço um *plié*,
Me ensine por quê
Eu estou aprendendo, faço um *elevé*
Deixo os braços dançarem
Vou bem para o alto
Como se fosse um sapato de salto
Murcho a barriga pra me equilibrar
Mas o que mais gosto é a pirueta
Um fio puxa o alto da cabeça

Que gira, gira Um ponto vou fixar
Um *plié* e giro no *relevé*
Depois *temps levé, soutenu, pas de bourrée*
E agora vamos passar o *sauté*!
E agradecer!!!

Fácil, muito fácil, é só subir e descer!
Bracinhos no *port de bras*
Todo mundo pode aprender
Agora dança livre como quiser
Vocês já estão dançando balé!!!

Parece que voa, uma pluma no ar,
Ela é tão linda não canso de olhar
Baila a bailarina, tão doce a dançar
Muita disciplina, tem que se concentrar

Parece que não é deste mundo
Sorriso nos lábios, olhar tão profundo
A música clássica é sua inspiração
Ela dança no ritmo do seu coração

*(Quando a música termina, batem palmas
para as crianças e ajudam a descer para plateia.)*

**ANA
BOTAFOGO**

Parabéns, crianças! Desçam devagar.

*(Ana Botafogo despede-se de todos e sai. O
transportador faz um barulho.)*

**SENHOR
STOCKLER**

As crianças, as crianças energizaram o aparelho!
Vejam! Está funcionando! As crianças tudo podem!
Funcionaaaa! Hahahaha!

(Todos comemoram.)

**SENHOR
STOCKLER**

Apertem os cintos que agora vamos para 3035!!!!!!

(Estrondos e luzes.)



CENA 11

CHEGADA NA ESCOLA DOS MUNDOS

*(Senhor Stockler, Mailim e Dom Pedro aparecem no
proscênio que é a escola de onde partiram.)*

TODOS

(Os três comemoram) Finalmente!!! Eeeê!
Conseguimos!!!!

MAILIM

Ah!!! Minha escola! Que saudade!!

DOM PEDRO

Ainda não... Falta eu, ora pois...

**SENHOR
STOCKLER**

Tudo sob controle. Aqui eu consigo mandar você
direto pra perto do rio Ipiranga como se nada
tivesse acontecido!!! Mulinha e Soldado nem vão
perceber que você saiu!!

MAILIM Rápido, senhor Stockler, minha aula já vai começar!

(Quando o gato está consertando o aparelho, o professor chama da plateia.)

ZAIROH Mailim, que bom que chegou. Está na hora da sua apresentação! O que você preparou para seus colegas?

MAILIM *(Engole seco)* Eu... É...

SENHOR STOCKLER *(Mostrando o transportador)* Tá pronto!
(Para o professor e a plateia) Uma peça! Vocês vão assistir a uma peça de teatro sobre a Independência do Brasil! Não é, Mailim?
(Pisca para ela e para Dom Pedro)

MAILIM É! Esse é o nosso ator! *(Mostra Dom Pedro)*

SENHOR STOCKLER *(Para plateia)* Pra começar a peça, todo mundo vai levantar as mãos, fechar os olhos e mandar muita energia! E, quando eu disser, vão falar: “Vai, Dom Pedro!”. Preparar... Mãozinha lá em cima, olhos fechados e... Agora, podem falar! “Vai, Dom Pedroooooo!!!!!!!!!!”

(Luzes, sons.)

CENA 12

DOM PEDRO VOLTA PARA 1822

*(Dom Pedro aparece no lugar inicial, perto do rio Ipiranga.
Mulinha e Soldado estão no mesmo lugar de quando ele partiu.
Todos assistem e torcem para que ele proclame a Independência.)
(Canta; na segunda estrofe, a bandeira do Brasil aparece no telão)*

DOM PEDRO

Às margens do rio eu estava
Corajoso e firme empunhei minha espada
Para libertar nosso Brasil
O verde-amarelo da bandeira se formava
Sorriso desse povo de anil já se notava
Viva, viva! Vejam meu país
Avante liberdade povo meu

É de todos nós a Santa Terra
Solo gentil, ó meu Brasil da nova era
Eu digo a minha pátria me espera

Viva, viva! Vejam meu país
Avante liberdade povo meu
É de todos nós a Santa Terra
Solo gentil, ó meu Brasil da nova era

Viva a Independência e a
separação do meu Brasil!
Nossa divisa de hoje em diante será vil
Aos pés do Ipiranga eu gritei com braço forte
Independência ou morte!

Aos pés do Ipiranga eu gritei com braço forte
Independência ou morte!

*(Todos aplaudem! Soldado e Mulinha comemoram!
Imagem da bandeira “clareou” durante a música.)*

ZAIROH Excelente apresentação, Mailim.

**SENHOR
STOCKLER** Só que ainda não acabou... *(Ele aperta o
transportador)*

(Barulho de passagem de tempo...)

MAILIM Senhor Stockler, o que está havendo?

**SENHOR
STOCKLER** Uma surpresa pra você tirar 10!

CENA 13

MÚSICA FINAL: O ENCONTRO

(Senhor Stockler traz os artistas de volta do tempo e cantam a música final enquanto há uma coreografia de agradecimento. Ana Botafogo, Pedro Américo, Nilda Spencer, Carmen Miranda e Machado de Assis cantam.)

As artes do tempo não voltam atrás
Só a história pode ser mais veloz
Mailim e Stockler vão pra lá e pra cá
Mas encontram Dom Pedro e passam a aprontar

Descobrem as artes, os artistas do Brasil
Em duzentos anos como nunca se viu
Aprendem bastante nunca vão esquecer
De tantos heróis que estamos a ver

(Mailim e senhor Stockler cantam)

Artistas e príncipes: o que têm em comum?
Bravura, ideais: não é pra qualquer um
Uns já têm liberdade, outros a querem ter!

(Artistas cantam)

Eu sou artista e tenho um talento pra mostrar pra você
Pra você entender melhor este mundo
Pra se distrair
Ou algo mais profundo
Pra poder pensar em certos assuntos
Te ofereço minha arte
E verás minha alma
Mas veja com calma
Também dela me alimento
Suo, vibro, meu intento

(Cada artista diz a frase que lhe corresponde)

Preciso cantar para estar viva
Preciso atuar para estar viva
Preciso dançar para estar viva
Preciso pintar para estar vivo
Preciso escrever para estar vivo

(Todos)

Não sei explicar, não basta falar
Só quem é artista
Sabe que precisa criar!!!!!!

MAILIM

Nossos heróis na arte e na vida, no país e no coração. A arte do tempo trouxe o agora. O tempo da arte é sempre e sem demora!!! A arte é livre, assim como independente. O artista é livre! Os heróis da Independência queriam liberdade. Liberdade, eles têm em comum. Liberdade pra todos e pra qualquer um!

(Cada artista canta o verso que lhe convém)

Por isso eu canto em qualquer parte
Por isso eu atuo em qualquer parte
Por isso eu danço em qualquer parte
Por isso eu pinto em qualquer parte
Por isso eu escrevo em qualquer parte

(Todos)

Porque, pra mim, é
Independência e arte!
Porque, pra mim, é
Independência e arte!
Porque, pra mim, é
Independência e arte!!!



A
NOITE
DOS
FANTASMAS

A NOITE DOS FANTASMAS

Gisele Garcia

Personagens

Anita, estudante

Victor, estudante

Professora

Segurança do museu

Aluno 1

Aluno 2

Estudantes

Fantasma 1,

fantasma da Arte Acadêmica

Fantasma 2,

fantasma da Semana
de Arte Moderna

Fantasma 3,

fantasma da Arte
da Segunda Metade
do Século XX

AÇÃO

Brasil, interior de um museu.

ÉPOCA

Presente.

PRIMEIRO ATO

(Interior de um museu. Salão com exposição de arte brasileira. Três grandes quadros preenchendo o fundo do cenário: uma pintura no estilo artístico predominante no Brasil nos primeiros anos após a Proclamação da Independência, seguindo os cânones propagados pela Missão Artística Francesa; uma pintura no estilo de arte que se seguiu à Semana de Arte Moderna; e uma imagem no estilo das obras concretistas e neoconcretistas. Outros quadros e esculturas completam o fundo e as laterais do cenário. Centro do palco vazio.)

CENA 1

(Um segurança está parado em uma das laterais do palco. No salão, em contida barulheira, estudantes de 14 e 15 anos observam as obras expostas. Uma professora eleva a voz acima do burburinho dos alunos.)

PROFESSORA *(Como se ministrasse uma aula)* Aqui, é possível reparar bem os caminhos que nossa arte percorreu nos 200 anos de nosso país como nação independente. Vejam como variaram os estilos e as temáticas.

(Ouve-se um sinal sonoro. O segurança se aproxima da professora.)

SEGURANÇA *(Polidamente)* Me desculpe... Estamos encerrando as atividades do museu por hoje. Fecharemos em dez minutos.

PROFESSORA Ok, obrigada. *(Vira-se para os alunos)* Pessoal, passeio encerrado. Hora de voltar para a escola. Todo mundo pro ônibus!

(A professora se posiciona na lateral do palco, por onde os estudantes vão saindo. Enquanto os alunos passam, a professora os conta com movimentos de mão e dedos. Detém-se nos dois últimos alunos e os interpela.)

PROFESSORA *(Confusa)* Faltam dois. Vocês repararam se alguém saiu antes?

ALUNO 1 Não vi, não.

ALUNO 2 O Victor e a Anita queriam paz pra namorar um pouco. Sabe como é, né, professora...? Devem estar lá no ônibus.

ALUNO 1 Ou, se eu conheço esses dois, já devem é ter se mandado...

PROFESSORA *(Irritada)* É cada uma! Vocês podem não ser mais crianças, mas ainda não são adultos. Estão em um passeio da escola, sob minha responsabilidade! Ora essa! Acontece algo com um de vocês e a responsabilidade é minha, é da escola...

(Os três saem do palco, a professora resmungando. Após a saída de todos, o segurança dá uma olhada ao redor e sai também. Barulho de porta sendo trancada. Silêncio.)

CENA 2

(Salão do museu vazio. Som de risadas vindas da lateral do palco. Entram em cena Anita e Victor, os jovens ajeitando os cabelos, distraídos. Anita limpa uma mancha de batom no rosto de Victor.)

ANITA Pronto! Bora voltar logo, antes que alguém perceba que a gente sumiu!

(Os jovens param no meio do palco. Olham ao redor e se dão conta do salão totalmente vazio.)

VICTOR *(Confuso)* Ué? Cadê todo mundo?

(Os dois se movimentam pelo salão, os olhares se dirigindo para além do palco.)

ANITA

Não tem ninguém nas outras salas também. Será que já estão fechando o museu?

(Victor anda até um dos limites laterais do palco. Simula tentar abrir uma porta fora de cena. Retorna para o centro do palco.)

VICTOR

(Nervoso) A porta tá trancada! Trancaram a gente aqui dentro, Anita!

ANITA

(Nervosa) Como assim trancaram a gente?

(Anita anda até o local onde Victor estava e realiza o mesmo procedimento de tentar abrir uma porta fora de cena.)

ANITA

Ninguém sentiu nossa falta? A professora não contou os alunos?

(Anita retorna para o centro do palco, para perto de Victor. Pega o celular.)

ANITA

Descarregado. Sempre assim... Sempre que a gente precisa... *(Dirigindo-se a Victor)* Usa o seu. Liga pra alguém vir tirar a gente daqui.

VICTOR

(Apalpando os bolsos) Xi! Deixei meu celular no ônibus.

ANITA

(Irritada) Putz, Victor! Você também... Não dá pra contar contigo, né?

VICTOR

(Ofendido) Ei, calma aí, Anita! Não vem descontar em cima de mim, não. Eu tô trancado aqui igual a você. A gente tá lascado junto!

ANITA

(Apaziguadora) Tá, desculpa. É que eu tô nervosa. Meus pais vão me matar se eu não voltar pra casa! Imagina se eu passar a noite fora... Ainda mais com você.

VICTOR

E os meus? Já tô até vendo... Um mês de castigo sem sair de casa. Também... Que ideia a nossa de entrar na parte do museu restrita ao público... A gente devia era ter voltado mais cedo pro ônibus. Não ia ter ninguém. A gente ia poder namorar sossegado.

(Os dois se abraçam e se sentam no centro do palco, um escorado nas costas do outro. Pausa. A iluminação começa a diminuir suavemente.)

ANITA

(Sonolenta, bocejando) Meus pais vão me matar!

(Victor boceja também. Os dois se deitam no chão, abraçados. Dormem. A iluminação diminui um pouco mais.)

CENA 3

(Meia-noite. Badaladas de relógio começam a soar. Serão doze ao todo. Enquanto o salão vai se esfumando, a iluminação começando a piscar e Anita e Victor acordam e se levantam. Assustados, os jovens acompanham as badaladas. Olham para um lado e para o outro, tentam entender o que ocorre. No décimo primeiro badalar, a iluminação pisca uma última vez. No décimo segundo badalar, sobe a composição “O guarani”, de Carlos Gomes, em volume alto e impactante; a iluminação retorna. No retorno da iluminação, três fantasmas surgem em cena; envoltos na fumaça, cada um defronte a um dos grandes quadros do fundo do cenário.)

O Fantasma 1, posicionado defronte à pintura em estilo Missão Artística Francesa, traça vestimenta masculina característica das décadas de 1820/1830. A Fantasma 2, posicionada defronte à pintura em estilo Semana de Arte Moderna, traça vestimenta feminina característica das décadas 1920/1930. O Fantasma 3, posicionado defronte à imagem em estilo Hélio Oiticica, traça vestimenta masculina característica das décadas finais do século XX. O Fantasma 3 tem aparência mais jovem do que os outros dois.)

(Anita e Victor tremem no centro do palco, com expressões apavoradas. Os dois se abraçam. Ao ritmo da música, os fantasmas correm e se movimentam por todo o palco, mexendo os braços, girando os corpos, agitados. Um dos fantasmas percebe os jovens. Ele mostra os jovens aos outros fantasmas. Os três fantasmas correm ao redor dos estudantes, as mãos aproximando-se dos garotos, como se fossem tocá-los e desistissem. O movimento se repete algumas vezes. Anita e Victor tremem abraçados. Os dois fecham os olhos de pavor. Os fantasmas param ao redor dos jovens. A música para. A Fantasma 2 chega o rosto bem próximo aos rostos dos jovens.)

FANTASMA 2 Buuu!

(Anita e Victor dão um pulo e emitem um grito alto e longo. Os dois correm pelo palco e retornam ao centro, encolhendo-se no chão, em posição de quem está prestes a receber pancadas: os braços protegendo rostos e cabeças. A Fantasma 2 ri, divertida e debochadamente. O Fantasma 1 intercede. Seu falar é formal e educado, carregado de um leve sotaque francês.)

FANTASMA 1 Mas que falta de modos é essa? É assim que você recebe os nossos jovens visitantes?

(Anita e Victor descobrem de leve as cabeças. Entre receosos e curiosos, observam os fantasmas.)

FANTASMA 2

Pronto, começou. Já vem você com suas recriminações! (*Debochada*) Recriminar, recriminar... É o que você mais gosta de fazer, né? Recriminar tudo e todos. Se possível, recriminar o mundo! Deixa suas regras de lado e se solta ao menos uma vez na vida! (*Com sorriso irônico*) Ou na morte... (*Pausa*) Estava só me divertindo um pouco. O ano inteiro presa em um quadro... É justo querer dar uma risada na única noite do ano em que ganhamos uma migalha de liberdade.

(Anita e Victor permanecem ajoelhados no chão. Observam a discussão dos dois fantasmas; as expressões mesclando medo e curiosidade.)

FANTASMA 3

(Com ar estorvado) Parem, parem vocês dois! Vocês nunca se cansam de discutir? É por isso que estamos aqui. (*Aproxima-se dos garotos, em tom amigável*) Não liguem pra eles. Vocês não correm perigo aqui conosco. Somos do bem.

(Fantasma 3 estende a mão para os jovens, para ajudá-los a se levantar. Anita e Victor olham um para o outro, com expressões inseguras. Titubeando, aceitam a ajuda. Primeiro Victor e depois Anita tocam a mão do fantasma e se levantam com seu auxílio. Um calafrio percorre o corpo dos jovens no momento do contato com a mão do fantasma. De pé, os dois assumem posição em meio aos três fantasmas.)

ANITA

(Sussurrando para Victor) Isso deve ser castigo. Só pode. Porque eu vivo implicando com a Luísa e os medos de assombração dela. Ou, quem sabe, é um sonho. É isso! Devemos estar sonhando. Acho que ainda estamos dormindo no chão duro deste museu.

(Anita dá um beliscão em Victor.)

VICTOR

Ai, Anita! Isso dói! Que mané sonho o quê! Eu não sei o que tá rolando, nem entendo como é que isso pode estar acontecendo, mas isso é real, linda. Sei disso porque eu nunca sonho. Nunca me lembrei de nenhum sonho, em toda minha vida.

FANTASMA 2

(Irônica) E depois eu que sou estranha e louca!

FANTASMA 3

(Para Anita e Victor) Desculpem-nos por assustar vocês. É que sempre saímos dos quadros com muita energia. E não contávamos que houvesse alguém no salão. O que vocês estão fazendo aqui a essa hora da noite? Aliás, quem são vocês? São artistas?

(Os fantasmas giram ao redor dos garotos, observando-os de cima a baixo, tocando em suas roupas e em seus cabelos.)

ANITA

Artistas? Não, somos só estudantes mesmo. Eu me chamo Anita.

VICTOR

E eu sou o Victor. A gente tava num passeio da escola, de comemoração do Dia da Independência. Nos afastamos só um pouquinho do grupo, e, quando vimos, a galera toda tinha ido embora e o museu tava trancado. Esqueceram a gente aqui.

FANTASMA 1

Pois bem, Anita e Victor, teremos então a agradável companhia de vocês nesta Noite da Independência. *Mademoiselle, monsieur*, permitam-me que eu me apresente: sou o Fantasma da Arte Acadêmica.

(Fantasma 1 faz uma mesura para os jovens. Anita e Victor retribuem o cumprimento.)

FANTASMA 2 E eu sou a Fantasma da Semana de Arte Moderna, a seu dispor.

(Fantasma 2 aperta as mãos dos estudantes.)

FANTASMA 3 E eu, o Fantasma da Arte da Segunda Metade do Século XX.

(Fantasma 3 faz um hang-loose com a mão e acena um cumprimento com a cabeça. Os garotos respondem imitando o mesmo tipo de cumprimento.)

FANTASMA 3 *(Suspirando)* Arte da Segunda Metade do Século XX... Só eu não tenho um nome maneiro... Um nome ligado a um movimento ou a uma escola...

**FANTASMA 1/
FANTASMA 2**

(Entre risos) A mesma ladainha de sempre!

VICTOR

Que doido! *(Para os Fantasmas 1 e 2)* Estudamos muito sobre vocês na escola, sabiam? *(Para o Fantasma 3)* *(Ligeiramente encabulado)* Você, nós estudamos um pouco menos...

(Fantasma 3 deixa cair ombros e cabeça, em postura de desânimo. Sacode a cabeça negativamente. Fantasmas 1 e 2 riem. Anita se afasta um pouco do grupo. Ela percorre o palco observando as três pinturas do fundo do cenário.)

VICTOR

Mas eu não sabia que existia fantasma de... Como é que eu falo? Fantasma que não é de gente, fantasma de...

- FANTASMA 3** Fantasma de movimentos artísticos?
- VICTOR** Isso!
- FANTASMA 2** Mas é claro que existe! Um movimento artístico envolve pessoas, ideais, sonhos. Movimentos artísticos têm alma e personalidade. Muito mais alma do que uma pessoa sozinha!
- FANTASMA 1** Somos o resultado das várias pessoas que nos criaram, *mon ami*. Que participaram do estilo artístico que somos nós. É a união dos ideais e sonhos dessas pessoas que forma nossas almas.
- ANITA** (*Ainda observando as pinturas, distraída*) E vocês vivem aqui, dentro desses quadros?
- FANTASMA 1** *Oui, mademoiselle!*
- ANITA** E isso não é triste? Quer dizer, não é um pouco solitário e sem graça?
- (*Os três fantasmas suspiram. Esparramam-se pelo espaço, cada um se posicionando em um ponto do palco. Expressões de desolação.*)
- FANTASMA 2** Não temos opção, querida. Uma maldição nos mantém presos, cada um a um desses quadros.
- FANTASMA 1** Passamos o ano inteiro dentro dos quadros, à espera de uma única noite.
- FANTASMA 3** Somente à meia-noite do dia 6 pro dia 7 de setembro somos presenteados com um gostinho de vida e liberdade.

- FANTASMA 2** Mas não é bem vida, pois continuamos mortos. E nossa liberdade... (*Suspira*) Ficamos livres do quadro, mas não do museu.
- FANTASMA 1** E quando o sol nasce, *ma chérie*, voltamos para o quadro. E lá ficamos mais um ano inteiro, a esperar o próximo 7 de setembro.
- ANITA** (*Comovida*) Que coisa mais triste!
- VICTOR** (*Chocado*) Isso é horrível! O que vocês fizeram para merecer um castigo desses? Eu não consigo imaginar um jeito pior de viver.
- ANITA** Ou de morrer...
- FANTASMA 3** Eu não fiz nada! Mas esses dois...
- FANTASMA 1** Esses dois não, *mon ami!* (*Exaltando-se*) Essa daí (*Aponta para a Fantasma 2*) que chegou cheia de ideias tortas, indo contra a natureza das coisas, pregando a modernização das artes, falando em arte genuinamente brasileira... Como se a arte dos artistas da minha escola não fosse brasileira...
- FANTASMA 2** (*Indignada*) Ah, faça-me rir! Você nunca se preocupou em buscar uma arte brasileira! Você só valorizava o que vinha da Europa. E treinava seus artistas para serem meros replicadores de ideais estéticos europeus!
- (*A essa altura, Fantasma 1 e Fantasma 2 estão um bem próximo ao outro, peitos estufados, prontos para partir para a briga.*)

FANTASMA 1 *(A voz cada vez mais alta)* Faça-me rir você!
Quando o Brasil nasceu como nação, eu estava lá,
ensinando técnicas apuradas, retratando a história
e a vida do país, formando grandes artistas!

FANTASMA 2 *(Quase gritando)* Técnica, técnica... E a alma? Você
menosprezava a arte que não seguia suas regras.
Você desprezou a cultura rica que existia neste solo!
Já existia arte por aqui antes de você surgir, sabia?

(Fantasmas 1 e 2 fecham os punhos, prontos para se agredirem. Fantasma 3 se interpõe entre eles, afastando-os.)

FANTASMA 3 *(Gritando)* Parem vocês dois! Vai ser isso
a vida toda?!

(Fantasmas 1 e 2 se afastam. Cada um vai para uma ponta do palco. Ficam de costas para a área central, com expressões emburradas.)

FANTASMA 3 *(Para Anita e Victor)* É isso! É por isso que estamos
aqui, amaldiçoados! Por esses dois cabeças-duras
viverem às turras! Tanto perturbaram a paz do
paraíso que foram punidos.

(Fantasma 3 olha para os dois outros fantasmas, como se fosse um pai bravo. Depois, volta-se novamente para os jovens.)

FANTASMA 3 E eu, que nada tinha a ver com a história, acabei
punido junto. *(Desalentado)* Tentava fazer com que
eles se acertassem... Acharam que eu estava incitando
as desavenças entre eles. *(Pausa e longo suspiro)*
Acabamos os três condenados a essa triste existência.

VICTOR *(Penalizado e pensativo)* Mas deve ter um jeito de quebrar essa maldição. Sempre tem! Pelo menos nos filmes...

FANTASMA 3 A maldição só será quebrada quando esses dois fizerem as pazes.

(Fantasma 3 lança um olhar de desaprovação para o Fantasma 1 e, em seguida, um olhar de desaprovação para a Fantasma 2.)

FANTASMA 3 Somos liberados uma vez ao ano, por uma noite, para que eles tenham a chance de se acertar e pôr fim à maldição.

ANITA *(Tentando entender)* É só isso? Basta eles fazerem as pazes? Mas então é muito fácil de resolver!

FANTASMA 3 *(Desalentado)* Isso é o que você pensa!

(Fantasma 3 anda em direção à parte frontal do palco e senta-se no centro; as pernas penduradas para fora do tablado.)

FANTASMA 3 Tento fazer esses turrões se entenderem há anos, mas é sempre a mesma coisa... Os dois são como gato e rato: só sabem discutir. Já não tenho mais esperança. Todo ano é a mesma coisa... Acaba a noite, o sol nasce e nós voltamos para a solidão dos quadros. *(Novo suspiro)*

(Fantasma 2 anda em direção ao Fantasma 3 e senta-se a seu lado; também com as pernas penduradas para fora do tablado. Dá a mão ao Fantasma 3.)

FANTASMA 2

(Carinhosa) Você sabe o quanto eu odeio estar presa e limitada. Minha alma anseia por liberdade! (Pausa) E eu tento; juro que eu tento aceitar esse almofadinho arrogante. (Lança um rápido olhar para o Fantasma 1) Mas isso está além das minhas forças. Eu não consigo... (Expressão de desânimo)

(Fantasma 1 anda em direção ao Fantasma 3 e senta-se a seu outro lado; também com as pernas penduradas para fora do tablado. Dá a mão ao Fantasma 3.)

FANTASMA 1

(Voz terna) Oui, mon ami. Queremos acabar com essa maldição tanto quanto você. É que não conseguimos. Essa doidivanas com suas rebeldias... (Lança um rápido olhar para a Fantasma 2) Até tentamos fingir que nos aceitávamos e nos respeitávamos, você se lembra? Foi num 7 de setembro de uns 20 anos atrás. Mas o truque de nada adiantou. (Expressão de desânimo) Só o entendimento verdadeiro poderá quebrar a maldição.

(Os três fantasmas silenciam-se, sentados na parte frontal do palco, de cabeças baixas e de costas para Anita e Victor. No centro do palco, por detrás dos fantasmas, os jovens gesticulam, comunicando-se por mímica. Anita realiza um gesto denotando “e agora, o que fazemos?”. Victor responde com um gesto de “eu não sei”. O rapaz estende a mão em direção aos fantasmas e faz cara de pesar. Anita coloca as mãos na região do coração e faz expressão de comovida. A jovem bate a ponta do indicador na lateral da testa, com expressão pensativa. Ela cochicha no ouvido de Victor. Ele cochicha de volta no ouvido de Anita. Os dois fazem que “sim” com a cabeça; um leve sorriso no rosto. Viram-se para os fantasmas.)

ANITA/VICTOR E se nós ajudarmos vocês?

(Os três fantasmas se levantam em um ímpeto. Juntam-se aos jovens, no centro do palco.)

FANTASMA 3 Mas como vocês poderiam fazer isso? Eu não entendo.

VICTOR Não sabemos, na verdade. Mas estamos aqui, né?

ANITA Pra alguma coisa tem que servir o castigo que vamos levar por essa noite presos no museu. Quem sabe a gente não acabou aqui pra ajudar vocês?

VICTOR E a Anita pensou numa coisa. Teve uma ideia.

ANITA *(Dirigindo-se aos fantasmas 1 e 2)* Vocês podiam nos falar um pouco mais de vocês, pra gente entender direitinho essa briga. Conhecendo vocês, conhecendo a história, quem sabe...? Tenho certeza de que podemos pensar em um jeito de resolver essa treta.

VICTOR Acho que vale a pena tentar! *(Irônico)* Vocês não podem dar um rolê na cidade mesmo... Temos a noite toda! *(Pisca o olho para os fantasmas)*
(Para o Fantasma 1) Podemos começar por você, para seguir a ordem certa da história. O que acha? Fala sobre você pra gente!

(Os fantasmas se entreolham, pensativos. Afastam-se para um canto do palco e param, em semicírculo. Confabulam.)

FANTASMA 1 Bem... Mal não vai fazer. Quem sabe alguém lá de cima se apiedou da gente e enviou esses garotos para nos ajudar?

FANTASMA 2 E com esses nomes, ainda... Vocês repararam? Victor e Anita... Juntos... Não acho que seja mera coincidência.

FANTASMA 3 Será? Pode ser... E talvez eles enxerguem a solução que nós mesmos não encontramos. Às vezes, é mais fácil para alguém de fora. Acho que vale tentar!

(Fantasma 1 e Fantasma 2 concordam com o Fantasma 3. Os fantasmas se juntam aos jovens, no centro do palco.)

FANTASMA 2 Topamos fazer a experiência!

FANTASMA 1 Contaremos nossas histórias a vocês.

VICTOR *(Empolgando-se)* Todo mundo de acordo, então?

(Victor estende a mão à frente do corpo. Anita também estende a mão, colocando-a sobre a mão de Victor. O Fantasma 3 olha para os outros dois fantasmas e, resolutamente, estende a mão sobre as mãos dos jovens. Fantasma 1 e Fantasma 2 se demoram alguns segundos; levantam e abaixam os ombros com expressão de indiferença, mas também acabam estendendo as mãos e se juntando ao grupo. Sobe trecho da composição "O guarani". Fecham-se as cortinas.)

SEGUNDO ATO

(As cortinas se abrem. Inicia-se o segundo ato. Rio antigo, décadas de 1830/1840. Fundo do palco com imagem da antiga Academia Imperial de Belas Artes. Mesa e cadeiras da época posicionadas no lado direito do palco. Poste de iluminação pública característico da época posicionado próximo à mesa. No extremo esquerdo do palco, uma grande tela para projeção de imagens envolta por moldura compatível com a época e posicionada como um grande quadro exposto no cenário. Imagem do Paço Imperial, à época, projetada na tela.)

CENA ÚNICA

(Entram em cena os três fantasmas e os dois estudantes. O volume da música vai diminuindo. Os estudantes, curiosos, transitam pelo palco, observando o cenário. A música para.)

FANTASMA 1 *(Empolgado) Voilà! Apresento-lhes meu espaço preferido no museu. Bem-vindos ao Rio de Janeiro do século XIX!*

(Fantasma 1 se dirige à mesa e puxa uma das cadeiras. Faz uma mesura direcionada a Anita e Victor.)

FANTASMA 1 *Mademoiselle, monsieur, por favor...*

(Anita senta-se na cadeira oferecida pelo fantasma. Educadamente, o Fantasma 1 puxa outra cadeira para Victor. Victor senta-se. Os outros fantasmas também se ajeitam à mesa. Fantasma 1 ocupa o centro do palco.)

FANTASMA 1 Eu sou fruto da Missão Artística Francesa, da vinda de grandes artistas para o nosso país, poucos anos antes da nossa Independência, com a tarefa civilizatória de formação de uma sociedade culta e ilustrada...

FANTASMA 2 *(Interrompendo o Fantasma 1) (Irônica)* Claro! Porque, na visão deles, o Brasil era uma barbárie, uma terra sem arte, sem cultura... Era preciso que os digníssimos franceses do Primeiro Mundo viessem nos civilizar.

FANTASMA 1 *(Irritado)* Sou eu ou é ela quem deve falar de mim?

(Fantasma 3 e os jovens olham para a Fantasma 2, com olhar de reprovação. Fantasma 2 cruza os braços e se recosta na cadeira. Cala-se.)

FANTASMA 1 *Merci.* A Missão Francesa foi a semente da Academia Imperial de Belas Artes. Os artistas franceses que aqui ficaram, junto aos artistas brasileiros que foram surgindo, cumpriram o papel de desenvolvimento do Neoclassicismo e de uma cultura das Belas Artes.

FANTASMA 2 *(Crítica e debochada)* O Neoclassicismo que já estava decadente na Europa.

(Fantasma 1 para de falar. Todos lançam olhares reprovadores para a Fantasma 2. Na mesa, os estudantes e o Fantasma 3 colocam o dedo indicador sobre a boca, solicitando-lhe silêncio. O Fantasma 1 retoma a fala.)

FANTASMA 1 *(Tom orgulhoso)* Foi o Neoclassicismo que promoveu as artes e desenvolveu uma série de obras urbanísticas no país. Que introduziu traços eruditos na cultura artística. Que criou uma memória da monarquia brasileira. *(Pausa)* A Academia possibilitou a transmissão de saber e o desenvolvimento técnico de incontáveis artistas. Quantos nomes de destaque passaram por mim! Quantos artistas eu incentivei com premiações que incluíam viagens à França e a outras localidades da Europa!

ANITA Uau!

VICTOR Eu bem que gostaria de um prêmio desses!

FANTASMA 1 *(Em tom solene e com a voz em volume aumentado)* Conclamo a música de Henrique Alves de Mesquita!

(Fantasma 1 realiza um movimento de mãos e braços similar a um gesto de maestro regendo orquestra. Sobe a música “Ali Babá”, de Henrique Alves de Mesquita. Suaviza-se a iluminação de palco. Focos de luz na mesa e no Fantasma 1. Após alguns segundos, abaixa-se o volume da música. Com a música em background, Fantasma 1 discursa enquanto imagens são projetadas na tela do lado esquerdo do palco, falas e imagens acontecendo no andamento da música de fundo.)

FANTASMA 1 Henrique Alves de Mesquita foi um músico de destaque no Brasil Império. *(Pisca para Victor)* Ele foi premiado com uma viagem à Europa, *mon ami*. *(Pequena pausa)* Apresentarei a vocês alguns artistas que compõem o meu ser, para que vocês possam entender a grandiosidade e a importância do que eu propiciei.

(Estalar de dedos do Fantasma 1. Projeção na tela da imagem de Jean-Baptiste Debret.)

FANTASMA 1 Jean-Baptiste Debret! Chegou ao Brasil com a Missão Francesa. Foi o pintor oficial do Primeiro Reinado e um dos fundadores da Academia Imperial de Belas Artes. De certa forma, eu existo por causa dele.

(Projeção na tela do quadro Aclamação de D. Pedro II, de Debret.)

ANITA *(Cochichando para Victor)* Nosso livro de história tem essa pintura.

FANTASMA 1 Debret organizou a primeira mostra pública de arte no Brasil. Retratou diversas cenas históricas em seus quadros.

(Projeção na tela do quadro Caçador de escravos, de Debret.)

FANTASMA 1 Mas foi além. Viajou por todo o país e documentou em aquarela as paisagens e o cotidiano da nossa pátria recém-nascida.

(Estalar de dedos do Fantasma 1. Projeção na tela da imagem de Grandjean de Montigny.)

FANTASMA 1 Grandjean de Montigny! Arquiteto! Também chegou com a Missão Francesa.

(Projeção na tela de uma obra arquitetônica de Montigny. Anita e Victor observam com expressões impressionadas.)

FANTASMA 1 Projetou o prédio da Academia Imperial. Destacou-se na construção de prédios urbanos.

(Estalar de dedos do Fantasma 1. Projeção na tela da imagem de Manuel de Araújo Porto-Alegre.)

FANTASMA 1 Manuel Araújo de Porto-Alegre! Foi um dos primeiros alunos da Academia. Acabou virando diretor dela. Foi um homem de muitos e variados talentos.

(Projeção na tela da primeira charge brasileira, de Porto-Alegre.)

FANTASMA 1 Foi escritor, jornalista, político, arquiteto, professor, historiador, artista... e o primeiro cartunista de nosso país.

(Anita e Victor ficam de boca aberta.)

VICTOR E eu achando que eu fazia muita coisa!

ANITA *(Rindo)* Ih, Victor, ele te humilha!

(Estalar de dedos do Fantasma 1. Projeção na tela da imagem de Pedro Américo.)

FANTASMA 1 Pedro Américo! Artista da segunda metade do século XIX.

(Projeção na tela do quadro O grito do Ipiranga, de Pedro Américo. Anita e Victor apontam a obra, reconhecendo-a.)

ANITA Esse, eu conheço muito! Tem em todos os livros de História!

FANTASMA 1 Trabalhou com temas bíblicos e históricos. Produziu imponentes retratos. Foi um dos alunos mais fiéis aos princípios neoclássicos da Academia.

(Estalar de dedos do Fantasma 1. Projeção na tela da imagem de Victor Meirelles.)

FANTASMA 1 *(Olhando para Victor)* E eu não poderia deixar de falar de um xará seu. Victor Meirelles! Também da segunda metade do século XIX. *(Pisca para Victor)* E premiado com uma viagem para a Europa.

(Victor se apruma na cadeira, olhando a imagem de seu xará. Projeção na tela do quadro A primeira missa no Brasil, de Victor Meirelles.)

ANITA *(Empolgada)* Esse também! Esse também aparece muito nos livros de História!

FANTASMA 1 Essa é uma das telas mais populares e conhecidas do Brasil. *(Pequena pausa)* Victor Meirelles pintou retratos, paisagens e temas históricos. Retratou cenas históricas com maestria!

- VICTOR** *(Para Anita)* Que talento! Só podia mesmo se chamar Victor!
- ANITA** *(Segurando o riso ante a provocação de Victor)* Ai, ai, você se acha muito! *(Bagunça o cabelo de Victor, carinhosamente)*
- FANTASMA 1** Eu poderia ficar horas falando. Tantos outros nomes... Augusto Müller, Agostinho José da Mota, Thomas Ender, Rugendas, Almeida Júnior... Mas não posso me estender a noite inteira. Tenho que deixar espaço para meus companheiros de maldição... *(Olha para além do palco)* Antes que o sol nos mande de volta aos quadros.
- (Fantasma 1 movimentava as mãos como um maestro. A música para. Fantasma 1 se vira para os jovens e se curva em uma mesura de agradecimento. Anita e Victor aplaudem a apresentação.)*
- FANTASMA 2** *(Crítica)* Tanto potencial, tantos talentos... Imagine onde poderiam chegar se não tivessem ficado presos aos seus princípios rígidos para o desenho, para o uso das cores, para a escolha de temas. De todos esses nomes, Almeida Júnior, o mais brasileiro dos pintores do século XIX, foi o único que escapou um pouco às suas regras sufocantes. *(Suspira)* Todos tão presos ao que você aceitava como arte, à imitação de seus modelos europeus...
- FANTASMA 1** *(Incisivo)* Ao que eu considero, não! Ao que é arte!
- FANTASMA 2** *(Contrariada)* Como poderiam construir uma arte nacional? Você não deu espaço!

FANTASMA 1 *(Irritado)* Você não percebe que eu possibilitei a existência desses artistas? Eu possibilitei a arte no Brasil! Eu dei o impulso inicial à arte dessa nação!

FANTASMA 2 *(Para os estudantes, tom irônico)* Blá-blá-blá, blá-blá-blá... É sempre essa mesma ladainha!

(Fantasma 2 se levanta da mesa, decidida. Caminha em direção ao centro do palco, trocando olhares de desdém com o Fantasma 1.)

FANTASMA 2 *(Categórica)* Agora é a minha vez de contar um pouco da minha história!

(Sobe trecho da composição “O guarani”. Fecham-se as cortinas.)

TERCEIRO ATO

(As cortinas se abrem. Inicia-se o terceiro ato. São Paulo, décadas de 1920/1930. Fundo do palco com imagem do Theatro Municipal de São Paulo. Lado esquerdo do palco com mobiliário em design bem moderno: cadeiras/poltronas, mesa de centro e uma chaise longue. No extremo direito do palco, uma grande tela para projeção de imagens envolta por uma moldura compatível com a época e posicionada como um grande quadro exposto no cenário. Imagem da obra Operários, de Tarsila do Amaral, projetada na tela.)

CENA ÚNICA

(Entram em cena os três fantasmas e os dois estudantes. O volume da música vai diminuindo. Os estudantes transitam pelo palco, curiosos, observando o cenário. Anita e Victor experimentam o mobiliário presente no palco. Um depois o outro se deita na chaise, experimentando-a com expressão de agrado. Fantasma 1 verifica os móveis com cara de estranhamento e desagrado. Senta-se em um dos lugares. Fantasma 3, Anita e Victor também tomam assento. Fantasma 2 se posiciona no centro do palco. Para a música.)

FANTASMA 2 *(Com empolgação)* Sejam muito bem-vindos à modernidade do Brasil do início do século XX!

FANTASMA 1 *(Com um muxoxo de reprovação)* E lá vamos nós...

(Fantasma 2 lança um olhar de reprovação ao Fantasma 1. Com um gesto de superioridade, o ignora e continua seu discurso.)

FANTASMA 2 Complexas forças sociais atuavam em São Paulo e no Brasil do início do século XX. Operários, imigrantes, anarquistas... Novos atores surgiam. O capitalismo paulista passa a ser questionado. Esses novos tempos ansiavam por uma nova arte, uma arte que refletisse a complexidade da época. Assim foi que chegamos, cem anos após a Independência do Brasil, à Semana de Arte Moderna de 22.

FANTASMA 1 *(Desdenhoso, sacudindo a cabeça negativamente)* Espetáculo de deboches e afrontas à arte!

FANTASMA 2 *(Para Fantasma 1, incisiva)* Evento que rompeu com o conservadorismo cultural e com a arte acadêmica, isso sim!

(Os estudantes e o Fantasma 3 se viram para o Fantasma 1, com o dedo indicador sobre a boca, solicitando-lhe silêncio. A Fantasma 2 retoma a fala.)

FANTASMA 2 *(Com empolgação)* O nobre colega conclamou Henrique Alves de Mesquita. *(Estendendo os braços para o alto e aumentando o volume da voz)* Pois eu conclamo Heitor Villa-Lobos!

(Fantasma 2 realiza um movimento de mãos e braços, similar a um gesto de maestro regendo orquestra. Sobe a música “Bachianas brasileiras nº 2 — IV. Tocata — O trezinho do caipira”, de Heitor Villa-Lobos. Suaviza-se a iluminação de palco. Focos de luz no ambiente com o mobiliário e na Fantasma 2. Após alguns segundos, abaixa-se o volume da música. Com a música em background, Fantasma 2 discursa enquanto imagens são projetadas na tela do lado direito do palco, falas e imagens acontecendo no andamento da música de fundo.)

FANTASMA 2 A Semana de Arte Moderna de 22!

(Estalar de dedos da Fantasma 2. Projeção na tela de cartaz da Semana de Arte Moderna de 22.)

FANTASMA 2 As artes plásticas foram a principal base do evento, realizado no Theatro Municipal de São Paulo. Impulsionadas pela atividade crítica e literária de escritores como Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Menotti del Picchia, os artistas mais inovadores e contestadores se reuniram para realizar uma mostra coletiva do que havia de mais atualizado no país. Apresentaram ao público uma nova visão de arte, uma arte irreverente e livre. Uma arte inspirada nas vanguardas europeias, mas com valorização de nossas raízes nacionais.

(Estalar de dedos da Fantasma 2. Projeção na tela da imagem de Lasar Segall.)

FANTASMA 2 Alguns dos principais nomes dessa ruptura artística. *(Gesticulando o braço em direção à tela)* Lasar Segall! Não participou da Semana de 22, mas foi um de seus percursores, com sua exposição de 1913.

(Projeção na tela do quadro Bananal, de Lasar Segall.)

FANTASMA 2 Trabalhou a temática brasileira como ninguém. Seus desenhos angulosos e suas cores fortes retratavam mulheres negras, prostitutas, marinheiros, favelas, bananeiras...

(Estalar de dedos da Fantasma 2. Projeção na tela da imagem de Anita Malfatti.)

FANTASMA 2 Um dos grandes nomes da Semana de 22: Anita Malfatti! *(Olha para Anita)* Xará da nossa querida visitante e também percursora da Semana de 22, com sua exposição de 1917.

(Anita sorri e observa atentamente a imagem de Anita Malfatti. Projeção na tela do quadro A estudante russa, de Malfatti.)

FANTASMA 2

Anita foi duramente criticada pelos adeptos da arte acadêmica. *(Lança olhar reprovador para o Fantasma 1)* Mas o tiro saiu pela culatra. As críticas fizeram com que muitos artistas se juntassem a Anita em busca do desenvolvimento de uma arte brasileira livre das limitações do academicismo.

ANITA

(Aplaudindo empolgadamente) Uau! Adorei minha xará! Que mulher empoderada!

(Victor, Fantasma 2 e Fantasma 3 esboçam sorrisos ante empolgação de Anita. Fantasma 1 observa de cara fechada e braços cruzados. Estalar de dedos da Fantasma 2. Projeção na tela da imagem de Di Cavalcanti.)

FANTASMA 2

Di Cavalcanti! Um dos maiores incentivadores da realização da Semana de 22.

(Projeção na tela do quadro Samba, de Di Cavalcanti.)

FANTASMA 2

Suas cores vibrantes e seus desenhos sinuosos retrataram temas brasileiros como o Carnaval, a mulher negra, os operários, as favelas... Sua estética buscava a construção de uma identidade nacional.

(Estalar de dedos da Fantasma 2. Projeção na tela da imagem de Victor Brecheret.)

FANTASMA 2 *(Para Victor)* E, se você tem um xará na arte acadêmica, você também tem um xará aqui. *(Para todos)* Victor Brecheret! Grande escultor! Outro talentoso participante da Semana.

(Victor sorri orgulhoso, como se fosse o próprio artista. Projeção na tela de imagem da obra O sepultamento, de Victor Brecheret.)

FANTASMA 2 Modernizou a escultura brasileira. Suas obras não eram mera imitação de modelos reais. Com volumes geometrizados e poucos detalhes, criou expressivas esculturas.

(Estalar de dedos da Fantasma 2. Projeção na tela do quadro Abaporu, de Tarsila do Amaral.)

VICTOR/ANITA *(Empolgados)* O Abaporu!

FANTASMA 2 Há muitos outros nomes, participantes ou não da Semana de 22, que deram vida a uma arte moderna, e não acadêmica, a uma arte nacional... *(Movimenta o braço em direção à tela)*
A grande Tarsila do Amaral, Vicente do Rego Monteiro, Sérgio Milliet... Joaquim Tenreiro, pai do mobiliário moderno no Brasil... *(Aponta para o mobiliário em cena)* foi inovador ao abandonar a prática de copiar móveis europeus clássicos, ao buscar leveza e brasilidade. *(Suspiro)* Mas a noite já vai tarde. Pararei por aqui.

(Fantasma 2 movimentava as mãos como um maestro. A música para. Fantasma 2 se vira para os jovens, faz um aceno de cabeça e sorri. Anita e Victor aplaudem a apresentação. Fantasma 1 se levanta e se aproxima da Fantasma 2, ocupando o centro do palco.)

FANTASMA 1

(Dirigindo-se a todos) Brasilidade, brasilidade... Arte nacional. Você fala sobre isso o tempo todo, *mademoiselle*. Mas se esquece de comentar o choque que essa tal modernidade causou no público. Os artistas foram vaiados, criticados. Se a arte era tão brasileira, como ela diz, não deveria essa arte ser bem-aceita pelos brasileiros? *(Debochado)* Esses artistas foram comparados a doentes mentais e a loucos!

(Fantasma 2 se irrita. Lança-se na direção do Fantasma 1, como se fosse agredi-lo. Fantasma 3, Anita e Victor se levantam e se aproximam do centro do palco, preparados para intervir, se necessário. Fantasma 2 se detém a apenas alguns centímetros do Fantasma 1, seu rosto bem próximo ao rosto dele.)

FANTASMA 2

(Irritada) Claro! Você impunha suas regras e formalidades há um século! O público estava viciado, dogmatizado, sem conseguir pensar a arte fora do seu formalismo. Por um século, você tentou impedir a evolução da linguagem artística, do novo, do nacional!

(Fantasma 2 afasta-se do Fantasma 1. Dirige-se a todos.)

FANTASMA 2 *(Entre terna e comovida)* Tivemos que chocar, sim, o público, para mostrar que a arte podia ir muito além! Tivemos que dar a cara a tapa! *(Pausa)* Engolimos as vanguardas europeias e vomitamos uma arte brasileira!

(Fantasma 2 abre os braços, direcionando-os ao mobiliário no canto esquerdo do palco e à tela com a projeção de Abaporu no canto direito.)

FANTASMA 2 Olhem que produções fantásticas! Essa liberdade, esse fazer artístico... Isso só foi possível pela minha existência!

(Pausa de alguns segundos. Fantasma 1 pensativo, os estudantes comovidos, Fantasma 2 emocionalmente cansada. O silêncio é quebrado por Anita.)

ANITA *(Para o Fantasma 3)* E você? Sua vez agora, né?

FANTASMA 3 *(Pego de surpresa)* Eu? Mas eu não brigo com eles dois. Eu nem devia estar aqui, preso a essa maldição que não me diz respeito.

VICTOR Mas, já que está, conta um pouco de você também, vai. Depois das apresentações desses dois, eu fiquei curioso pra ver o que veio depois.

ANITA Sim. Eu também quero saber de você, ver no que deu isso tudo. Mate a nossa curiosidade, vai...

FANTASMA 3 Ok! Vamos, então, à Arte da Segunda Metade do século XX!

(Sobe trecho da composição “O guarani”. Fecham-se as cortinas.)

QUARTO ATO

(Para a música “O guarani”. Inicia-se o quarto ato. Sobem quatro diferentes sons de relógio, os quatro soando ao mesmo tempo. As cortinas se abrem. Palco preenchido por simulacro da instalação Fontes, de Cildo Meireles: fundo do palco com parede coberta por relógios brancos, com quatro diferentes marcações de horas; fitas métricas brancas penduradas no teto, em espiral, concentrando-se mais intensamente no centro da espiral, as fitas com quatro tipos de medidas diferentes; tipos gráficos pretos espalhados pelo chão. Nos extremos esquerdo e direito do palco, duas grandes telas para projeção de imagens. Nenhuma imagem exibida nas telas.)

CENA ÚNICA

(Entram em cena os três fantasmas e os dois estudantes. Curiosos, os estudantes exploram a instalação, analisando-a e experimentando-a; um apontando detalhes para o outro. Os fantasmas os observam, divertidos. Volume do som dos relógios é abaixado; o som permanecendo em background.)

VICTOR

(Empolgado) Isso é muito legal! *(Confessando meio sem jeito)* Mas eu não sei se entendi direito o que é.

FANTASMA 3

(Didático) Sinta! Muitas vezes, a melhor forma de entender é sentir.

ANITA

(Concentrada e pensativa) Tem a ver com o tempo e o espaço, com as pessoas tentando medir essas coisas. Mas são medidas diferentes... Tudo se embaralha, tudo se confunde. Ouve só a bagunça, Victor.

(No centro do palco, Anita para e fecha os olhos, ouvindo a confusão sonora. Victor imita a namorada. Ao abrirem os olhos, os dois se olham e sorriem um para o outro, em cumplicidade. O momento é interrompido pelo Fantasma 3.)

FANTASMA 3 Podíamos ficar aqui sentindo a noite inteira...
(Pisca para os jovens) Eu amo isso! *(Pausa)* Mas vamos a um pouco de mim.

(Fantasma 3 posiciona-se entre os dois jovens, assumindo o centro do palco. Fantasma 1 e Fantasma 2 posicionam-se cada um ao lado de um dos estudantes. Fantasma 3 estende os braços de maneira grandiosa.)

FANTASMA 3 *(Solene)* Eu conclamo Antônio Carlos Jobim!

(Som dos relógios para. Sobe a composição “Trem para Cordisburgo”, da obra Crônica da casa assassinada, de Antônio Carlos Jobim. Suaviza-se a iluminação de palco. Foco de luz na área central do palco. Após alguns segundos, abaixa-se o volume da música. Com a música em background, Fantasma 3 inicia sua fala, que será pontuada pelo andamento da música de fundo e pelas imagens projetadas nas telas.)

FANTASMA 3 A agitação do meio artístico provocada pela Semana de 22 mudou o modo de pensar e influenciou a produção artística do restante do século. A valorização da cultura brasileira seguiu firme e forte. Inúmeros artistas passaram a não mais seguir os princípios acadêmicos, apesar de ainda se preocuparem com os aspectos técnicos na elaboração das obras de arte.

(Fantasma 3 faz um movimento direcionado à tela à sua direita, no mesmo instante em que a obra Retirantes, de Candido Portinari, é projetada na tela em questão.)

FANTASMA 3 Candido Portinari! Retratando retirantes, cangaceiros, trabalhadores rurais...

(Fantasma 3 faz um movimento direcionado à tela à sua esquerda, no mesmo instante em que a obra Paisagem imaginante, de Alberto da Veiga Guignard, é projetada na tela em questão.)

FANTASMA 3 Guignard e suas paisagens imaginantes! O pintor dos sonhos, da poesia e da fantasia.

(Fantasma 3 faz um movimento direcionado à tela à sua direita, no mesmo instante em que a obra Figuras de moça, de Cícero Dias, é projetada na tela em questão.)

FANTASMA 3 Cícero Dias e o seu tratamento surrealista às cenas da vida nordestina!

(Fantasma 3 faz um movimento direcionado à tela à sua esquerda, no mesmo instante em que a obra Os candangos, de Bruno Giorgi, é projetada na tela em questão.)

FANTASMA 3 Bruno Giorgi! Os movimentos e os vazios de suas esculturas.

(Fantasma 3 faz um movimento direcionado à tela à sua direita, no mesmo instante em que a obra Bandeirinhas estruturadas, de Alfredo Volpi, é projetada na tela em questão.)

FANTASMA 3 Alfredo Volpi! Suas obras esquemáticas que valorizam os efeitos das cores.

(Fantasma 3 faz um movimento direcionado à tela à sua esquerda, no mesmo instante em que a obra Cangaceiro, de Aldemir Martins, é projetada na tela em questão.)

FANTASMA 3 Aldemir Martins e seus populares desenhos com motivos regionais.

(Pequena pausa. Os estudantes com expressões estupefatas ante imagens projetadas.)

FANTASMA 3 A busca do “genuinamente nacional” abriu espaço, na cena artística brasileira, para os chamados “artistas primitivos”: artistas quase sempre autodidatas, criadores de suas próprias técnicas, trabalhando com elementos da tradição popular da sociedade.

(Fantasma 3 faz um movimento direcionado à tela à sua direita, no mesmo instante em que a obra Roda de samba, de Heitor dos Prazeres, é projetada na tela em questão.)

FANTASMA 3 Heitor dos Prazeres! Músico que virou pintor e retratou a vida nas favelas cariocas.

(Fantasma 3 faz um movimento direcionado à tela à sua esquerda, no mesmo instante em que a obra Meninos com pipa, de Djanira, é projetada na tela em questão.)

FANTASMA 3 Djanira e seus retratos da cultura brasileira!

(Fantasma 3 faz um movimento direcionado à tela à sua direita, no mesmo instante em que a obra Retirantes, de Mestre Vitalino, é projetada na tela em questão.)

FANTASMA 3

Mestre Vitalino! As esculturas em barro mais famosas do Brasil.

(Pequena pausa. Os estudantes, que observavam as telas, voltam os olhares para o Fantasma 3, aguardando a continuação. Projeção nas telas de sucessão de rápidas imagens de acontecimentos que marcaram a segunda metade do século XX.)

FANTASMA 3

Muitas foram as mudanças ocorridas na sociedade a partir da segunda metade do século XX: Brasília surgiu como nova capital do país, a bossa nova e a música popular brasileira, a MPB, invadiram rádios e palcos, o país atravessou os anos de chumbo da ditadura, tecnologias modificaram o cotidiano das pessoas, a desigualdade social se intensificou, pautas e preocupações ecológicas ganharam espaço no mundo... As mudanças impactaram fortemente as artes. Inúmeros foram os caminhos e as linguagens abertos aos artistas.

(Pausa na projeção de imagens de acontecimentos históricos. Fantasma 3 abre os braços, cada um direcionado a uma das telas, a cabeça voltada para a frente. Imagens são projetadas simultaneamente nas duas telas: imagem da obra Guerreiro com cavalo, de Marcelo Grassman, na tela à direita, e imagem da obra 8030, de Fayga Ostrower, na tela à esquerda.)

FANTASMA 3

Nas gravuras, Marcelo Grassmann!

(Fantasma 3 volta o rosto para a tela do lado direito.)

FANTASMA 3 Fayga Ostrower!

(Fantasma 3 volta o rosto para a tela do lado esquerdo. Depois, abre novamente os braços, cada um direcionado a uma das telas, a cabeça voltada para a frente. Imagens são projetadas simultaneamente nas duas telas: imagem da obra Cadeira, de Carlos Scliar, na tela à direita, e imagem da obra Manequim 1, de Iberê Camargo, na tela à esquerda.)

FANTASMA 3 Carlos Scliar!

(Fantasma 3 volta o rosto para a tela do lado direito.)

FANTASMA 3 Iberê Camargo!

(Fantasma 3 volta o rosto para a tela do lado esquerdo. Depois, abre novamente os braços, cada um direcionado a uma das telas, a cabeça voltada para a frente. Imagens são projetadas simultaneamente nas duas telas: imagem da obra Abstrato, de Manabu Mabe, na tela à direita, e imagem da obra Pintura, de Tomie Ohtake, na tela à esquerda.)

FANTASMA 3 No Abstracionismo Informal, Manabu Mabe!

(Fantasma 3 volta o rosto para a tela do lado direito.)

FANTASMA 3 Tomie Ohtake!

(Fantasma 3 volta o rosto para a tela do lado esquerdo. Depois, abre novamente os braços, cada um direcionado a uma das telas, a cabeça voltada para a frente. Imagens são projetadas simultaneamente nas duas telas: imagem da obra Bichos, de Lygia Clark, na tela à direita, e imagem da obra Grande núcleo, de Hélio Oiticica, na tela à esquerda.)

FANTASMA 3 Na objetividade do Concretismo e no seu caminho ao Neoconcretismo, Lygia Clark!

(Fantasma 3 volta o rosto para a tela do lado direito.)

FANTASMA 3 Hélio Oiticica!

(Fantasma 3 volta o rosto para a tela do lado esquerdo. Depois, abre novamente os braços, cada um direcionado a uma das telas, a cabeça voltada para a frente. Imagens são projetadas simultaneamente nas duas telas: imagem da obra Os pássaros, de Felícia Leirner, na tela à direita, e imagem da obra O voo, de Caciporé Torres, na tela à esquerda.)

FANTASMA 3 Nos caminhos da escultura contemporânea, Felícia Leirner!

(Fantasma 3 volta o rosto para a tela do lado direito.)

FANTASMA 3 Caciporé Torres!

(Fantasma 3 volta o rosto para a tela do lado esquerdo. Pausa. As telas se apagam. Fantasma 3 vira-se para a instalação no cenário. Os estudantes e os outros atores o acompanham.)

FANTASMA 3 E a instalação nesta sala é uma reprodução da obra *Fontes*, de Cildo Meireles. Cildo é um dos nossos novos talentos. Um dentre tantos artistas que estão por aí, aqui ou fora do país, criando e buscando novos fazeres artísticos.

(A música para. Os estudantes aplaudem a apresentação do Fantasma 3. Fantasma 2 também aplaude, expressão de contentamento. Fantasma 1 acaba se juntando ao grupo e também aplaudindo, embora timidamente. Todos voltam a andar pela instalação.)

VICTOR Quanta coisa! Quantas histórias e quantos artistas nesses 200 anos de Independência. Não sabia que tínhamos tudo isso! Tantos pintores, escultores... Tantas obras importantes!

ANITA *(Para Victor)* Sabe? Já tô até achando bom ter ficado presa aqui no museu. *(Abre um grande sorriso)* Tô adorando essa noite! *(Sobe trecho da composição “O guarani”. Fecham-se as cortinas.)*

QUINTO ATO

(Para a música “O guarani”. Inicia-se o quinto ato. Mesmo cenário do primeiro ato. Tímida luz amarela adentrando uma das laterais do palco, na simulação de luz do sol nascente.)

CENA 1

(Os três fantasmas e os dois estudantes ocupam o espaço cênico. Os jovens estão empolgados e falantes.)

ANITA

Eu adorei tudo! Mas o que eu mais gostei foi da instalação. Eu adoro instalações! Principalmente aquelas que a gente pode tocar e mexer à vontade!

VICTOR

Eu também curto as instalações que a gente pode fuçar! Mas o que eu mais gosto são aqueles quadros históricos, sabe? Tipo aqueles que sempre têm nos nossos livros. Daqueles que o Fantasma da Arte Acadêmica mostrou.

ANITA

(Sonhadora) Será que ainda dá tempo pra eu virar uma artista? Eu tive tanta ideia legal! Minha cabeça já tá criando um monte de coisas! A professora de artes que me aguarde! *(Sorri)*

VICTOR

Claro que dá, linda! Você é a garota mais incrível que eu conheço! É criativa e inteligente pra caramba! *(Pisca para Anita)* Nem sei como é que você foi dar bola pra mim.

(Anita joga-se nos braços de Victor e lhe dá um beijo.)

ANITA

(Carinhosa) Será que é porque você é um fofo que sempre me põe pra cima?

(Troca de olhares apaixonados entre os jovens. São interrompidos pelo Fantasma 1.)

- FANTASMA 1** Ahn, ahn... *Mademoiselle, monsieur*, me desculpem interromper a demonstração de carinho...
- (Anita e Victor afastam-se. Fantasma 1 aponta a luz amarela adentrando a lateral do palco.)*
- FANTASMA 1** Mas, olhem! O sol já vai raiando.
- FANTASMA 2** *(Desanimada)* Sim... Nos resta pouco tempo. Depois... *(Suspira)* Depois, só daqui a um ano.
- FANTASMA 3** Contamos um pouco da nossa história pra vocês. Abrimos nossas almas.
- FANTASMA 2** E então? Conseguiram pensar em algo?
- FANTASMA 3** *(Apontando os Fantasmas 1 e 2 com leve gesto de cabeça)* Conseguiram ter alguma ideia do que fazer para esses dois se respeitarem e se aceitarem?
- VICTOR** *(Sem jeito)* Não... Na verdade, não. É difícil. *(Para os Fantasmas 1 e 2)* Vocês são tão diferentes!
- ANITA** *(Concordando)* São como a água e o óleo, que não se misturam.
- VICTOR** *(Expressão de quem teve uma ideia)* Mas, peraí... Pensei numa coisa...
- (Victor puxa Anita para um canto do palco. Os dois cochicham. Param. Olham para os Fantasmas. Cochicham um pouco mais. Os Fantasmas observam, curiosos. Anita e Victor retornam para perto dos Fantasmas, com expressões esperançosas.)*

ANITA

É lindo mesmo! Antes da água e do óleo se separarem, a água fica tomada por bolinhas minúsculas de óleo, com a mistura brilhando como purpurina. Depois eles voltam a ficar totalmente separados. A água é bonita sozinha, e o óleo também é. Mas aquele tempinho em que eles ficam meio misturados é o mais bonito de todos!

(Fantasmas continuam aguardando a conclusão do raciocínio dos jovens, com expressões cada vez mais interessadas. Fantasma 3 esboça um sorriso de quem começa a entender a ideia dos estudantes.)

VICTOR

Vocês são a água e o óleo. E, se vocês já são muito bons separados, juntos podem ser extraordinários!

FANTASMA 1

(Irônico) Haha! Você está louco se pensa que algo vindo dessa criatura sem juízo, dessa rebelde sem causa, pode melhorar a minha essência! Ela representa o que eu mais desprezo!

(Fantasma 2 tenta partir para cima do Fantasma 1. Os jovens a seguram.)

FANTASMA 2

(Gritando) Sou eu que desprezo você, seu conservador limitado! Parece um burro com uma viseira. Só sabe olhar em uma direção. É incapaz de ver o que está ao seu redor!

(Fantasma 1 tenta partir para cima da Fantasma 2. Fantasma 3 o segura.)

FANTASMA 1

(Gritando) Burro?! Você me chamou de burro?! Quem você pensa que é?! Sua... Sua...

(Fantasma 1 e Fantasma 2 conseguem se soltar. Os dois atacam-se em uma cômica luta corporal, com movimentos estabados, puxões de cabelo, quedas, agarramento das roupas. Fantasma 3 põe as mãos na cabeça e a sacode negativamente. Os jovens observam, boquiabertos.)

ANITA

(Para os Fantasmas 1 e 2) Parem com isso, vocês dois! Vocês são espíritos muito importantes! Como podem se comportar assim, como crianças?

(O foco de luz amarela que simula a luz do sol adentra um pouco mais o palco. Victor observa a luz.)

VICTOR

(Para Anita) O tempo deles está acabando. (Pausa, pensativo) Mas pensei aqui numa coisa. Segura aí que eu já volto!

(Victor sai correndo pela lateral do palco oposta ao foco de luz amarela. Fantasmas 1 e 2 seguem em luta. Anita e Fantasma 3 observam a briga, apreensivos.)

CENA 2

(Victor retorna ao palco empurrando uma grande tela com um lado em branco voltado para a plateia e uma mesinha com pincéis, tintas e outros materiais artísticos. Deposita os itens no fundo do palco, ao centro. Anita e Fantasma 3 observam sua entrada sem compreender o motivo dos objetos. Fantasmas 1 e 2 continuam em cômica luta corporal, com os dois descabelados. A luz amarela adentra um pouco mais o palco. Fantasma 3 observa, com expressão de desespero. Na área central do palco, por detrás dos Fantasmas 1 e 2 a lutar no chão, Fantasma 3 leva as mãos novamente à cabeça e dá um enorme e longo grito.)

FANTASMA 3 Parem! Parem!

(Fantasmas 1 e 2 param a luta. Olham espantados para o Fantasma 3. Apartam-se um do outro.)

FANTASMA 3 *(Extremamente irritado, em tom de voz alto)* Eu não aguento mais viver preso nesse museu por causa de vocês dois! Eu me recuso a ficar aqui toda a eternidade por causa de dois fantasmas imaturos que só se preocupam com seus egos!

(Fantasmas 1 e 2 ouvem as palavras do Fantasma 3 com expressão de espanto. Constrangidos, os dois levantam-se e recompõem-se.)

FANTASMA 3 Até esses garotos parecem ter mais maturidade que vocês! Até eles percebem o que vocês se recusam a enxergar. Vocês se completam! A história da arte no Brasil não existiria sem você *(Olha para o Fantasma 1)* nem sem você. *(Olha para a Fantasma 2)*

(Fantasmas 1 e 2 escutam, cabisbaixos e envergonhados.)

FANTASMA 3 *(Para Fantasma 1)* Ela deu continuidade à sua obra, a levou além, adaptando-a aos novos tempos e às novas necessidades da sociedade.

(Para Fantasma 2) Ele forneceu as bases para que você nascesse. Suas regras, suas técnicas... Foi tudo isso que possibilitou sua existência. *(Para os dois fantasmas)* E eu... Eu sou a continuação do misturado de vocês dois. Eu sou um e sou outro. E também sou algo mais. E eu agradeço tudo o que fizeram. Vocês vivem dentro de mim.

(Fantasma 3 adianta-se no palco e dá as mãos aos outros dois fantasmas. Anita aplaude.)

FANTASMA 3

(Tom suplicante) Tentem, ao menos uma vez, deixar suas vaidades de lado e pensar na arte como um todo.

(Fantasmas 1 e 2 com expressões extremamente constrangidas. Um olha para o outro, como a querer ceder, mas ainda presos a orgulhos. A luz amarela adentra um pouco mais o palco. Victor observa, preocupado.)

VICTOR

O tempo está acabando, mas preciso que vocês façam uma última coisa.

(Todos olham curiosos para Victor.)

VICTOR

Busquei essa tela em branco e esse material de pintura lá na sala reservada. Preciso que vocês realizem uma obra juntos, em parceria.

(Fantasma 1 e 2 olham a tela, não convencidos, expressões desconfortáveis. Fantasma 3 e Anita sorriem, como se compreendendo onde Victor pretende chegar.)

ANITA

(Para Fantasmas 1 e 2, implorando) Por favor... Se não for por vocês, façam isso por nós. *(Dá a mão para Victor)* Por mim e pelo Victor, que aprendemos a admirar tanto vocês essa noite.

(Fantasmas 1 e 2 suspiram. Resolutos, os dois caminham para a tela. Pegam pincéis e tintas e, um de cada lado, começam a encenar estarem pintando, a tela de costas para o público, os dois fantasmas parcialmente escondidos por ela. Começam de maneira tímida, mas se animam à medida que trabalham. Trocam de lado algumas vezes, trocam de material. As movimentações dos dois artistas ganham ritmo e vitalidade. As expressões emburradas vão se acalmando, sorrisos vão surgindo. Fantasma 3 e os jovens observam extasiados. Também suas expressões vão se abrindo em sorrisos à medida que o entrosamento entre os pintores vai crescendo. O foco de luz amarela adentra ainda mais o palco. Fantasma 3, Anita e Victor observam e se angustiam.)

ANITA

(Aflita) Andem! Vocês precisam se apressar! Não temos mais tempo.

FANTASMA 3

A luz do sol está quase chegando. *(Desesperando-se)* Não! Mais um ano preso, não!

FANTASMA 2

Calma! Estamos quase lá!

FANTASMA 1

Só mais uma pincelada, *mon ami...*

(A luz amarela adentra mais o palco, chegando à tela. Surge uma fumaça no palco, nas regiões da tela e da área do palco onde está o Fantasma 3.)

FANTASMA 3

(Desesperado) Acabou! Acabou o tempo!

FANTASMA 1

(Animado) Voilà!

(Fantasma 1 e 2 giram a tela, virando a face pintada para a plateia. A tela retrata os dois estudantes e os fantasmas, o quadro misturando os estilos acadêmico e modernista, em uma bela composição. Fantasma 3 e os estudantes observam a tela, boquiabertos.)

ANITA/VICTOR *(Admirados)* Uau! *(Sorriem felizes)*

FANTASMA 3 *(Maravilhado)* Ficou esplêndido!

(Fantasmas 1 e 2 posicionam-se à frente da tela, um ao lado do outro. Os dois estão felizes. Eles olham para trás, admirando uma vez mais a obra conjunta. Depois, viram-se um para o outro e sorriem. Os dois se dão as mãos. Sobe, em background, a composição “O guarani”. Um foco de luz acende-se sobre o dois. Outro foco de luz acende-se sobre o Fantasma 3. Os fantasmas aprumam-se. A fumaça adensa-se.)

ANITA *(Empolgada)* Deu certo! Vocês conseguiram! Vocês quebraram a maldição!

FANTASMA 1 Quem diria... Foi preciso a ajuda externa de dois jovens para que conseguíssemos aceitar um ao outro... *(Olha para Victor e Anita)* *Mon ami, ma chérie, merci beaucoup.*

FANTASMA 2 Vocês nos ajudaram a quebrar essa maldição de tantos anos. Seremos eternamente gratos!

FANTASMA 3 Não nos esqueceremos de vocês! Não se esqueçam de nós!

(A fumaça adensa-se ainda mais.)

VICTOR Nunca! Nos lembraremos para sempre desta noite!

ANITA Viva a arte brasileira!

(Sobe o volume da música “O guarani”. A fumaça adensa-se, cobrindo os fantasmas. As luzes do palco piscam duas vezes, rapidamente, seguidas de uma terceira piscada um pouco mais longa. Quando a luz volta a firmar, após a terceira piscada, os fantasmas não estão mais no palco. Os focos de luz que miravam diretamente os fantasmas não retornam. Os jovens olham para as áreas de palco em que os fantasmas estavam, expressões entre alegres e tristes. A fumaça dissipa-se. A música vai baixando, até sumir. Os estudantes assumem o centro do palco.)

ANITA *(Melancólica)* Eles se foram. Foi só uma noite, mas vou sentir tanta saudade... *(Olha para a lateral do palco)* Já tá de dia. A noite dos fantasmas acabou. O museu deve abrir logo, logo.

VICTOR *(Abraçando Anita)* Lá vem bronca e castigo, de pai, mãe, professora, diretora... Mas esta foi a noite mais fantástica da minha vida. Não trocaria ela por nenhuma outra.

ANITA *(Aninhando-se nos braços de Victor)* Ninguém vai acreditar na gente. Eu não acreditaria, se me contassem.

VICTOR *(Olhando para Anita, com a mão em seu rosto)* Não precisamos contar pra ninguém. Isso pode ser um segredo nosso. O nosso segredo!

(Anita consente com a cabeça. Barulhos de vozes e chaves chegam do lado de fora. No centro do palco, Anita e Victor posicionam-se lado a lado, de frente para a plateia, um olhando para outro. Sobe barulho de porta sendo aberta enquanto Anita e Victor dão as mãos, o olhar voltado para a plateia. Sobe a composição “O guarani”. Fecham-se as cortinas.)

FIM ■

...FOI
NA
RUA
DO
GRITO

...FOI NA RUA DO GRITO

Cléber Tasquin

Personagens

Professora Maria
Pedrinho
Mariazinha
Dom Pedro
Imperatriz Leopoldina

Dona Maria Quitéria
Sóror Joana Angélica
Raposo Tavares
Fernão Dias

SINOPSE

Peça em único ato e cinco cenas.

CENA 1

O SALÃO DE ENTRADA E A ESCADARIA DO MUSEU PAULISTA

(Uma escada ocupa o centro. Há a representação de Dom Pedro, tal qual no Museu. Há, também, as ânforas carregadas com as águas que banham o Brasil. Em contraste à imponência, uma professora de história e dois alunos. A cena inicia-se abruptamente, indicando que a ação é contínua. Está escuro e há lampejos, simulando uma tempestade.)

PROFESSORA Ah, Pedrinho! Ah, Maria... Não sei como fui convencida a vir parar aqui. Olha a hora! A única luz forte que a gente tem é quando resolve relampear.

- PEDRINHO** Calma, professora. Logo a chuva passa e a gente vai embora.
- MARIAZINHA** Não sem antes descobrir onde está essa tal carta.
- PROFESSORA** Maria, essa carta pode ser que nem exista. Às vezes, na história, nem tudo é documento físico. A gente conta uma história daqui... Um fato dali... E isso vira uma verdade!
- MARIAZINHA** É a cara da Dona Leopoldina escrever uma carta toda rocambolesca.
- PROFESSORA** Eu não disse que ela não escreveu, apenas que essa carta pode não existir mais. E outra: se a gente soubesse da existência dela, ela estaria catalogada, exposta e divulgada. Nós não temos essa informação.
- PEDRINHO** Mas eu ouvi da dona Joca que a carta estava aqui. Bastava procurar.
- PROFESSORA** Quem é dona Joca, Pedrinho?
- PEDRINHO** É a amiga do meu pai, a dona Joaquina. Ela conhece tudo dessa gente de pedra que vive aqui.
- PROFESSORA** *(Rindo)* Mas, claro... Se a dona Joca falou, quem somos nós para duvidar.
- PEDRINHO** Ai, professora... Não seja tão dura com a dona Joca. Ela sempre me dá um pingado quando vou à casa dela.

MARIAZINHA Com uns biscoitinhos que derretem na boca...
Ela nunca que ia mentir.

PROFESSORA Mas, afinal... Quem é dona Jo...?

(Um som de trovão, altíssimo, interrompe a fala. Todos gritam. As luzes se acendem, como se o raio gerasse energia. A estátua de Dom Pedro não está mais no lugar.)

PROFESSORA *(Amedrontada)* Calma, crianças! Foi apenas um trovão, um raio... Alguém ferido? Não, né? O teto em pé, as janelas em ordem... É, está tudo bem.

MARIAZINHA Nossa, professora! Acho que tem alguém com medo, hein?!

PEDRINHO Nem vem que não sou eu! Sou forte, que nem esse atrás da gente.

MARIAZINHA Esse quem?

(Os três entreolham-se e procuram por algo, confusos.)

PROFESSORA Cadê o Dom Pedro que estava aqui?

DOM PEDRO *(Atrás de uma coluna; pode ser uma coxia)* Xiiiiu!

OS TRÊS *(Gritando)* AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA
AAAAAAAAA!

DOM PEDRO *(Saindo de trás)* Vocês só sabem gritar?

OS TRÊS *(Gritando)* AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA
AAAAAAAAA!

DOM PEDRO *(Completando o coro) AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA
AAAAAAAAAAAAAA!*

(Todos param.)

DOM PEDRO Só no grito que os senhores são capazes de entender?

PROFESSORA De gritar, o senhor bem entende, não é? Mas o que está acontecendo? *(Olha para todos os lados, tentando entender)*

DOM PEDRO De vez em quando, em uma dessas chuvas torrenciais de clarões, eu saio para dar uma volta. Cãibra, se me entende.

PROFESSORA Não, eu não entendo.

PEDRINHO Ô, seu Pedro de Pedra, que não é mais de pedra ou ainda é? *(Bate no joelho de Dom Pedro e verifica que ainda é de pedra)* É... Pedro Pedregulho.

MARIAZINHA Olha o respeito...

PEDRINHO Respeito com pedra... Se eu ainda tivesse meu estilingue...

PROFESSORA Pedrinho, já disse que estilingue não é legal.

DOM PEDRO Mas que raios é um estilingue?

PROFESSORA *(Sem muita paciência)* Uma arma feita de galhos e elástico. As crianças usam para matar passarinho. *(Enquanto a professora explica, Pedrinho faz um estilingue com as mãos e Dom Pedro acena com a cabeça)* Uma aberração... Enfim... Isso só pode ser uma grande brincadeira.

DOM PEDRO Da última vez, levou algumas voltas para explicar.

PROFESSORA Como assim? Alguém já presenciou isso?

DOM PEDRO Dona Joca, seu Ulisses.

PROFESSORA Lá vem essa dona Joca de novo...

PEDRINHO Eu avisei, professora. A dona Joca tá metida em tudo. O senhor, com todo meu respeito respeitíssimo, já provou o pingado da dona Joca?

DOM PEDRO Respeitável pequeno Pedro, não apreciei a iguaria, mas não por falta de oportunidade. Dona Joca sempre traz para o seu Ulisses.

PROFESSORA Tá, mas vamos lá... Quem é dona Joca e quem é seu Ulisses?

MARIAZINHA Professora, seu Ulisses é o nosso Ulisses, o nosso pai. E dona Joca é a nossa vizinha. Ela é merendeira. Mas não da nossa escola. Nosso pai trabalha aqui, de madrugada. E a dona Joca, que madruga pra mexer as panelas, sempre traz uns biscoitinhos pro meu pai...

PEDRINHO E deve trazer o pingado.

- DOM PEDRO** Sobre as relações familiares, nada posso afirmar. Mas o convescote da madrugada, vejo sempre. Seu Ulisses vive aí na frente, sempre jogando um carteadado com os senhores Raposo e Fernão... Quando não está a apartar as brigas com o Tibiriçá.
- PROFESSORA** Raposo Tavares e Fernão Dias, os bandeirantes? Aqueles dois de paus...
- PEDRINHO** (*Interrompendo*) De pedra...
- PROFESSORA** (*Com ainda menos paciência*) Aqueles dois de pedra que ficam parados, estáticos, imóveis...
- RAPOSO E FERNÃO** Os próprios. (*Surgem cada um de um lado*)
- RAPOSO** Inclusive, Ulisses é um laráprio nos jogos.
- FERNÃO** Você que é péssimo no jogo. Só fica se vangloriando daqui e para lá e se esquece de jogar.
- PROFESSORA** E só vocês ganham vida?
- RAPOSO** Não saberia lhe responder, bela senhora. Nunca vamos para muito longe. O peso é grande. Não é todo mundo que consegue sair andando, e não é todo mundo que gosta de ficar falando.
- PROFESSORA** O raio deve ter me acertado a cabeça... Já que aqui estamos, nessa loucura toda... Vamos embarcar nessa loucura... Se me permitem, bandeirantes, não quero muito papo com os senhores agora. Crianças, por que não aproveitam a boa vontade de Dom Pedro, em pedra e pessoa, e não perguntam a ele sobre a carta...?

**PEDRINHO E
MARIAZINHA**

Claro, claro!

MARIAZINHA

Seu Dom Pedro, é o seguinte. A dona Joca disse para a gente achar a carta da Dona Leopoldina, mas a nossa professora disse que a carta não existe.

PROFESSORA

Calma! Eu não disse que ela não existe. Disse que, fisicamente, ela pode não existir. Pode ter se perdido no tempo, ter sido destruída... Já vão para dois séculos de história.

PEDRINHO

Isso, seu Pedro. Ela não explicou muito bem o porquê. Apenas disse que a gente poderia mudar o mundo se encontrássemos. E que ela estaria aqui, no museu.

DOM PEDRO

E aí resolveram vir num dia chuvoso, de noite...

MARIAZINHA

Com ninguém para encher nosso saco. Pegamos a chave com nosso pai e aqui estamos.

PROFESSORA

E me arrastaram para cá dizendo ser algo muito sério. Não que estar no museu não seja sério, porque é... mas não nessas condições.

DOM PEDRO

Caríssimos, de fato, minha bela Leopoldina, pelo menos é o que se diz por aqui, enviou-me uma carta. Estava ela como princesa regente, a deixei neste cargo para cumprir outros compromissos, e Portugal nos queria de volta. E eis que, no caminho de volta, devo ter recebido a carta e, certamente, coloquei-a em minha casaca.

- PEDRINHO** E o senhor pôs a casaca na máquina? Se colocou, a máquina rasgou toda.
- MARIAZINHA** Claro que não, né! Nem tinha máquina naquela época... Até uns anos, nem a gente tinha máquina.
- PEDRINHO** Mas ele era rei!
- MARIAZINHA** Mas mora no passado. E tinham que lavar na beira do rio.
- PROFESSORA** É por aí, Mariazinha. É por aí... Aproveito, então, para perguntar. A imperatriz Maria Leopoldina estaria, magicamente, perambulando por aí?
- DOM PEDRO** Deve estar no Salão de Honrarias, mas não me atrevo a acompanhá-los. Pelas pedras pesadas de que sou feito e pelas que posso ser atingido.
- MARIAZINHA** Do que ele está falando?
- PROFESSORA** Em outro momento, eu explico. Vamos atrás dela. Quem sabe...
(*Outro trovão.*)
- PROFESSORA** (*Amedrontada*) Vamos por ali. (*Indicando um sentido a percorrer até o Salão Nobre*)
- DOM PEDRO** Caríssima professora... Se me permite interrompê-la, está tudo bem? Parece-me assustada.
- PROFESSORA** Trovão lá fora, vocês aí perambulando... Não há juízo que dê conta. (*Responde encaminhando-se junto às crianças*)

DOM PEDRO

Se me permite mais uma intromissão, é melhor seguirem pelo outro lado.

(Respirando fundo, a professora segue o caminho sugerido por Dom Pedro. Trânsito de luz e alterações de cenário indicam estar em um novo espaço.)

CENA 2**O SALÃO DE HONRA**

(Diferentes molduras compõem o cenário. O Salão de Honra do Museu Paulista é repleto de obras icônicas da Independência, inclusive o grandioso Independência ou Morte, de Pedro Américo. A escada pode ajudar no jogo de níveis. Ouve-se um barulho de vozes ininterruptas e inaudíveis. Elas saem de uma grande moldura, simbolizam a obra Sessão das cortes de Lisboa, de Oscar Pereira da Silva. Uma voz, feminina, de outra moldura, se mistura.)

MARIA**QUITÉRIA**

Silêncio!

(Segue o barulho.)

MARIA**QUITÉRIA**

Silêncio! *(Sem sucesso, grita)* SILÊNCIO!

(Silenciam.)

MARIA**QUITÉRIA**

Tudo para vocês só se resolve na base do grito, hein!? Quem os vê pensa que estão fazendo algo de útil. Saiam do século XIX, por Deus!

CORO

(Como em Portugal) Ora pois, soldadinha. Estamos a resolver o futuro de nosso país.

(Maria Quitéria gargalha. Outra figura, também feminina, surge numa moldura.)

**IMPERATRIZ
LEOPOLDINA**

Obrigada, Maria Quitéria. As crianças já iam se apoquentar com tanta barulheira. *(Recebe um aceno de Maria Quitéria)* Outra noite daquelas, não?

**MARIA
QUITÉRIA**

Ouvi uns burburinhos por aí, mas não sei se foi essa portuguesada toda ou se houve algo lá na frente.

**IMPERATRIZ
LEOPOLDINA**

Eu não ouvi nada. Apenas rezava para que as crianças não acordassem. Da última vez, até o sol raiar fez-se muito tempo de chororô nos meus ouvidos. Só queria uma xícara de chá de boas ervas aromáticas. Vou atrás do que fazer. Com licença, Maria Quitéria.

**MARIA
QUITÉRIA**

Vá, imperatriz. Eu vou é descansar. Ficar em pé o tempo todo cansa. *(Ouvem-se as vozes da Professora, do Pedrinho e da Mariazinha aproximando-se)* Ei, imperatriz! Ei! Ei! Alguém se aproxima, apegue-se às orações.

**IMPERATRIZ
LEOPOLDINA**

Valha-me, Deus! Que não me tirem a paz.

(Entram os três.)

PROFESSORA Chegamos ao Salão Nobre, crianças. Aqui dormem grandes obras que, de alguma forma, narram a Independência do Brasil. Aquele quadro enorme ali... *(Aponta ao centro, para a obra de Pedro Américo)* Se chama *Independência ou morte*, de Pedro Américo. Ele retrata o grito de Independência dado por Dom Pedro.

**MARIA
QUITÉRIA**

Mais ou menos, não é, senhora?

(Os três se assustam, com menos intensidade. Procuram de onde vem a voz.)

MARIAZINHA

Achei que só as pedras ganhavam vida por aqui.

PROFESSORA

Achei que nada devesse ganhar vida aqui.

**MARIA
QUITÉRIA**

Nem tudo que ganha vida mostra que está vivo. O tal quadro enorme ali... Deus nos livre o dia que essa cavalaria toda resolver saltar dali.

(Todos riem.)

PEDRINHO

Mas, moço de tinta...

PROFESSORA

Moça! É uma mulher, Maria Quitéria.

**MARIA
QUITÉRIA**

Olha... Já ascendi à fama?

PROFESSORA De alguma forma, sim. Até heroína da pátria viraste... Não por menos. Fique sabendo, Maria Quitéria, que hoje o país reconhece a força das mulheres nesse processo tão importante. Você... Maria Felipa...

**MARIA
QUITÉRIA** Maria Felipa?

PROFESSORA Foi uma mulher negra, nascida na Bahia. Como você. Ela figura bastante como mito. Não temos muito registro dela. Quem sabe um dia ela ocupe o mesmo lugar que o seu, ornamentada, estudada e elevada como heroína?

PEDRINHO Mas, moça de tinta... Por que você disse que o quadro ali é mais ou menos?

**MARIA
QUITÉRIA** Aquele quadro ali, embora muito bonito, é um jeito diferente de contar como foi a Independência. Nada foi fácil daquele jeito. Mas não deixa de ser um belo quadro... Embora eu seja mais o meu.

MARIAZINHA Tinha soldada naquela época, professora?

(Maria Quitéria sai da moldura. Abaixa-se defronte a Mariazinha.)

**MARIA
QUITÉRIA** Não! Eu fui a primeira. E fui ótima. Lutei por nosso país, morri por ele e sigo nele. *(Em tom de incentivo)* E você? Já fez algo pela primeira vez?

MARIAZINHA Eu sempre termino a lição antes de todo mundo. Isso é bom, né? Não lutei pelo país, mas é bom?

**MARIA
QUITÉRIA** É bom, sim. Deve ser muito inteligente. Só pessoas inteligentes, como nós, conseguem mudar o mundo.

MARIAZINHA A dona Joca que quer que a gente mude o mundo.

**MARIA
QUITÉRIA** Essa dona Joca...

PROFESSORA Vai me falar que você também conhece a dona Joca?

**MARIA
QUITÉRIA** Não como eu gostaria. Ela gosta mesmo é da Leopoldina, a imperatriz. Ela fica ali, do lado da cavalaria toda.

(Olham para uma moldura ao lado, enorme, no centro da sala. Não há nada nela, nenhuma pintura, é apenas uma moldura vazia)

**MARIA
QUITÉRIA** Era para a Leopoldina estar ali. Foi cuidar das crianças. Só nesse quadro ela está com cinco crianças, um pombo e um cachorro. Essas noites são bem complicadas para ela.

PEDRINHO Dona Maria Quitéria, a senhora sabe alguma coisa sobre a carta que a Dona Leopoldina escreveu para o Dom Pedro naqueles tempos de vocês?

MARIAZINHA A dona Joca disse que está escondida aqui no museu.

MARIA QUITÉRIA Estaria mentindo se dissesse que nunca prestei atenção às conversas entre as duas. Inclusive, já ouvi Leopoldina comentar sobre uma carta, mas não escutei para quem ou sobre o conteúdo.

PEDRINHO Só pode ser a carta!

PROFESSORA Calma, Pedro! A Dona Leopoldina, certamente, deve ter enviado inúmeras cartas. Afinal, não dava para mandar um WhatsApp pro Dom Pedro, para o rei João...

MARIAZINHA Imagina o áudio enorme que o Dom Pedro ia mandar... E a Dona Leopoldina?

(Os três riem, exceto Maria Quitéria, que demonstra não entender.)

PROFESSORA Aí seria um outro jeito de contar a história. Lembra-se do que a Maria Quitéria nos disse sobre esse quadro gigantesco? Teríamos um áudio longo do Dom Pedro, outro da Dona Leopoldina, e assim por diante. Talvez a história fosse outra.

MARIA QUITÉRIA Eu não sei bem o objeto da discussão de vocês, mas é por aí. Cada um narra uma história de um jeito diferente...

(Ouve-se alguém pigarreando na tentativa de chamar atenção. Salta Dom Pedro, diferente do primeiro, da obra Independência ou morte.)

- DOM PEDRO** Caríssimos, senhores... Não pude deixar de notar que apreciavam esta obra que tanto defendo, empunhando uma espada às margens do rio e bradando...
- CRIANÇAS** *(Interrompendo)* Independência ou morte!
- DOM PEDRO** Vejo que meus feitos chegaram longe.
- PEDRINHO** E como chegaram, seu Pedro Pedregulho de Tinta.
- MARIAZINHA** É até feriado!
- MARIA QUITÉRIA** Espero que venha apenas o senhor, imperador. Se esta cavalaria...
- DOM PEDRO** Não sem minha ordem, nobre guerreira. Contudo, devo atentar sobre uma certa desconfiança aos fatos ocorridos por entre as pinceladas que me criaram.
- PROFESSORA** Com licença, Dom Pedro...
- MARIAZINHA** Quantos Pedros mais iremos encontrar?
- PROFESSORA** É melhor não perguntar...
- DOM PEDRO** Só aqui tem mais alguns além de mim. Quer que eu os chame?

PROFESSORA Não, não há a necessidade. Já conversamos com um de pedra...

DOM PEDRO Bronze, senhora. Bronze!

PROFESSORA (*Impaciente*) Sim, sabemos. É apenas modo de dizer... Mas, enfim! Senhor, não foi nosso desejo questionar os fatos sobre a obra que lhe pertence. Já é um fato, pesquisado, analisado e divulgado que a representação desta obra monumental é, com louvor, uma representação da independência de nosso país.

DOM PEDRO Você não vai acreditar nos boatos de que eu montava num pobre burrico, vai?

PROFESSORA Não, senhor! Estávamos, justamente, explicando às crianças sobre as diferentes maneiras de contar uma história. Essa obra, por exemplo, foi uma encomenda a Pedro Américo. Que optou por narrar o grito da Independência com ares neoclássicos franceses. Ou seja, cheio de pompa e louvores. (*Sem parar*) Contudo, se a gente bem analisar... Dona Leopoldina que assinou, que te mandou uma carta, que o senhor recebeu, leu, gritou e aí começou um monte de processos, em cima de processos daqui contra Portugal e vice-versa. E vem Maria Quitéria nesse rolo todo... E eu ficando sem ar...

PEDRINHO Uau, professora! Você decorou tudo isso aí? Você até falou da carta!

PROFESSORA Não decorei, Pedrinho. Eu aprendi e ensino sobre isso... E torno a dizer: eu nunca disse que a carta não existe.

MARIAZINHA Apenas que dela, fisicamente, nunca se teve notícia...

**MARIA
QUITÉRIA** Mas, então... Imperador Pedro Pomposo... Você sabe alguma coisa dessa tal carta que a imperatriz Leopoldina lhe escreveu nesse dia?

DOM PEDRO Certo que sim. Certo que sabemos que Leopoldina me escreveu. Mas sequer sei o conteúdo. Não fui pintado nesta época... Carrego apenas a memória de meu autor. O correto seria perguntar a Leopoldina, que adormece ao meu lado e que não está ali... Como não está ali?

**MARIA
QUITÉRIA** Por causa dos seus amiguinhos portugueses ali, os da Corte, seus filhos acordaram, junto ao pombo e ao cachorro. E a imperatriz deve ter saído atrás deles. Não devem ter ido longe.

PROFESSORA Espero que não! Mas vocês não podem entrar um dentro da obra do outro e chamar por ela?

**MARIA
QUITÉRIA** São mundos, técnicas e materiais diferentes. Não deve dar muito certo. Mas vou tentar chamá-la. (*Aproxima-se da moldura de Leopoldina*) Imperatriz! Imperatriz Leopoldina? Convidados a esperam.

PEDRINHO Mas, então, seu Pedro de tinta... Você conversa com seu gêmeo de pedra?

DOM PEDRO Ele não é meu irmão gêmeo. Ele sou eu, feito de um jeito diferente. Eu nasci sob os pincéis de Pedro Américo. Ele, pelas mãos de Rodolfo Bernardelli. Eu sou do século XIX, ele, do século XX.

PROFESSORA Mais um exemplo de narrativas, queridos. Certamente, no século XX, sabia-se mais sobre o Dom Pedro... Se *Independência ou morte* tivesse sido pintada depois, não há dúvida de que seria diferente...

(Leopoldina surge na moldura, levemente descabelada e desarrumada. Interrompe.)

IMPERATRIZ LEOPOLDINA Boa noite, senhores. Desculpem-me os modos, os cabelos, a demora... Está tudo em desordem por aqui. Nunca ansiei tanto pelo amanhecer. Mas, enfim, a que devo a honra de belos convidados? E você? *(Para Dom Pedro)* Resolveu descer do cavalo? Na próxima, devo enviar nossos filhos para passear às margens do Ipiranga.

PROFESSORA Boa noite, Dona Leopoldina. Nós é que pedimos desculpas por atrapalhá-la neste momento. No entanto, estamos com um pequeno probleminha. Essas duas crianças, filhas de Ulisses...

IMPERATRIZ LEOPOLDINA Ah, que adorável senhor é Ulisses! E dona Joca, conhecem?

MARIAZINHA Não fala em dona Joca que nossa professora fica nervosa.

**IMPERATRIZ
LEOPOLDINA** Ah, mas por quê? Dona Joca é tão doce, muitíssimo minha amiga!

PROFESSORA Não tenho nada contra a dona Joca. Pelo contrário, já até simpatizei com ela. Contudo, é exatamente por ela que aqui estou, numa noite tempestuosa, trancada com duas crianças e um monte obras de arte ganhando vida... Eu devo estar louca! Ou será que um raio caiu na minha cabeça? Ai, nada mais está fazendo sentido... (*Cai ao chão*)

PEDRINHO Calma, professora. Deixa que eu explico. Dona Leopoldina, a dona Joca nos disse que uma carta que você escreveu para o moço ali estaria escondida aqui no museu. E que esta carta poderia mudar o mundo.

**IMPERATRIZ
LEOPOLDINA** Lembro-me bem de ter conversado com dona Joca sobre isso. Eu realmente escrevi a carta. Se minha memória não falha, eu estava como regente naquele dia no Rio de Janeiro, e Pedro estava para São Paulo. Portugal nos cobrou retorno imediato, e eu neguei. Escrevi que nos libertaríamos para a Independência. E coloquei tudo isso na carta.

TODOS E onde está essa carta?

**IMPERATRIZ
LEOPOLDINA**

Eu não sei! Quem me contou essa história foi outra Leopoldina. Uma amarelada, pequeninha, que a dona Joca trouxe para cá.

PROFESSORA

Deve ser uma espécie de fotografia ou litografia. Faz sentido: a foto captaria a Leopoldina com memórias da carta.

**IMPERATRIZ
LEOPOLDINA**

Sinto não os ajudar mais nisto! Gostaria muito de poder lhe entregar essa carta.

MARIAZINHA

Mas você não tem mais informações de onde ela poderia estar?

**IMPERATRIZ
LEOPOLDINA**

Em definitivo, não. Mas vamos voltar no tempo um pouco. Dona Joca disse que queria fazer algo especial para umas pessoas. Não lembro quem. Seriam vocês? O aniversário está próximo? Tem alguma comemoração?

PEDRINHO

Lembro não, Dona Leopoldina. E o meu aniversário tá bem longe.

MARIAZINHA

O meu também!

PEDRINHO

A gente faz junto, né!

(Mariazinha mostra-lhe a língua em deboche.)

**IMPERATRIZ
LEOPOLDINA**

Pois bem! Ela disse que queria fazer algo, e que para isso precisaria de algo fantástico. Será que é a carta? E, então, ela trouxe a fotografia de mim mesma, para falar sobre a carta. Lembro-me de que a corte ali... (*Apontando para a moldura da corte*) Não parou de falar. O cachorro não parou de latir, e as crianças quase me expulsaram para sempre da minha tela. Não consegui acompanhar nada.

MARIAZINHA

Então nos resta encontrar a sua outra, a da foto! Ela deve ter notícias da carta. Ela deve saber como mudaremos o mundo. Mas será que é para melhor?

PROFESSORA

Se a dona Joca é tão boa assim, certamente será para o melhor. Não?

**MARIA
QUITÉRIA**

Imperadores, voltem aos seus afazeres. Eu assumo daqui. Levá-los-ei à imperatriz!

**IMPERATRIZ
LEOPOLDINA**

Serei gratíssima em vos ajudar, querida.

DOM PEDRO

Obrigado, combatente! Boa sorte em sua jornada.

(As luzes se alteram. Há um tom sépia, envelhecido. As molduras saem de cena. E, novamente, a escada pode ajudar nos níveis.)

**MARIA
QUITÉRIA**

A outra imperatriz Leopoldina, a amarelada, tem que estar em algum lugar. Deve estar neste livro, cheio de rostos amarelados. Cuidado: tem uns que até viram pó...

PROFESSORA Nós sequer deveríamos mexer nesses papéis. Será que, se chamarmos por ela... (*Olha para cima em tom incrédulo*) Não sou capaz de crer que disse isso...

PEDRINHO Você quer mais provas que isso é real? Quer que eu te belisque?

PROFESSORA Não será preciso. Enfim... Se nós chamarmos por Dona Leopoldina, ela não pode sair deste livro?

**MARIA
QUITÉRIA** Podemos tentar. (*Maria Quitéria bate em algo*) Boa noite, imperatriz. Consegue nos ouvir? (*Bate novamente*)

MARIAZINHA Mas ela vai conseguir escorregar por aí?

PROFESSORA Depois de pedra falar e, com todo respeito, dona Maria Quitéria, tinta abrir a boca... (*Respira fundo*) Acredito em tudo. Se não estivesse chovendo tanto, dava para ir até a cripta lá fora. A Dona Leopoldina está enterrada lá.

**PEDRINHO E
MARIAZINHA** (*Abraçando-se com medo*) É o quê? Deus me livre!

PROFESSORA Olha só quem está com medo agora!

PEDRINHO É verdade isso? Tem gente morta ali?

PROFESSORA Sim, senhor! Lá fora, naquele monumento enorme, não funciona apenas o Monumento à Independência, mas, também, a cripta imperial. Lá embaixo, estão os restos mortais do Dom Pedro, da Dona Leopoldina e da segunda mulher de Dom Pedro, a Dona Amélia.

MARIAZINHA Por que ele teve uma segunda mulher?

PROFESSORA Porque a Dona Leopoldina morreu e ele precisou casar-se novamente...

(Uma voz abafada interrompe. Algumas vozes, igualmente abafadas, reclamam.)

IMPERATRIZ LEOPOLDINA Um momento... Um momento! Como é difícil sair daqui. Perdão, senhor. Com licença, senhora.

MARIA QUITÉRIA Atenção, a imperatriz se aproxima.

(Surge, acima da escada oculta pelas luzes, a figura de Leopoldina sob a luz amarelada, dando-lhe aspecto envelhecido.)

IMPERATRIZ LEOPOLDINA É muito difícil sair daí. Logo terei dores na cabeça.

PROFESSORA Desculpe a indelicadeza... Mas, antes que sua cabeça padeça de dores, poderia nos ajudar?

IMPERATRIZ LEOPOLDINA Se for de minha alçada, terei todo prazer em lhes ajudar.

PEDRINHO A Dona Joca...

**IMPERATRIZ
LEOPOLDINA** Estou indignada com a dona Joca...

PROFESSORA Dona Joca, dona Joca... Está em tudo!

**IMPERATRIZ
LEOPOLDINA** Nunca mais deu o ar da graça. Pelo menos, não para mim. Fico ali, presa nesse tomo de gente que não se silencia. Ao menos não estou acompanhada pela criançada toda e pela fauna deste país, como a outra de mim. Veio aqui há um tempo, disse estar preocupada com os rumos da nação e que caberia a mim resolver isso. Veio me pedir a carta.

**PEDRINHO E
MARIAZINHA** Isso, a carta!

**IMPERATRIZ
LEOPOLDINA** Vocês sabem da carta?

PROFESSORA Não como gostariam, mas sabemos.

(Luzes se reconfiguram. Imperatriz Leopoldina assume o centro e imposta a voz para declamar.)

**IMPERATRIZ
LEOPOLDINA** No dia 13 de agosto, Pedro viajou para cá, deixando-me no Rio de Janeiro. O caldeirão fervia, emergindo mudanças. Portugal nos queria de volta. Pouco menos de um mês, escrevi a Pedro.

Pedro,
O Brasil está como um vulcão. Até no paço há revolucionários. Até portugueses

revolucionários. As cortes portuguesas ordenam vossa partida imediatamente; ameaçam-vos e humilham-vos. O Conselho de Estado vos aconselha a ficar. Meu coração de mulher e de esposa prevê desgraças se partirmos agora para Lisboa. Sabemos bem o que tem sofrido nosso país. O rei e a rainha de Portugal não são mais reis, não governam mais, são governados pelo mesmo despotismo das cortes que perseguem e humilham os soberanos a quem devem respeito.

O Brasil será em vossas mãos um grande país. O Brasil vos quer para seu monarca. Com vosso apoio ou sem vosso apoio, ele fará sua separação. O pomo está maduro, colhei-o já, senão apodrecerá. Já dissestes aqui o que ireis fazer em São Paulo. Fazei, pois.

**MARIA
QUITÉRIA**

Belas palavras, imperatriz.

**IMPERATRIZ
LEOPOLDINA**

“O pomo está maduro, colhei-o...”. Caprichei nessa, não é?

PROFESSORA

E onde está essa carta ou sei lá o que a dona Joca quer que essas crianças descubram?

**IMPERATRIZ
LEOPOLDINA**

Eu não sei.

**PEDRINHO E
MARIAZINHA**

Como assim?

- IMPERATRIZ LEOPOLDINA** Para o pomo da nova história colher, os olhos da santa hão de esconder. Guardado pelo que separa o novo do velho, o artefato lá há de adormecer.
- PROFESSORA** Um enigma a esta hora da noite?
- IMPERATRIZ LEOPOLDINA** Sinto em desapontar. A provação é necessária para a ascensão.
- PROFESSORA** Mas não queremos a santidade.
- IMPERATRIZ LEOPOLDINA** Devo-me ir. Logo o sol desponta e quero repousar.
- CRIANÇAS** Mas...
- IMPERATRIZ LEOPOLDINA** Boa noite, queridos. *(E sai)*
- PROFESSORA** *(Para Maria Quitéria)* Você não pode fazer nada? Tem alguma ideia do que fazer?
- MARIA QUITÉRIA** Eu não posso obrigá-la a nada. Não temos poder aqui... E ela já foi para sua origem.
- PROFESSORA** Chegamos perto demais para nada.
- PEDRINHO** Calma, professora. É só um enigma. A gente precisa descobrir.
- MARIAZINHA** Mas é muito difícil.

PEDRINHO Alguém anotou pelo menos? Porque eu mesmo não lembro de nadinha do que ela disse.

**MARIA
QUITÉRIA** Para o pomo da nova história colher, os olhos da santa hão de esconder. Guardado pelo que separa o novo do velho, o artefato lá há de adormecer. Minha memória é das boas.

PROFESSORA Vem conosco, Maria Quitéria. Vamos nos sentar. Estou cansadíssima.

PEDRINHO Vamos lá com o Dom Pedro de Pedra. Dá pra sentar na escada.

MARIAZINHA Você bem que poderia ser meu irmão mais velho e me carregar.

PEDRINHO E quem disse que eu carregaria?

PROFESSORA Vamos, crianças. Nem é tão longe.

**MARIA
QUITÉRIA** Vamos, antes que abram a Cripta Imperial.

(As crianças saem correndo e gritando.)

**MARIA
QUITÉRIA** Só precisavam de um ânimo. *(Ri)* Cara professora. Obrigada por me informar das minhas conquistas. Não sei muito mais do que essas paredes. É importante saber que me olham como heroína.

PROFESSORA Imagina! Esse é o meu ofício: ensinar sobre os heróis.

**MARIA
QUITÉRIA**

Assim como Leopoldina, não lhes serei mais útil. Devo aqui ficar, juntos aos meus. Espero que consigam desvendar a charada.

PROFESSORA

Eu sigo sem entender tudo que está acontecendo. Mas espero conseguir.

**MARIA
QUITÉRIA**

A história é viva. E é importante que seja. Boa noite, professora.

PROFESSORA

Boa noite, heroína.

(Breu.)

CENA 3

O SALÃO DE ENTRADA E A ESCADARIA DO MUSEU PAULISTA

(O cenário se remonta como na primeira cena. As luzes reacendem. As crianças estão sentadas. A professora anda de um lado ao outro.)

PROFESSORA

E voltamos ao zero. De onde começamos.

PEDRINHO

O que separa o velho do novo é o adulto!

MARIAZINHA

Será que a professora é a carta?

PROFESSORA

(Rindo) Gostaria muito que fosse. Facilitaria muito meu retorno para casa. Poderia não mudar o mundo, mas conseguiria dormir em paz. Quando eu conhecer essa dona Joca...

- PEDRINHO** Peça o pingado...
- MARIAZINHA** E os biscoitinhos...
- PEDRINHO** Eu achei engraçado esse monte de rosto aí em cima.
- PROFESSORA** São os artífices da Independência.
- MARIAZINHA** O que são artífices?
- PROFESSORA** Neste caso, são as pessoas que contribuíram de alguma forma para a Independência de nosso país. Como a Maria Quitéria, que não está aqui, mas está no Salão de Honras.
- MARIAZINHA** Tem uma mulher ali também.
- PEDRINHO** A única.
- (Surge a representação de sóror Joana Angélica.)*
- PROFESSORA** É a sóror Joana Angélica.
- MARIAZINHA** O que é sóror?
- PROFESSORA** É quase que a mesma coisa de irmã, freira... Ela é da Bahia, como a Maria Quitéria e a Maria Felipa.
- PEDRINHO** Bastante coisa acontecia na Bahia, não é mesmo, professora?
- PROFESSORA** O Brasil, como conhecemos hoje, todo dividido, cheio de estados e cidades, não era assim nos séculos passados.

MARIAZINHA Mas continua falando da sóror... Ela lutou como a Maria Quitéria?

PROFESSORA Ela não pegou em armas como sua conterrânea, mas foi bastante corajosa. O convento em que ela vivia foi invadido por soldados portugueses, os quais não queriam que o Brasil se tornasse independente. Eles iam matar todos lá, mas a sóror impediu. Ela enfrentou os soldados, e, reza a lenda...

PEDRINHO *(Interrompendo)* Reza a lenda?

PROFESSORA É que ninguém sabe se ela disse isso. Lembra-se do quadro *Independência ou morte*, que vimos lá no Salão de Honra? É um jeito de contar a história...

MARIAZINHA Tá, mas o que ela disse?

(A representação de sóror Joana Angélica ganha vida.)

SÓROR Para trás, bandidos! Respeitai a casa de Deus! Só entrarão passando por cima do meu cadáver!

(Os três olham surpresos para a sóror.)

SÓROR Surpresos em me ver?

PEDRINHO Como você desceu de lá de cima?

SÓROR Nós temos alguns truques.

- PROFESSORA** E foi isso que ela teria dito. Com isso, as outras freiras tiveram tempo de fugir e se salvar. Mas a sóror morreu naquele combate. Deu sua vida pela de suas irmãs.
- MARIAZINHA** A senhora foi uma santa, sóror.
(A professora congela.)
- PROFESSORA** Santa! Santa! É isso... Temos uma santa.
- SÓROR** Não sou uma santa. Apenas defendi meus ideais cristãos.
- PROFESSORA** Sóror, para onde a senhora fica olhando?
- SÓROR** Mas que pergunta é essa?
- PROFESSORA** Crianças, o enigma da Leopoldina. Lembram-se? “Para o pomo da nova história colher, os olhos da santa hão de esconder. Guardado pelo que separa o novo do velho, o artefato lá há de adormecer.”
- MARIAZINHA** A santa é a carta?
- PEDRINHO** Não, né? Mas os olhos dela guardam a carta.
- PROFESSORA** Não. Eles escondem a carta.
- SÓROR** Lá de cima, eu olho tudo aqui embaixo.
- PROFESSORA** Tá... Não ajudou muito. Mas já é algo!
- PEDRINHO** É?

- PROFESSORA** Sim. Antes não tínhamos nada. Agora sabemos que a carta está aqui.
- MARIAZINHA** E o Dom Pedro de Pedra aqui, e não sabia de nada. Inclusive, cadê ele?
- SÓROR** Está com os bandeirantes. Logo se estranham, e ele volta. Mas o que está acontecendo?
- PEDRINHO** *(Sem parar)* Eu resumo: era uma vez a dona Joca, nossa vizinha que disse que tínhamos que vir até o museu encontrar uma carta que a Dona Leopoldina teria escrito para o Dom Pedro e que, se a gente encontrasse, mudaríamos o mundo, e aí a gente falou com tudo que é gente, e a Dona Leopoldina disse que a gente tinha que desvendar um enigma que é aquilo que a professora falou do pomo da santa do velho e do novo. UFA!
- PROFESSORA** Calma, Pedrinho. Vai ficar sem ar.
- PEDRINHO** Eu queria mesmo um copo de água. Desde que a gente chegou, não bebi água.
- (Vai até o canto como quem procura algo, um bebedouro.)*
- SÓROR** Onde ele vai sozinho? É uma criança!
- PROFESSORA** Sóror, fique tranquila. Só de estarmos aqui, já não é coisa de criança.
- PEDRINHO** *(Retornando)* Não está saindo água daquele bebedouro ali.
- MARIAZINHA** O apagão deve ter apagado a água.

PROFESSORA Certamente. Sem energia, a bomba não puxa água.

MARIAZINHA Mas e essas luzes acesas?

PROFESSORA O museu deve ter um gerador para emergências. Afinal, as obras de arte precisam de uma casa cheia de coisinhas próprias... Temperatura, umidade... Então, o gerador tem coisa mais importante para assegurar que o bebedouro.

(Pedrinho vai até as ânforas de cristal da escadaria.)

PEDRINHO E essa água aqui? Não dá para beber?

PROFESSORA Pedrinho, não chacoalha isso. É supersensível.

MARIAZINHA E o que são essas coisas?

PROFESSORA Cada ânfora dessa carrega um pouco dos rios do nosso país. *(Aponta para uma)* Esta, por exemplo, é do rio Doce.

SÓROR Esta aqui é do rio Paraná. Estou cansada de ficar olhando para esses rios.

PEDRINHO Essa aqui está escrito “rio Negro”.

PROFESSORA Calma! Calma!

PEDRINHO Eu tô calmo, professora.

PROFESSORA O rio Negro fica pertinho do rio Solimões, e eles vão juntos até o rio Amazonas. *(Vai até outra ânfora)* E o rio Amazonas vai desaguar onde, meus queridos?

(Os três se entreolham, curiosos, e sem saber a resposta.)

PROFESSORA No oceano Atlântico. A grande barreira d'água que separa o Velho Mundo daquilo que chamam de Novo Mundo, as Américas. Que é exatamente o nosso continente.

PEDRINHO Então, a carta está no oceano?

PROFESSORA Se o meu palpite estiver certo... *(Para Sórora)* Me ajude aqui, irmã.

(Ambas, com muito esforço, levantam uma das ânforas.)

PROFESSORA Pedrinho, Maria... Peguem aqui. A Carta... Rápido! Isso é pesado e delicado.

(As luzes indicam boas-novas.)

MARIAZINHA *(Pegando um papel com cara de antigo, um envelope amarrado)* A carta da Leopoldina! Conseguimos! Você conseguiu, professora.

PROFESSORA Nós conseguimos, crianças.

PEDRINHO Abra a carta, Maria... Abra!

(Mariazinha abre a carta com muito cuidado.)

MARIAZINHA *(Decepcionada)* Não tem nada escrito nela.

**PROFESSORA
E PEDRINHO** O quê?

(Um trovão interrompe a cena. Luzes se apagam. Neste momento, tudo se reconfigura. Dom Pedro retorna como estátua. Os artefatos não têm mais vida. Ouve-se uma voz em off. É Leopoldina.)

**IMPERATRIZ
LEOPOLDINA**

O pomo está maduro, colhei-o.

(Luzes se acendem.)

PROFESSORA

Eu não vou me acostumar a isso.

MARIAZINHA

(Olhando a volta) Olha, professora. Está tudo no lugar.

PEDRINHO

Tudo voltou como era, inclusive a gente com essa carta vazia. Que mundo que a gente mudou?

PROFESSORA

(Rindo) Será que tudo está como era?

(Entra Ulisses.)

ULISSES

Crianças, que desespero! Como vocês somem assim?

**PEDRINHO E
MARIAZINHA**

(Correndo ao encontro) Calma, pai!

PEDRINHO

Pai, temos um monte de coisa para falar.

MARIAZINHA

Você não vai acreditar, pai. As estátuas começaram a falar, aí trovejou, aí tem a carta...

ULISSES

Calma, crianças! Acalmem-se.

PROFESSORA Olá, seu Ulisses. Primeiramente, prazer em conhecê-lo pessoalmente. Conheço sua esposa, mas o senhor, não. Meu nome é Maria. Sou professora de história de seus adoráveis filhos.

ULISSES Prazer, Maria. Mas o que fazem aqui?

PROFESSORA Seus filhos me arranjaram uma visita noturna ao museu, a pedido de dona Joca.

ULISSES Aquela doida!

PROFESSORA Pelo menos alguém concorda comigo. Mas ela não é tão doida assim. Eu vou levar os seus filhos para a casa. Acredito que terá muito trabalho por aqui.

**PEDRINHO E
MARIAZINHA** Mas...

ULISSES Vão, crianças.

(Seu Ulisses sobe as escadas. Dá a entender estar conversando com a estátua de Dom Pedro. Encaminham-se para o proscênio, caminhando.)

PROFESSORA Quer saber? Virei fã da dona Joca.

PEDRINHO Ué, não entendo! Dona Joca nos meteu numa furada.

MARIAZINHA Professora, será que ainda existe aquelas canetas com pena para a gente escrever?

PROFESSORA Existe, sim. Chama-se caneta bico de pena. Eu mesmo tenho uma. Vou lhe dar de presente.

PEDRINHO

E para que você quer uma caneta dessa?

MARIAZINHA

(Olhando para a professora, entendendo tudo) Para pegar o pomo, seu bobo.

(Breu.)

FIM ■



BRASIL
EM
CENA!



BRASIL EM CENA!

Kaio Gomes Bergamin

Personagens

Bel
Quinho
Sofia

Valen
Tia Rosa

MÚSICAS

“Peixe vivo”, folclore brasileiro (*domínio público*)

“Roda ioiô”, Chiquinha Gonzaga, (*domínio público*)

“Canto das três raças”, Mauro Duarte e Paulo Cesar Pinheiro

“Las muchachas de Copacabana”, Chico Buarque

“Abre alas”, Chiquinha Gonzaga, (*domínio público*)

SINOPSE

Quatro jovens se reúnem depois da aula para preparar o trabalho passado pela professora de história: fazer uma linha do tempo com os principais fatos ocorridos no Brasil depois da Independência. Esses jovens, Bel, Quinho, Sofia e Valen, decidem pedir ajuda para a Tia Rosa, uma professora aposentada e doutora em história do Brasil, que também é tia de Bel. Durante a conversa, surge a ideia de recontar, nessa linha do tempo do Bicentenário de Independência, o desenvolvimento da arte teatral no Brasil. Entre muitas informações históricas, o grupo acaba recriando números musicais, cenas e poesia para complementar o trabalho, mostrando que o ato de aprender pode ser muito produtivo e divertido.

FAIXA ETÁRIA

10 anos (infantojuvenil).

GÊNERO

Infantojuvenil, teatro musicado.

PRÓLOGO

(O elenco entra cantando e tocando instrumentos musicais. O cenário está agrupado no centro do palco. Durante a canção, o elenco organiza o cenário, para de tocar os instrumentos musicais e os deixa no palco. Complementando o cenário, dirigem-se ao proscênio cantando o refrão à capela. Música “Peixe vivo”, do folclore brasileiro/domínio público.)

TODOS

Como pode um peixe vivo
 Viver fora da água fria?
 Como pode um peixe vivo
 Viver fora da água fria?
 Como pode um peixe vivo
 Viver fora da água fria?
 Como pode um peixe vivo
 Viver fora da água fria?

Como poderei viver?
 Como poderei viver?
 Sem a sua, sem a sua
 Sem a sua companhia?
 Sem a sua, sem a sua
 Sem a sua companhia?

Os pastores dessa aldeia
 Fazem preces noite e dia
 Os pastores dessa aldeia
 Fazem preces noite e dia

Como poderei viver?
 Como poderei viver?
 Sem a sua, sem a sua
 Sem a sua companhia?
 Sem a sua, sem a sua
 Sem a sua companhia?

CENA 1

(A iluminação permanece somente nos quatro jovens que estão no proscênio. Todo o cenário organizado durante a canção de entrada permanece na penumbra.)

BEL

Eu simplesmente adorei essa tarefa que a professora passou! Fez todo o sentido depois de tudo que estudamos!

QUINHO

Sim! História é a minha matéria preferida! E eu amei a aula de hoje, que juntou história e artes para falar do folclore. O folclore brasileiro é tão incrível! E tem tudo a ver falar de folclore com as matérias de história e artes!

BEL

Nossa, já eu amei a aula da semana passada sobre Chiquinha Gonzaga! Sensacional! A primeira musicista do Brasil! Que mulher divina!

QUINHO

A gente fica até inspirado depois de conhecer artistas tão importantes da nossa história. Perceberam que, desde a semana passada, não paramos de cantar? Como era mesmo aquela música da Chiquinha Gonzaga?

BEL “Ó abre alas, que eu quero passar!”

QUINHO E BEL *(Animados, cantando e dançando)*

Ó abre alas que eu quero passar
 Ó abre alas que eu quero passar
 Eu sou da lira não posso negar
 Eu sou da lira não posso negar

Ó abre alas que eu quero passar
 Ó abre alas que eu quero passar
 Rosa de ouro é que vai ganhar
 Rosa de ouro é que vai ganhar

QUINHO *(Percebe Valen e Sofia bem desanimadas)*

Ó abre alas, pra mandar essa tristeza embora! Sofia, Valen, vocês não ficaram animadas com nossa tarefa de história? A Bel e eu estamos amando!

SOFIA

Isso porque vocês são nerds! Eu não acredito que mal voltamos às aulas presenciais e as professoras e os professores ficaram surtados passando mil e uma tarefas.

QUINHO

Vai dizer que você preferia que a gente continuasse com as aulas pela internet?

BEL

Eu tô muito feliz porque estamos de volta. Principalmente por voltar em segurança e com a população vacinada.

SOFIA

Só vocês dois estão felizes, então, porque eu e a Valen preferíamos estar em casa, né? Valen?

(Pausa; todos esperam a resposta de Valen.)

- QUINHO** Ei... Valen? Valentina! Tá dormindo ainda?
- VALEN** Desculpem. Acho que é efeito da vacina.
- QUINHO** Mas tomamos a vacina há um mês!
- VALEN** Efeito retardado, ué! Ai, gente, desculpa. Na verdade, é sono. Tô me acostumando com a rotina de acordar cedo para as aulas.
- BEL** Mas nós estávamos acordando cedo mesmo para as aulas on-line!
- SOFIA** Fale por você, Bel!
- VALEN** É que esse conceito de “acordar” não significa necessariamente “acordar”.
- QUINHO** Isso é verdade. Às vezes eu acordo, mas eu demoro uns quinze minutos pra entender o que está acontecendo com a minha vida.
- SOFIA** Quinze minutos? Até que é rápido, Quinho. Tem vezes que eu passo o dia sem saber o que está acontecendo!
- (Todos riem.)*
- BEL** Tá bom, gente. Eu concordo com vocês, mas agora temos muito trabalho para fazer. E precisamos arrasar no trabalho para tirar uma boa nota para passar de ano. Nem tudo na vida se resolve jogando Minecraft.
- SOFIA** Calma aí, Isabel! Minecraft é uma filosofia de vida!

- VALEN** Tá bom, gente...
- BEL** “Tá bom” o que, Valen?
- VALEN** Eu concordo.
- QUINHO** Concorda com o quê?
- VALEN** Minecraft. Vamos jogar.
- SOFIA** A Valentina tá dormindo ainda. Amiga! Se liga!
- (Valen continua sonolenta.)*
- BEL** Muito bem! Vamos tentar esquematizar o trabalho de história.
- VALEN** É! Temos que traçar uma linha do tempo com fatos importantes da história do Brasil da Independência, que foi no dia 7 de setembro de 1822 até os dias de hoje, no caso, o ano de 2022. Dessa maneira, devemos reunir duzentos anos de fatos e acontecimentos para elencar os que julgamos mais relevantes para a nossa linha do tempo. Ou seja, é uma linha do tempo bicentenária. “Bi” é relativo a 2 e “centenário”, relativo a 100. Logo, $2 \times 100 = 200$. Duzentos anos desde a Independência do Brasil.
- QUINHO** Alguém mais está com medo da Valen? Porque eu tô. Do nada ela desembestou a falar.
- BEL** Deve ser tipo sonambulismo.

- SOFIA** Mas, pelo menos, ela estava prestando atenção em tudo.
- QUINHO** Eu ainda estou com medo.
- VALEN** Vamos lá, galera! Uhu! Eu acho que o trabalho deveria ter umas cartolinas... Não, não, uns *slides* interativos... Não, não... Uma maquete... Ou melhor: podemos construir um espaço itinerante onde as pessoas possam interagir de verdade. Já falei que eu sou boa em Minecraft. Deixa pra lá: vou fazer uma amostra de cada uma das ideias...
- BEL** Amiga, calma, respira. Acalma essa energia.
- VALEN** Ah, desculpa... É que, quando eu finalmente acordo, tenho esse rompante de energia.
- QUINHO** Eu já estava achando que era um espírito maligno dos trabalhos escolares que tinha te possuído.
- BEL** Podemos voltar ao trabalho? (*Todos concordam*)
Acho que poderíamos fazer algumas leituras. Quem sabe até umas entrevistas com pessoas de mais idade.
- QUINHO** Será que tem alguém com duzentos anos por aí?
- SOFIA** Ai, Quinho! Foco! Bel, você tem alguma ideia de com quem podemos falar?
- BEL** A minha tia-avó!
- SOFIA** Nossa, ela é bem velha mesmo!

BEL Não é isso, Sofia. Bom, tá, ela é velhinha, mas ela é doutora em história do Brasil. Ela dava aulas antes de se aposentar.

SOFIA Então a gente pega a tia velha e leva pra escola?

VALEN Mais respeito com os idosos.
Diga “senhora tia velha”.

QUINHO Gostei da ideia, Bel. Sua tia sempre dá comida pra gente! Falamos com ela e depois comemos e tomamos café e depois decidimos como vamos apresentar o trabalho e depois comemos de novo.

VALEN Se vai ter comida, eu já adorei.

BEL Ela mora pertinho da minha casa. Podemos ir pra lá agora. Tenho certeza de que ela vai adorar!

(Os jovens se encaminham para a casa da tia de Bel, enquanto cantam “Roda ioiô”, de Chiquinha Gonzaga. Mudança de iluminação. O cenário que estava na penumbra é iluminado aos poucos, revelando a sala da casa de Tia Rosa. Os jovens cantam e dançam, enquanto Tia Rosa acompanha a canção tocando violão.)

TODOS

Ioiô, meu bem, o que é isso
Que modo de olhar para gente
Cuidado, eu tenho feitiço
Que aparece de repente

Em tudo sou decidida
Tenho sangue com fartura
Ai, ioiô, e se duvida...
Ponho água na fervura

Que eu sou de fogo,
Que eu sou de brasa
Roda, ioiô, já, já para casa (*bis*)
Roda, ioiô, roda, ioiô,
Roda, ioiô, já, já para casa

Na boca, tenho os perfumes
Da mais bela flor do prado,
Gostou de mim, tem ciúmes,
Roubou-me um beijo, é queimado

Se me abraça, ai que perigo
É mais certo, morreu,
Ioiô não mexa comigo
Eu peço por Deus do céu

Que eu sou de fogo,
Que eu sou de brasa
Roda, ioiô, já, já para casa (*bis*)
Roda, ioiô, roda, ioiô,
Roda, ioiô, já já para casa

CENA 2

(Na sala da casa da Tia Rosa.)

TIA ROSA Mas que alegria ver a minha sobrinha-neta! Vem me dar um abraço, Isabel!

BEL *(Abraçando a tia)* Bênção, tia.

TIA ROSA Que Deus e os orixás te abençoe, querida.

BEL Desculpa por vir sem avisar, mas temos um trabalho de história para fazer. Daí pensei que a senhora pudesse ajudar.

TIA ROSA Fico muito feliz e honrada em ajudar!
(Cumprimentando os jovens)
Olá! Boas-vindas! Marquinho, que bom que você veio! Sua avó e eu falamos de você ontem.

QUINHO Sim! Minha avó comentou que as senhoras foram à reunião de curadoria do centro de artes. Tia Rosa, a senhora está tão bonita hoje... Está tão radiante... E esse cheiro tão fabuloso que vem da sua cozinha...

TIA ROSA Acabei de tirar um bolo de fubá do forno, se você quiser.

QUINHO Quero, com certeza! *(Sai em direção à cozinha)*

TIA ROSA Aproveita e traz um pedaço para todos.

- QUINHO** Pode deixar! (*Sai. Falando da cozinha*) Mas é o paraíso! Oh... Tem café! E bolinho de chuva! Não acredito... Pão de queijo! O que é isso? Brigadeiro!
- VALEN** Credo! O Quinho vive com fome.
- SOFIA** Eu acho que ele vive com vermes.
- TIA ROSA** E vocês... Eu ainda não conheço. Eu sou Rosa, a tia da Isabel.
- BEL** Eu já falei delas para a senhora. São minhas amigas da escola. Valentina e Sofia.
- VALEN** Muito prazer!
- SOFIA** Sou a Sofia, tudo beleza, velha... Digo dona velha, senhora dona velha. Eu acho que vou ficar quieta.
- TIA ROSA** Tudo na paz, mana! Aprendi algumas gírias com meu filho mais novo. Sentem-se, fiquem à vontade.
- BEL** Tia, temos que apresentar um trabalho de história. Uma linha do tempo com os principais fatos. E eu pensei que a senhora poderia nos ajudar com isso.
- VALEN** Tem que ser dentro do Bicentenário da Independência do Brasil, ou seja, de 1822 até 2022. O que parece ser fácil, mas, na verdade, não é, porque foram duzentos anos em que muita coisa aconteceu, coisas boas, e não tão boas. Mas acho que podemos peneirar o trabalho para falar só das coisas boas que aconteceram nesses duzentos anos. Desculpa... Eu fico com muita energia de manhã.

- TIA ROSA** Adoro essa disposição dos jovens. E gostei muito da sua sugestão. Podemos usar essa sua ideia como ponto de partida.
- QUINHO** Alguém pode me ajudar aqui? Nossa, tem tanta comida! *(As meninas ajudam a servir o café e a comida)* Agora sim estamos preparados para começar a estudar!
- BEL** Tia, a senhora tem alguma sugestão de por onde podemos começar?
- TIA ROSA** Aproveitando o que a Valentina disse, podemos partir do Dia da Independência e, quem sabe, falar sobre o desenvolvimento da arte teatral. O que acham?
- SOFIA** Eu adorei! Até porque eu estudei história do teatro, e tem muitas coisas legais que acontecem no Brasil.
- TIA ROSA** Então você pode me ajudar com isso, né, Sofia?
- SOFIA** Susse, de boa!
- TIA ROSA** Então fechou!
- SOFIA** *(Falando para Bel)* Caraca! A sua tia é superlegal!
- BEL** Eu sei! E acho que ela também sabe! Ela é demais!
- QUINHO** *(Falando enquanto come)* Acho que podemos ir anotando as coisas pra gente não esquecer de tudo. Eu poderia anotar, mas estou um pouco ocupado. E eu aprendo melhor enquanto como.

VALEN

Eu posso ir anotando as coisas no caderno.
(Pega um caderno e uma caneta em sua mochila)
 Quando quiserem, podemos começar.

CENA 3**TIA ROSA**

Se estão de acordo, podemos seguir com essa linha do tempo partindo da história do teatro. Então, quem pode começar? Temos algum acontecimento ou fato importante nesse período da Independência?

QUINHO

(Enquanto come) Hum... Anota aí, Valen. Sete de setembro de 1822, Dom Pedro I deu um grito... *(Engole a comida)* às margens do rio Ipiranga. Ele gritou “Independência ou morte”... *(Come mais um pedaço de bolo)* Tornando o Brasil um país independente de Portugal. Galera, tive uma ideia. Escuta só.

(As meninas se aproximam. Conversam rapidamente e começam a criar a cena da Independência. Usam adereços que remetem às roupas da época e montam em cavalinhos de madeira. Enquanto falam o texto, executam a mimese corporal.)

VALEN

A Corte Portuguesa resolveu vir para o Brasil, no fim de 1807, fugindo das tropas napoleônicas que invadiram Portugal em represália pelo país ter furado o Bloqueio Continental. A rainha de Portugal era Maria e o príncipe regente, Dom João VI.

SOFIA

Foi Dom João VI que decretou a construção de universidades, teatros, bibliotecas, aqui no Brasil. Artistas e intelectuais estrangeiros vieram para o país, e a circulação de conhecimento aumentou consideravelmente.

BEL

A Independência do Brasil aconteceu quando a relação ficou tensa entre Portugal e Brasil. Surgiu o separatismo como opção política, e o príncipe foi convencido a seguir esse caminho.

QUINHO

As Cortes de Portugal tomaram medidas que não foram bem-vistas aqui. Exigiram o retorno do príncipe e a instalação de mais tropas no Rio de Janeiro. Sem falar que os portugueses tratavam com desdém os brasileiros que iam a Portugal para negociar.

VALEN

Foi criado um movimento pedindo a permanência de Dom Pedro. Isso resultou no Dia do Fico, em 9 de janeiro de 1822: “Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto. Diga ao povo que fico”.

SOFIA

Mas a situação ficou tensa em agosto. As Cortes atacavam os “privilégios brasileiros”, acusavam José Bonifácio de traição e ordenavam o retorno de Dom Pedro. Isso fez a princesa Maria Leopoldina convocar uma sessão extraordinária presidida por José Bonifácio, em 2 de setembro.

- BEL** Foi nesse dia que decidiram que era o momento de declarar a Independência do Brasil. Uma declaração de Independência foi redigida e enviada para Dom Pedro, que estava a caminho de São Paulo. Ele foi alcançado pelo mensageiro no dia 7 de setembro de 1822.
- TIA ROSA** Às margens do rio Ipiranga, Dom Pedro ficou sabendo da situação, e, segundo o que ficou registrado na história oficial brasileira, foi realizado o grito pela Independência do Brasil, momento conhecido como Grito do Ipiranga.
- TODOS** Independência ou morte!
- QUINHO** Sensacional! Agora está na hora do bolinho de chuva! Espera! Falamos muita coisa... Valen conseguiu anotar tudo?
- VALEN** Anotei. Quinho, me passa mais bolinho de chuva? Tá uma delícia.
- QUINHO** E não tá mesmo, menina?
- VALEN** Parabéns, dona Rosa, a senhora arrasa na cozinha.
- TIA ROSA** Eu agradeço o elogio e fico feliz que estejam comendo! Mas voltando ao trabalho...
- SOFIA** Tem um acontecimento que acho legal a gente falar. No ano de 1833, temos a estreia da primeira companhia brasileira em Niterói, com a peça *O príncipe amante da liberdade ou A independência da Escócia*, dirigida por João Caetano.

- BEL** João Caetano foi muito importante porque foi praticamente um dos primeiros a produzir, dirigir e atuar em espetáculos. Inclusive a estreia foi no Theatro Real de São João, que hoje se chama Teatro João Caetano.
- SOFIA** Isso mesmo. Temos que falar que ele também foi dramaturgo. As suas iniciativas no palco ou na administração de companhias dramáticas marcaram o início do teatro brasileiro como atividade profissional contínua.
- TIA ROSA** Acho importante colocar que a estreia de 1833 marca o rompimento com a tradição da época de importar espetáculos e artistas da Europa, principalmente de Portugal. A peça de João Caetano era interpretada exclusivamente por atores brasileiros. Gente, tô mandando pra vocês um *link* de um vídeo do meu canal na internet que fala bastante do trabalho do João Caetano. *(Todos olham surpresos para a Tia)* O quê? Eu sou velha, mas também sou antenada nas paradas tecnológicas.
- SOFIA** Aê, tia! Mandou bem!
- BEL** A minha tia tem muitos seguidores. Mais do que nós quatro juntos.
- VALEN** Ah, eu acho que a gente poderia falar de Martins Pena! O Quinho e eu montamos uma peça dele no curso de teatro e tivemos uma aula sobre a importância de Martins Pena na história do teatro brasileiro.

QUINHO

Eu lembro que foi em 1838 que estreou a peça *O juiz de paz na roça*, de Martins Pena. E foi o pontapé inicial para a consolidação da comédia de costumes como sendo o gênero preferido do público.

VALEN

Martins Pena é considerado por muitos o verdadeiro fundador do teatro nacional pela quantidade de peças escritas, 28 no total, e pela qualidade de suas produções.

BEL

Ah, mas acho que temos que aproveitar que vocês já montaram essa peça para incrementar nosso trabalho...

QUINHO

Não diga mais nada, jovem senhorita. Já consigo entender.

(Pequena cena de metateatro. Valen e Quinho interpretam um fragmento de O juiz de paz na roça, de Martins Pena. A interpretação é pomposa e exagerada como se quisessem imitar os trejeitos da época. Quinho faz o Juiz; Valen, o Escrivão; e Tia Rosa, Manuel João. A iluminação vai diminuindo, e as outras meninas pegam lanternas para usar como iluminação.)

JUIZ

Agora que estamos com a pança cheia, vamos trabalhar um pouco. *(Sentam-se à mesa)*

ESCRIVÃO

Vossa senhoria vai amanhã à cidade?

JUIZ

Vou, sim. Quero-me aconselhar com um letrado para saber como hei de despachar alguns requerimentos que cá tenho.

ESCRIVÃO

Pois, vossa senhoria, não sabe despachar?

JUIZ

Eu? Ora essa é boa! Eu entendo cá disso? Ainda quando é algum caso de embigada, passe; mas casos sérios, é outra cousa. Eu lhe conto o que me ia acontecendo um dia. Um meu amigo me aconselhou que, todas as vezes que eu não soubesse dar um despacho, que eu não soubesse dar um despacho, que desse o seguinte: “Não tem lugar”. Um dia apresentaram-me um requerimento de certo sujeito, queixando-se que sua mulher não queria viver com ele etc. Eu, não sabendo que despacho dar, dei o seguinte: “Não tem lugar”. Isto mesmo é que queria a mulher; porém (o marido) fez uma bulha de todos os diabos; foi à cidade, queixou-se ao Presidente, e eu estive quase não quase suspenso. Nada, não me acontece outra.

ESCRIVÃO

Vossa senhoria não se envergonha, sendo um juiz de paz?

JUIZ

Envergonhar-me de quê? O senhor ainda está muito de cor. Aqui para nós, que ninguém nos ouve, quantos juízes de direito há por estas comarcas que não sabem onde têm sua mão direita, quanto mais juízes de paz... E, além disso, cada um faz o que sabe. (*Batem*) Quem é?

MANUEL JOÃO

(*Dentro*) Um criado de vossa senhoria.

JUIZ

Pode entrar.

(A iluminação aumenta. As meninas desligam e guardam as lanternas, enquanto todos comemoram a pequena apresentação.)

SOFIA Caraca! Vocês arrasaram! É exatamente o que eu tinha pensado para o trabalho!

BEL Gente, com isso podemos fechar o primeiro bloco do trabalho.

SOFIA Falta falar do teatro de revista!

BEL Antes de falarmos da revista, eu queria falar de um fato bem importante e que foge um pouco desse tema artístico, mas que é fundamental.

SOFIA Tranquilo. Deixamos a revista para depois.

CENA 4

BEL Acho que devemos falar sobre as lutas que o povo brasileiro passou ao longo da história. Elas aconteceram por um motivo nobre, a liberdade e a equidade entre as pessoas. E eu sinto que devemos falar sobre.

TIA ROSA Um assunto bem importante e delicado também, querida. Precisamos ressaltar que, de modo geral, somos brasileiros e brasileiras, pois nascemos aqui no Brasil, mas o legítimo povo brasileiro é o povo indígena.

SOFIA

Eu acho tão errado que algumas pessoas sejam a favor da diminuição das terras indígenas! E o pior é que querem fazer isso para desmatar as florestas. As tribos indígenas já estão com um espaço relativamente pequeno para viver e ainda querem diminuir? Acho que a discussão deveria ser sobre a preservação e o aumento das reservas!

TIA ROSA

Muito importante essa sua fala, Sofia. Verdade que o povo indígena sofreu muito com a vinda dos portugueses e, depois das atrocidades e da escravidão dos índios, os povos africanos foram trazidos para cá para ocupar o lugar dos indígenas no trabalho escravo.

BEL

Por isso devemos falar sobre o fim da escravidão, que acontece em 1888.

TIA ROSA

Assinada pela princesa Isabel...

QUINHO

Hum... Ela tem o mesmo nome que você, Bel.

BEL

Eu tenho o mesmo nome que ela, Quinho. Ela é mais velha.

VALEN

Mas, antes da Lei Áurea, temos algumas leis. Por exemplo: a Lei Eusébio de Queirós, de 1850, que proibia a entrada de africanos escravizados no Brasil. Depois desta, teve a Lei do Ventre Livre, de 1871, que libertou todas as crianças nascidas de mães escravizadas a partir de então.

QUINHO

Teve outra lei também. É uma com nome difícil... Calma, eu vou lembrar... Ah, a Lei dos Sexagenários, de 1885, que deixava livre todos os escravizados com sessenta anos de idade ou mais.

SOFIA

É, mas, se a gente parar para pensar, a Lei do Ventre Livre e a dos Sexagenários não eram grandes coisas. Sim, elas foram importantes no caminho para a Lei Áurea, mas as crianças nascidas nas senzalas acabavam sendo escravizadas por não terem para onde ir e os Sexagenários também...

TIA ROSA

Essas leis tiveram a sua importância, porque antes disso ninguém tinha direito nenhum. Por isso, mesmo fora do período histórico do trabalho de vocês, devemos citar Zumbi dos Palmares e os quilombos que abrigavam os negros que fugiam da escravidão e os Inconfidentes Baianos na conjuração Baiana, também chamada de Revolta dos Alfaiates ou Revolta dos Búzios, na luta pela liberdade e pela igualdade.

VALEN

Sei que o que eu vou falar não tem muito a ver com isso, mas às vezes sinto como se a escravidão fosse mascarada nos dias de hoje, sabe? Tipo, meus pais trabalham muito e ganham pouco, vêm pra casa praticamente para dormir. A minha mãe ficou doente um tempo atrás e o patrão dela não quis aceitar o atestado médico. No fim, ela teve que trabalhar para não ser despedida.

TIA ROSA

Eu acho muito bem-vindo o seu comentário, Valentina. Eu bem sei o que é passar por situações assim, pois além de ser mulher, o que infelizmente ainda é “desculpa” para ter um menor salário, eu sou negra, o que dificultava muito por causa do racismo velado. Mas a mudança está para acontecer, graças aos movimentos feministas e movimentos afros. Tenho certeza de que as coisas vão mudar para melhor.

QUINHO

Eu acho que algumas pessoas deveriam assinar a Lei Áurea em suas almas, no subconsciente, para parar com todo esse preconceito.

SOFIA

Boa, Quinho. Acho que podemos usar essa sua fala no trabalho.

VALEN

E vamos estruturar direitinho como vai ser esse bloco?

BEL

Acho importante falar das datas, das leis e das pessoas por trás desse movimento. Podemos usar a fala do Quinho. Acho que o fechamento poderia ser algo artístico, mas não sei como juntar todas essas informações... Alguma sugestão?

(Número musical. Tia Rosa canta um fragmento da música “Canto das três raças”, de Mauro Duarte e Paulo César Pinheiro. Os jovens aos poucos pegam seus instrumentos musicais e começam a tocar, acompanhando Tia Rosa.)

TIA ROSA

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil
Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativoiro
E de lá cantou...

BEL

Nossa... Tia Rosa, que coisa mais linda! Era exatamente o que eu queria para esse momento.

SOFIA

Eu estou arrepiada até agora! Arrasou.

VALEN

Tia Rosa, posso gravar a senhora cantando depois, para usarmos na apresentação?

TIA ROSA

Claro! Ficarei honrada.

QUINHO

A Tia Rosa vai ser tipo a vedete do nosso trabalho.

BEL

Vedete? Não entendi.

SOFIA

Vedete de teatro de revista! Vamos falar agora do teatro de revista!

CENA 5

TIA ROSA Muito bem lembrado, Sofia. É um gênero muito importante. É porque vocês não falam do teatro de revista com luxo e exuberância?

BEL Galera, corre para improvisar um figurino!

QUINHO Mas a gente vai ficar pelado? Porque teve nudez na revista.

BEL Só na terceira fase da revista. Podemos pensar nos figurinos exuberantes da segunda fase: revista carnavalesca.

VALEN Vou colocar meu celular pra gravar e assim conseguimos ensaiar depois. Tia Rosa, a senhora tem que apresentar a gente, beleza?

TIA ROSA Até eu vou entrar no improviso?

VALEN Lógico! Até porque vedete que é vedete não se apresenta: é apresentada!

(Começa uma corrida em busca de figurinos para a pequena cena. Tia Rosa usa uma cartola como mestre de cerimônias e vai para a boca de cena. As outras pessoas se colocam em suas posições, permanecendo de costas para o público. A cada fala das vedetes, elas se viram de frente para o público e fazem uma movimentação coreográfica inspirada nas vedetes enquanto falam o texto.)

TIA ROSA MC Boas-vindas! Nosso espetáculo já vai começar! Essa noite promete ser inesquecível. Nosso estimado Artur Azevedo, em 1884, estreia *O mandarim* e consolida o teatro de revista como preferido do público. Inspirado nas operetas de *vaudevilles*, era um texto teatral que tinha também música e dança. A revista é dividida em três fases.

VALEN VEDETE Revista de ano: se caracterizou pela valorização do texto em relação à encenação e pela crítica feita com versos e personagens alegóricos, como um resumo cômico do período anterior.

SOFIA VEDETE Revista carnavalesca: foi marcada por duas características importantes. Uma delas é a influência norte-americana na música, substituindo a orquestra de cordas pela banda de jazz. Outra foi a vinda da companhia francesa Ba-ta-clan, na década de 1920, que trouxe novas influências para o gênero: desnudou o corpo feminino, despindo-o das meias grossas. Nessa fase, a revista foi marcada pela existência de uma “rivalidade amigável” entre as primeiras estrelas de cada companhia, as vedetes, na disputa pela preferência dos espectadores.

BEL VEDETE

Féerie: a terceira e última fase foi a do investimento em grandes espetáculos, a ênfase à fantasia, por meio do luxo, grandes coreografias, cenários e figurinos suntuosos. Aos poucos, contudo, a revista começou a apelar fortemente para o escracho, para o nu explícito, deixando de lado uma de suas bases: a comicidade. Assim, entrou em um período de decadência, praticamente desaparecendo na década de 1960.

(Número musical inspirado no teatro de revista. Trecho da música “Las muchachas de Copacabana”, de Chico Buarque. Tia Rosa corre até sua vitrola e coloca o disco de vinil do musical A ópera do malandro.)

TODOS

Atração da Martinica, tem
 Uma chica sergipana
 Paraguaia da Jamaica, tem
 Balalaica peruana
 Corcovado em Mar Del Plata, tem
 Catarata de banana
 Índia canibal, na certa tem
 E é a oferta da semana
 Somos las muchachas de Copacabana
 Somos las muchachas de Copacabana

(Tia Rosa desliga a vitrola, os jovens comemoram a recriação do teatro de revista enquanto guardam os figurinos e adereços nos lugares. Todos sentam no sofá, levemente ofegantes de cansaço.)

CENA 6

- VALEN** Eu chamo isso de sucesso, pessoal! Vou parar a gravação. Depois, faço uma edição no vídeo para apresentar com nosso trabalho.
- QUINHO** Até que nosso trabalho está sendo bem produtivo. Eu não vi a Sofia jogar Minecraft nenhuma vez.
- SOFIA** *(Imitando Quinho)* Eu não vi a Sofia jogar Minecraft... Nhe-nhe-nhé...
- QUINHO** Acho que merecemos uma pausa. Tô começando a ficar com fome.
- SOFIA** *(Imitando Quinho)* Tô começando a ficar com fome... Nhe-nhe-nhé...
- QUINHO** Nossa, como você é infantil!
- SOFIA** Nhe-nhe-nhé...
- VALEN** Quinho, você tava comendo até agora! Não acredito que você está com fome!
- QUINHO** Gastei muitas calorias pensando e criando nosso número musical. Aliás, eu penso melhor de barriguinha cheia. Assim, eu consigo digerir melhor as coisas!
- BEL** É isso! Vamos falar agora da Semana de Arte Moderna de 1922 e do Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade!

- QUINHO** Eu sou a inspiração desse grupo!
- SOFIA** Inspiração que vai entrar em coma de tanto comer.
- TIA ROSA** Então vamos falar da Semana de Arte Moderna... Bom, sabemos que os artistas envolvidos propunham uma nova visão de arte, a partir de uma estética inovadora inspirada nas vanguardas europeias. A grande sacada deles era que eles visavam a uma renovação social e artística no país que foi deflagrada pela “Semana de 22”. O evento chocou grande parte da população e trouxe à tona uma nova visão sobre os processos artísticos, bem como a apresentação de uma arte “mais brasileira”. Houve um rompimento com a arte acadêmica, inaugurando, assim, uma revolução estética e o Movimento Modernista no Brasil.
- QUINHO** Lembro que teve uma questão na prova escrita de Artes, lá na escola, que perguntava sobre as características da Semana de Arte Moderna de 1922. Eu me lembro de algumas: valorização da identidade e da cultura brasileiras; fusão de influências externas aos elementos brasileiros; experimentações estéticas; e liberdade de expressão. Pra mim, são elementos importantes até os dias de hoje.
- BEL** Arrasou, Quinho. Valen, você está conseguindo anotar tudo?
- VALEN** Ah, eu desisti de anotar há muito tempo!
- SOFIA** Você tá ficando louca, garota? E o trabalho?

- VALEN** Relaxa, eu tô gravando tudo. Depois, uso um programa que converte o áudio em arquivo de texto. Fácil, fácil. Daí é só editar o arquivo e formatar o trabalho.
- BEL** Nem sabia que isso era possível. E eu me matando pra digitar os trabalhos da escola.
- QUINHO** *(Comendo e falando de boca cheia)* Hum... A Valen me ensinou isso no mês passado... Hum... Por causa do trabalho de língua portuguesa... Hum... Daí eu ensinei pra minha avó...
- TIA ROSA** E ela ensinou pra mim depois.
- BEL** Caramba, a senhora poderia ter me falado antes, Tia Rosa!
- SOFIA** Cada vez eu admiro mais a sabedoria dessa mulher!
- VALEN** Vamos manter o foco, antes que isso vire *Casos de Família*. Sobre a Semana de 1922, acho que podemos apresentar algumas obras de Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e Di Cavalcanti. Depois, já falamos do Manifesto Antropofágico, que mudou a forma das pessoas de encarar o fluxo de elementos culturais do mundo, mas também colocou em evidência a produção própria, a característica brasileira na arte, acrescentando uma identidade tupiniquim ao cenário artístico mundial.

SOFIA Legal. Então a parte artística do trabalho vai ser só a exposição das obras de Tarsila, Anita e Di Cavalcanti? Porque eu tive uma ideia. Venham mais perto e eu conto.

VALEN É melhor você vir para cá.

SOFIA Por quê?

VALEN Por causa do microfone do celular. Eu tô gravando nossa conversa, lembra? Tô ficando sem bateria e só tem tomada aqui perto.

SOFIA Ok. Gente, a minha ideia é...

(Entra uma música instrumental, enquanto as personagens seguem ouvindo a ideia de Sofia. Aos poucos vão trocando de figurino, colocando por cima dos figurinos roupas com estampas inspiradas nas obras de Tarsila, Anita e Di Cavalcanti. Começa uma performance do Manifesto Antropofágico. Tia Rosa, durante a apresentação, pega o seu telefone celular, se afasta dos jovens e começa a gravar um vídeo da apresentação.)

QUINHO “Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz. *Tupi or not tupi, that is the question.*”

BEL

“Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos. Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago. Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psicologia impressa.”

VALEN

“O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. O cinema americano informará. Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos *touristes*.”

SOFIA

“No país da cobra grande. Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiro e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil. Uma consciência participante, uma rítmica religiosa. Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar.”

QUINHO

“A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase típica de Dom João VI: Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.”

BEL

“Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.”

(A música instrumental segue durante a declamação do fragmento. Ao fim da declamação, os quatro jovens vão tirando os figurinos da performance inspirados nas obras, permanecendo novamente com suas vestimentas. Enquanto guardam as roupas no lugar, Tia Rosa se aproxima novamente do grupo. Ela digita algo em seu celular.)

TIA ROSA

Nossa! Vocês estão de parabéns. Adorei a movimentação e os figurinos. Digno de apresentar na Semana de Arte Moderna de 1922! Gravei até um vídeo pra postar depois. Meus seguidores vão amar!

CENA 7**SOFIA**

Chegamos ao topo da vida! Vamos aparecer no canal da sua tia, Bel!

BEL

Então, vamos ter que fazer por merecer, porque o canal da Tia Rosa é um canal voltado para a difusão de conteúdos de história do Brasil!

SOFIA

Eu tô tremendo. Fiquei nervosa.

QUINHO

Quer comer alguma coisa? Geralmente comer me acalma.

SOFIA

Então você vive nervoso? Por isso que come tanto?

- QUINHO** Desculpa... Não entendi porque eu estava mastigando.
- VALEN** Pessoal, eu estava conversando agora com a Tia Rosa, e pensamos que seria melhor já entrar na finalização do trabalho.
- QUINHO** O quê? Mas ainda tem tanta coisa para falar!
- TIA ROSA** E tem mesmo, querido. A história do Brasil, principalmente a história do teatro brasileiro, é riquíssima, mas vai ser impossível falar de tudo em uma apresentação de trabalho.
- VALEN** A ideia é que, nessa reta final, cada pessoa escolha um artista ou um movimento artístico de sua preferência para falar. Podemos tentar seguir uma cronologia para permanecer na linha do tempo e não ficar somente em um período.
- QUINHO** Ah, mas assim é difícil, porque tem muita coisa, muitas pessoas. Tem o Paschoal Carlos Magno, que funda o Teatro do Estudante do Brasil e o Teatro Duse. Ele é fundamental, porque renovou e dinamizou a cena teatral aqui no Brasil. E tem também o Teatro de Arena de São Paulo, um dos mais importantes grupos teatrais brasileiros das décadas de 1950 e 1960. Augusto Boal foi um dos diretores do grupo num momento em que eles buscavam uma dramaturgia brasileira. Depois dessa fase com Boal, eles começaram a trabalhar com musicais, principalmente os musicais de Bertold Brecht. Ai, meu Deus. Fiquei nervoso e ansioso.

- SOFIA** Calma! Come alguma coisa para relaxar. Valen, eu concordo com essa ideia de finalização. Acho que eu vou falar do Tablado, que é uma escola de teatro fundada em 1951 no Rio de Janeiro pela escritora e dramaturga brasileira Maria Clara Machado.
- BEL** Posso perguntar o porquê da sua escolha, Sofia?
- SOFIA** Pela importância que o Tablado e a Maria Clara Machado têm, tanto na formação de atores e atrizes como na produção de espetáculos pensados no público infantil. O Tablado foi a companhia que ajudou a modernizar o teatro no Brasil. Maria Clara Machado escreveu peças que são montadas até hoje, como *Pluft, o fantasminha* e *A bruxinha que era boa*.
- TIA ROSA** E tem mais: o Tablado formou várias gerações de atores, sendo que da primeira turma da escola há nomes como Marieta Severo, Hildegard Angel, Nora Esteves e Djenane Machado.
- BEL** Nossa, é verdade, eu tinha me esquecido! Sabiam que minha primeira peça de teatro foi *A bruxinha que era boa*? Eu fazia a Bruxa Caolha.
- VALEN** Nossa, te acho tão boazinha para fazer uma vilã!
- BEL** Essa é a magia do teatro: nos fazer criar e viver diferentes vidas!
- VALEN** Então eu já decidi. Vou falar da companhia paulistana, fundada em 1948, pelo empresário Franco Zampari, o Teatro Brasileiro de Comédia, TBC.

- TIA ROSA** Boa escolha! O TBC é o empreendimento que transforma o rumo da cena nacional. O grupo ficou na ativa por 16 anos e também é ele que consolida o advento da encenação moderna no país. O Teatro Brasileiro de Comédia lutou e valorizou muito a profissionalização dos atores e das atrizes.
- QUINHO** Ah, tem uma outra coisa que eu lembrei: o TBC buscava unir o divertimento e a cultura, sem perder de vista o dinheiro que ele poderia ganhar com a venda dos ingressos; ou seja, escolhia espetáculos que fossem desafiadores para o elenco, mas também pensando na receptividade do público.
- VALEN** Sim, sim! Além disso, eu li há um tempo que ele incentivou o treinamento e a formação do ator e da atriz. Eu gosto do TBC principalmente por causa da atriz Cacilda Becker, que é a primeira atriz profissionalizada na história do teatro brasileiro.
- TIA ROSA** Você deveria falar também da interpretação de Cacilda Becker em *Pega fogo*, de Jules Renard, em que ela faz uma interpretação antológica de um menino de 13 anos!
- VALEN** Vou até procurar esse texto na internet para mostrar para a turma.
- TIA ROSA** Se não me engano, tenho esse texto, ali na biblioteca. Querem dar uma olhada?
- VALEN** Eu adoraria!

SOFIA

Ah, eu também quero!

(Tia Rosa, Valen e Sofia se dirigem para a biblioteca ao fundo do palco. Na sala, permanecem Bel e Quinho, que ainda está comendo.)

CENA 8**BEL**

(Olha por alguns segundos, incrédula com a fome de Quinho) Acho que nem a ciência consegue explicar como é possível caber tanta comida em uma pessoa.

QUINHO

Boca foi feita para comer, comida foi feita pra comer e eu fui feito pra comer!

BEL

E aí, Quinho? Decidiu de quem você vai falar nessa última parte do trabalho?

QUINHO

Óbvio. Tão óbvio quanto a pessoa de quem você vai falar.

BEL

Como assim? Não é óbvio, não. Eu não sou previsível.

QUINHO

Garota, eu sou superprevisível. Vou falar simplesmente do grande divisor de águas do teatro brasileiro. Aquele que é o criador de uma sintaxe toda particular e inédita nos palcos brasileiros. Personagens marcantes e de uma complexidade sem igual e montagens simbólicas e expressionistas.

- BEL** Sim, você ama Nelson Rodrigues. Você tem até uma camiseta com a estampa “Bonitinha, mas ordinária”. Mas eu não sou previsível como você.
- QUINHO** Quer apostar? Valendo mais uma fornada de pão de queijo. Vou contar até três e você e eu falamos o nome da pessoa que você vai escolher.
Um... Dois... Três!
- QUINHO E BEL** Chiquinha Gonzaga!
- BEL** Ai, como *tu é*, Quinho!
- QUINHO** Vem *ni* mim, pão de queijo!
- BEL** Tá, eu tô meio empolgada com a história dela, mas também pudera! Num tempo em que somente os homens poderiam ser músicos, ela rompe as amarras sociais para fazer aquilo que ela ama, tocar e compor. Sem falar da importância dela para o teatro, já que ela versou e compôs vários espetáculos musicais. Eu já mencionei que ela participou da campanha abolicionista e da proclamação da república? E que é a fundadora da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais?
- QUINHO** E, se eu bem te conheço, seu sonho é ganhar a Menção Honrosa Chiquinha Gonzaga, conferida a mulheres que militam em prol das causas democráticas, humanitárias, artísticas e culturais. Ou seja, tudo que você já faz. E continue assim, por favor!

- BEL** Ela é uma inspiração para mim! Acho importante estudar e falar sobre democracia, arte e cultura, principalmente se for com esse viés humanista, buscando a equidade e a representatividade.
- (Quinho, durante a fala de Bel, pega seu celular e checa as mensagens. Fica notoriamente triste.)*
- BEL** E você, Quinho? Vai falar do Nelson Rodrigues, né?
- QUINHO** *(Olhando para o celular)* Não importa mais de quem eu vou falar.
- BEL** Nossa, por que você está falando isso?
- (Tia Rosa, Valen e Sofia voltam da biblioteca e percebem a mudança de humor na sala.)*
- VALEN** Gente, que caras são essas? Temos um trabalho para terminar.
- QUINHO** Não, não temos, não.
- SOFIA** Para de besteira, Quinho!
- TIA ROSA** Meninas, não é besteira. A coisa é séria. O Quinho nem está comendo.
- BEL** Como assim, não temos mais que finalizar o trabalho?
- QUINHO** Olhem o e-mail que a escola mandou pra gente. Cancelaram o trabalho.

CENA 9

(As meninas olham o celular com Tia Rosa.)

- QUINHO** Ao que parece, muitas pessoas da turma reclamaram do trabalho que a professora passou. Logicamente a Associação de Pais Conservadores tomou a frente. E o absurdo não para por aí. Vocês já chegaram aos tópicos apontados pela associação de pais?
- BEL** Calma... Ainda não... Agora chegamos.
- QUINHO** “Esse trabalho é completamente irrelevante para nossos filhos, pois é função da professora educar e ensinar a matéria. É sobrecarregar demais nossos filhos que acabaram de retornar às aulas presenciais. Qual a verdadeira relevância desse trabalho?”
- SOFIA** Gente, que absurdo! E olha o que está escrito no fim do e-mail: “Por isso a Associação de Pais Conservadores define que esse trabalho está cancelado”. Voltamos à ditadura militar? É isso?
- TIA ROSA** O pior é que pessoas assim negam todo o nosso passado e a nossa história. E são essas mesmas pessoas que replicam as atrocidades cometidas num período que elas ignoram ter existido.
- BEL** Isso não vai ficar assim. Precisamos fazer alguma coisa!

VALEN

Galera, parece que foram dois alunos que reclamaram do trabalho. O restante da turma estava de acordo. Tô vendo aqui no grupo da escola que o pessoal está revoltado com a decisão.

BEL

Deixa eu ver... *(Pega o celular da Valen)* Caramba! A turma tá revoltada mesmo. Tive uma ideia. Vou mandar um áudio. *(Como se estivesse gravando um áudio)* “Fala, galera! É o seguinte...” *(Apaga o áudio)* “Turma do meu coração...” *(Apaga o áudio)* Credo! Isso soou falso.

VALEN

Tenta gravar enquanto anda pela casa. Isso me ajuda!

BEL

(Andando pelo palco enquanto grava) “Gente, nós estamos revoltados com essa situação, e com certeza essa decisão de cancelar o trabalho não ficará impune. Por isso, a minha sugestão é que devemos ignorar isso e apresentar o trabalho de qualquer jeito. Aliás, acho que devemos fazer uma apresentação pública, aberta à comunidade, principalmente à Associação de Pais Conservadores. A história do Brasil é rica e deve ser estudada. Nós estamos escrevendo a história. Ninguém vai censurar a educação! Educação livre ou morte!!! Morte não, porque pesa demais o rolê, mas vocês entenderam.” Pronto, enviei. Ai, droga! “Oi, gente. Sou eu de novo. Aqui é a Bel mandando mensagem pelo celular da Valen. Beijos”. Valeu, Valen. *(Entrega o celular para a amiga)*

TIA ROSA

Que orgulho da minha sobrinha-neta! Podem contar com minha ajuda no que precisarem!

- VALEN** Bel, a sua mensagem deu certo! A turma concordou em fazer a apresentação pública do trabalho de história!
- SOFIA** Pode se animar e voltar a comer, Quinho! Você vai poder falar em público sobre Nelson Rodrigues!
- BEL** Como você sabe que ele vai falar do Nelson?
- SOFIA** Porque ele é previsível assim como você!
- BEL** Eu não sou...
- TIA ROSA,
VALEN E SOFIA** Chiquinha Gonzaga!
- BEL** Nossa!
- TIA ROSA** Já que vamos fazer um evento aberto ao público, acho bem importante falar da importância de estudar e aprender sempre. Principalmente a história do Brasil.
- QUINHO** Tipo um manifesto antropofágico embasado por Paulo Freire?
- TIA ROSA** Exatamente!
- BEL** E mostrando como estudar pode ser divertido, e não uma coisa chata e solitária. Eu acho que nós podemos ficar a cargo dessa função.

SOFIA

Eu concordo. Depois de hoje, depois de toda essa conversa que foi tão divertida, aprendi coisas que eu não sabia! Podemos fazer essa apresentação com a nossa apresentação da linha do tempo da história. Com certeza as pessoas vão adorar nossos números artísticos e entender a mensagem de que aprender é divertido.

QUINHO

Tenho uma ideia para o título do nosso evento: “Brasil em Cena!”.

SOFIA

Perfeito! Acho que agora é só começar a preparar tudo!

BEL

Quinho, eu amei o nome. Então, decidido o nome, concordo com a Sofia: precisamos saber quem vai fazer o quê.

**CENA 10****VALEN**

Tem uma galera da turma que curte trabalhar com audiovisual. Vou falar com eles para produzirmos um vídeo divulgando nosso evento. Quem sabe a gente consegue transmitir on-line e fazer algumas produções de clipes para apresentar no dia?

SOFIA

Já que vamos ter a possibilidade de transmissão, vou ver se consigo encontrar pessoas para fazer a tradução em libras e a audiodescrição. Se vamos trabalhar acessibilidade, que seja para todas as pessoas.

- TIA ROSA** Eu te ajudo com isso. Conheço um pessoal que adoraria ajudar. Vou divulgar esse evento no meu canal. Assim, vamos alcançar mais pessoas!
- BEL** Isso é sensacional! Se cada pessoa fizer a sua parte, vamos ter um evento incrível, cheio de conhecimento, arte e acessibilidade! Vou organizar com a turma a ordem das apresentações e saber qual será o tema específico de cada trabalho.
- QUINHO** Eu vou falar com a minha vó pra ela ajudar com a comida que vamos servir. Um evento desses tem que ter, pelo menos, café com leite, bolo e biscoito e pão de queijo e bolinho de chuva...
(*As meninas olham com deboche*) Por que vocês estão me olhando assim? Vai ter opção vegana também!
- TIA ROSA** Tenho certeza de que a sua avó ficará feliz em ajudar. Então é isso: vamos agilizar!
- QUINHO** Calma! Eu quero ficar encarregado do número de abertura. Vamos montar uma abertura superlegal! Mas vou precisar de vocês, tudo bem? Principalmente de você, Bel. Porque, depois do número de abertura, acho que você já pode dar início às apresentações.
- BEL** Com certeza, eu supertopo participar.
- SOFIA** Eu nunca mais ia falar com você se me deixasse de fora dessa! Claro que topo!
- VALEN** Cara, você arrasa nas apresentações e eu quero fazer parte disso!

TIA ROSA Se tiver espaço para mim, eu também participo!

QUINHO Todas as pessoas são bem-vindas!

BEL Mas o que é, exatamente, que eu vou ter que apresentar? Preciso me preparar.

QUINHO Não se preocupe que não vai dar trabalho. Nosso número de abertura será uma música de Chiquinha Gonzaga!

(Música “Ó abre alas”, de Chiquinha Gonzaga, Rodrigo Pereira Martins e Eliseu Fiuza. O elenco começa a cantar, acompanhados por Tia Rosa ao violão. Começam a reorganizar o cenário de maneira que os elementos usados nas performances sejam vistos, como se criassem uma linha do tempo com eles. Aos poucos, pegam seus instrumentos musicais e começam a tocar.)

TODOS

Ó abre alas que eu quero passar
 Ó abre alas que eu quero passar
 Eu sou da lira não posso negar
 Eu sou da lira não posso negar

Ó abre alas que eu quero passar
 Ó abre alas que eu quero passar
 Rosa de ouro é que vai ganhar
 Rosa de ouro é que vai ganhar

FIM ■

Este livro foi produzido na cidade do Rio de Janeiro
pela Fundação Nacional de Artes – Funarte.

